



✿ A GRUTA GORGÔNEA ✿


CIA. DAS LETRAS



Caro Leitor,

Se você esperava encontrar uma história tranquila e alegre, lamento dizer que escolheu o livro errado. A história pode parecer animadora no início, quando os meninos Baudelaire passam o tempo em companhia de alguns répteis interessantes e de um tio alto-astral, mas não se deixem enganar. Se vocês tem uma leve noção da incrível má sorte dos irmãos Baudelaire, já sabe que, no caso deles, até mesmo acontecimentos agradáveis acabam sempre em sofrimento e desgraça.

Nas páginas que você tem em mãos, as três crianças sofrem um acidente de carro, veem-se às voltas com uma serpente mortífera, um cheiro pavoroso, um facão enorme e o reaparecimento de uma pessoa que esperavam nunca mais ver.

Infelizmente, é meu dever pôr no papel esses trágicos episódios. Mas nada impede que você coloque este livro de volta na estante e procure algo mais leve.

Respeitosamente,

Lemony Snicket

Lemony Snicket

Personagens

Na classificação das pessoas mais infelizes do mundo — e você sabe que elas não são poucas — os irmãos Baudelaire ocupam sem dúvida o primeiro lugar. Eles viveram mais coisas horríveis que qualquer pessoa. Mas quem são esses desafortunados?



VIOLET BAUDELAIRE tem catorze anos e é uma das maiores inventoras do seu tempo. As engrenagens e alavancas de seu cérebro funcionam a todo o vapor.



KLAUS BAUDELAIRE, O irmão do meio, usa óculos, o que pode dar a impressão de que seja amante dos livros. Impressão absolutamente correta. Ele emprega todo o seu conhecimento em decifrar os planos do pérfido conde Olaf.



SUNNY BAUDELAIRE, a mais nova dos três, é ainda um bebê. Seus quatro afiados dentes entram em ação na primeira oportunidade.

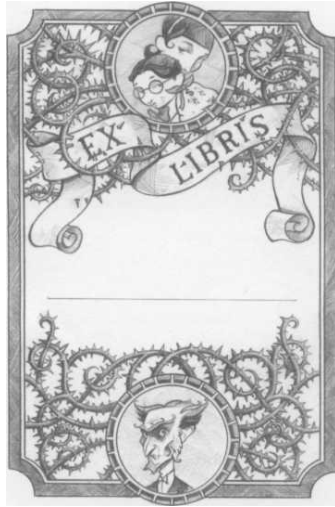


E este é o arquiinimigo dos irmãos Baudelaire: o **CONDE OLAF**. Homem revoltante, gosmento, pérfido, sobre ele é melhor dizer o menos possível.

Eu, **Lemony Snicket**, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica.

Veja mais informações no meu site: www.lemonysnicket.com (em inglês).

Meu ilustrador, **Brett Helquist**, nasceu no Arizona, cresceu em Utah e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Colabora em diversas publicações, como *Cricket Magazine* e *The New York Times*.



* Desventuras em Série *

Livro primeiro *Mau começo*

Livro segundo *A Sala dos Répteis*

Livro terceiro *O lago das sanguessugas*

Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*

Livro quinto *Inferno no colégio interno*

Livro sexto *O elevador ersatz*

Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*

Livro oitavo *O hospital hostil*

Livro nono *O espetáculo carnívoro*

Livro décimo *O escorregador de gelo*

Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*

Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*

Livro tredécimo *O Fim*

✧ Desventuras em Série ✧

LIVRO Undécimo



A GRUTA GORGÔNEA

de LEMONY SNICKET

Ilustrações de Brett Helquist

Tradução de Ricardo Gouveia

Texto 2004 by Lemony Snicket
Ilustrações 2004 by Brett Helquist
Título original: *The Grim Grotto*
Preparação: *Beatriz Antunes*
Revisão: *Cláudia Cantarim Marise Simões Leal*

Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

*Para Beatrice —
Mulheres mortas não contam histórias.
Homens tristes as escrevem.*



CAPÍTULO UM

Depois de passar um bocado de tempo examinando oceanos, investigando tempestades e perscrutando severamente diversos bebedouros, os cientistas do mundo desenvolveram uma teoria a respeito de como a água é distribuída pelo nosso planeta, a qual chamaram “ciclo das águas”. O ciclo das águas consiste em três fenômenos-chave: evaporação, precipitação e acumulação — todos igualmente maçantes.

É claro que ler sobre coisas maçantes é maçante, mas é melhor ler algo que faz você bocejar de tédio do que uma coisa que o fará chorar descontroladamente, dar murros no chão e deixar manchas de lágrimas espalhadas na fronha, nos lençóis e na sua coleção de bumerangues. Assim como o ciclo das águas, a história das crianças Baudelaire consiste em três fenômenos-chave, mas seria melhor se, em vez de ler esta lastimável história, você lesse alguma coisa sobre o ciclo das águas mesmo.

Violet, o fenômeno mais velho, estava perto dos quinze anos de idade e muito perto de ser a melhor inventora que o mundo já conheceu. Até onde posso dizer, era a melhor inventora que já se viu capturada pelas águas

cinzentas do Arroio Enamorado, agarrando-se desesperadamente a um tobogã enquanto era arrastada para longe do Vale das Correntezas que Sopram Constantes. Se eu fosse você, preferiria me concentrar no maçante fenômeno da evaporação, que é o processo pelo qual a água se transforma em vapor para formar nuvens, em vez de pensar na confusão que a aguardava ao pé das Montanhas de Mão-Morta.

Klaus era o segundo Baudelaire mais velho, mas seria melhor para sua saúde que você se concentrasse no maçante fenômeno da precipitação, que é o processo pelo qual o vapor volta a se transformar em água para cair em forma de chuva, em vez de gastar um momento que seja pensando no fenômeno das excelentes habilidades de Klaus como pesquisador e na quantidade de problemas e infortúnios que essas habilidades lhe trouxeram, a partir do momento em que ele e suas irmãs conheceram o conde Olaf, o notório vilão que perseguia as crianças desde que seus pais pereceram em um incêndio terrível.

E até Sunny Baudelaire, recentemente saída da primeira infância, é um fenômeno em si, não apenas por seus dentes afiadíssimos, que ajudaram os Baudelaire em diversas circunstâncias desagradáveis, como também por suas recém-descobertas habilidades culinárias, que alimentaram os Baudelaire em diversas circunstâncias desagradáveis. Muito embora o fenômeno da acumulação, que descreve o ajuntamento da água da chuva em um só lugar para que ela evapore e recomece o tedioso processo, seja talvez o mais maçante do ciclo das águas, seria muito melhor para você se levantar e ir direto à biblioteca mais próxima passar vários dias maçantes lendo todos os fatos maçantes que encontrar sobre acumulação, pois o fenômeno do que acontece com Sunny Baudelaire no decurso destas páginas é o mais pavoroso que sou capaz de imaginar, e sou capaz de imaginar uma enorme quantidade deles. O ciclo das águas pode ser uma série de fenômenos maçantes, mas a história dos Baudelaire é totalmente diferente, e esta é uma excelente oportunidade para você ler alguma coisa maçante em vez de se inteirar do que aconteceu com os Baudelaire, quando as águas impetuosas do Arroio Enamorado os arrastaram para longe das montanhas.

“O que será de nós?”, perguntou Violet, erguendo a voz para se fazer ouvir por cima do estrondo das águas. “Eu não creio que possa inventar nada que detenha este tobogã.”

“Eu creio que você não deve nem tentar”, gritou Klaus em resposta à irmã. “A chegada da Falsa Primavera derreteu o gelo do arroio, mas a água ainda está muito fria. Se um de nós cair, não sei quanto tempo poderemos sobreviver.”

“Quigley”, choramingou Sunny. A mais jovem dos Baudelaire muitas vezes falava de um jeito que podia ser difícil de entender, mas ultimamente sua fala vinha se desenvolvendo quase tão depressa quanto suas habilidades culinárias, e seus irmãos sabiam que ela estava se referindo a Quigley Quagmire, de quem os Baudelaire tinham se tornado amigos havia pouco tempo. Quigley ajudara Violet e Klaus a chegar ao alto do Cume das Aflições a fim de encontrar a base de operações de C.S.C. e salvar Sunny das garras do conde Olaf, mas um outro afluente do Arroio Enamorado o arrastara na direção oposta, e o cartógrafo — uma palavra que aqui significa “alguém muito bom em mapas, e por quem Violet Baudelaire sentia um afeto especial” — não tinha sequer um tobogã para mantê-lo fora da água gelada.

“Tenho certeza de que Quigley conseguiu sair da água”, disse depressa Violet, muito embora, naturalmente, não tivesse certeza de nada. “Eu só queria que soubéssemos aonde ele estava indo. Ele nos disse para encontrá-lo em algum lugar, mas o estrondo da cachoeira o interrompeu.”

O tobogã balançava na água enquanto Klaus enfiava a mão no bolso e tirava de lá um caderno azul-escuro. O caderno tinha sido um presente de Quigley, e Klaus o usava como livro de lugar-comum, um expressão que aqui significa “caderno no qual ele escrevia qualquer informação interessante ou útil”. “Nós decodificamos aquela mensagem que nos informava sobre um importante encontro de C.S.C. na quinta-feira”, disse ele, “e graças a Sunny sabemos que o encontro é no Hotel Desenlace. Talvez seja esse o lugar onde Quigley quer se encontrar conosco — o último santuário.”

“Mas não sabemos onde fica”, observou Violet. “Como podemos nos encontrar com alguém em um lugar desconhecido?”

Os três Baudelaire suspiraram e, por alguns momentos, os irmãos ficaram sentados em silêncio no tobogã, ouvindo o gorgolejar da correnteza. Há pessoas que gostam de observar uma correnteza por horas, olhando fixamente para a água rebrilhante e pensando nos mistérios do mundo. Mas as águas do Arroio Enamorado estavam sujas demais para rebrilhar, e cada

mistério que as crianças tentavam resolver parecia levar a mais mistérios, e até esses mistérios continham outros mistérios; portanto, quando elas ponderavam aqueles mistérios, sentiam-se mais arrasadas que pensativas. Sabiam que C.S.C. era uma organização secreta, porém, ao que parecia, não conseguiam descobrir muita coisa sobre o que fazia a organização, nem por que ela deveria interessar aos Baudelaire. Sabiam que o conde Olaf estava ávido por colocar suas mãos imundas sobre certo açucareiro, porém não faziam idéia de por que o açucareiro era tão importante, nem onde diabos ele estava. Sabiam que havia pessoas no mundo que poderiam ajudá-las, porém muitas dessas pessoas — tutores, amigos, banqueiros — já tinham provado não ser de nenhuma ajuda, ou tinham desaparecido de suas vidas quando os Baudelaire mais precisaram delas. E sabiam que havia pessoas no mundo que não iriam ajudá-las — pessoas vilanescas, que pareciam se multiplicar na mesma medida que sua perfídia e perversidade escorriam sobre a terra, como um aterrador ciclo das águas do infortúnio e do desespero. Mas, no momento, o maior dos mistérios parecia ser o que fazer em seguida e, amontoados em cima do tobogã flutuante, os Baudelaire não conseguiam pensar em nada.

“Se ficarmos no tobogã”, disse Violet por fim, “para onde vocês acham que iremos?”

“Montanha abaixo”, disse Klaus. “A água corre para baixo. O Arroio Enamorado deve desembocar fora das Montanhas de Mão-Morta, no interior, e depois, por fim, em algum corpo d'água maior — um lago ou um oceano. De lá, a água se evaporará formando nuvens, cairá como chuva e neve, e assim por diante.”

“Tédio”, disse Sunny.

“O ciclo das águas é mesmo bem tedioso”, concordou Klaus, “mas pode ser o meio mais fácil de nos afastarmos do conde Olaf.”

“É verdade”, disse Violet. “Olaf disse que estaria bem atrás de nós.”

“Esmelita”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “Junto com Esmé Squalor e Carmelita Spats”, e os Baudelaire franziram as sobrancelhas ao pensar na namorada de Olaf, que participava dos esquemas do vilão porque acreditava que traição e fraude eram coisas muito elegantes, ou *in*, e na ex-colega de classe dos Baudelaire que se juntara recentemente a Olaf por suas próprias razões egoístas.

“Então vamos apenas ficar sentados neste tobogã e ver aonde ele nos leva?”, perguntou Violet.

“Não é um grande plano”, admitiu Klaus, “mas não consigo imaginar um melhor.”

“Passivo”, disse Sunny, e seus irmãos assentiram, taciturnos. “Passivo” é uma palavra inusitada na boca de um bebê e, na verdade, seria uma palavra inusitada na boca de um Baudelaire ou de qualquer outra pessoa que leve uma vida interessante. Significa apenas “aceitar o que está acontecendo sem fazer nada a respeito”, e certamente todo mundo tem momentos passivos de vez em quando. Talvez você já tenha vivenciado um momento passivo na loja de calçados, enquanto o vendedor forçava seus pés para dentro de uma série de sapatos feios e desconfortáveis, sendo que o tempo todo você queria um par vermelho-vivo com fivelas esquisitas que ninguém no mundo compraria para você. Os Baudelaire tinham vivenciado um momento passivo na Praia de Sal, quando receberam a terrível notícia sobre seus pais e, entorpecidos, foram conduzidos pelo sr. Poe para suas novas vidas de desventuras. Recentemente eu mesmo vivenciei um momento passivo, sentado em uma cadeira enquanto um vendedor forçava meus pés para dentro de uma série de sapatos feios e desconfortáveis, sendo que o tempo todo eu queria um par vermelho-vivo com fivelas esquisitas que ninguém no mundo compraria para mim. Porém, um momento passivo no meio de uma correnteza impetuosa, quando pessoas vilanescas estão na sua cola em furiosa perseguição, é um momento difícil de aceitar, e foi por isso que os Baudelaire estremeeceram em cima do tobogã, enquanto o Arroio Enamorado os levava cada vez mais longe, montanha abaixo, exatamente como eu estremeeci quando tentava planejar minha fuga daquela sinistra loja de calçados. Violet estremeceu e pensou em Quigley, esperando que ele tivesse conseguido escapar da água fria e estivesse em segurança. Klaus estremeceu e pensou em C.S.C. esperando ainda poder aprender sobre a organização, apesar de sua base de operações ter sido destruída. E Sunny estremeceu e pensou nos peixes do Arroio Enamorado, que ocasionalmente punham a cabeça para fora da água cinzenta e tossiam. Ela se perguntava se as cinzas, que foram deixadas na água por um incêndio recente nas montanhas e tornavam difícil a respiração dos peixes, também estragariam o sabor deles, mesmo se fosse usada uma receita com bastante manteiga e limão.

Os Baudelaire estavam tão concentrados em pensar e estremecer que, quando o tobogã contornou uma das estranhas vertentes quadradas dos picos das montanhas, passou-se um instante antes que eles notassem o panorama que se descortinava abaixo deles. Foi só depois de alguns fragmentos de jornal passarem voando diante de seus rostos que os Baudelaire olharam para baixo, e o que viram quase os deixou sem fôlego.

“O que é isso?”, disse Violet.

“Não sei”, disse Klaus. “Dessa altura é difícil dizer.”

“Subjavik”, disse Sunny, e era verdade. Daquele lado das Montanhas de Mão-Morta, os Baudelaire esperavam ver uma região silvestre, a vasta extensão de paisagem plana onde tinham passado um bom tempo. Em vez disso, parecia que o mundo se transformara em um mar muito, muito escuro. Até onde a vista podia alcançar, havia redemoinhos cinzentos e pretos movendo-se como estranhas enguias na água sombria. De quando em quando, um dos redemoinhos liberava um pequeno e frágil objeto que flutuava qual pluma na direção dos Baudelaire. Alguns desses objetos eram fragmentos de jornal. Outros pareciam pedacinhos de pano. E alguns, de tão escuros, eram absolutamente irreconhecíveis, uma expressão que Sunny preferia enunciar como “subjavik”.

Klaus apertou os olhos para baixo por trás dos óculos e depois voltou-se para as irmãs com uma expressão de desespero. “Eu sei o que é isso”, disse mansamente. “São as ruínas de um incêndio.”

Os Baudelaire olharam novamente para baixo e viram que Klaus tinha razão. Daquela altura, as crianças levaram um momento para se dar conta de que um enorme incêndio devastara toda a região, deixando para trás somente restos cinzentos.

“É claro”, disse Violet. “É estranho não termos reconhecido antes. Mas quem atearia fogo no mato?”

“Nós”, disse Klaus.

“Caligari”, disse Sunny, lembrando Violet de um horrível parque de diversões onde os Baudelaire tinham passado algum tempo disfarçados. Infelizmente, como parte do disfarce, fora necessário ajudar o conde Olaf a tocar fogo no parque de diversões, e agora eles podiam ver os frutos de seus esforços, uma expressão que aqui significa “os resultados da coisa horrível que fizeram, muito embora não tivessem a menor intenção”.

“O incêndio não é culpa nossa”, disse Violet.

“Não inteiramente. Nós *tínhamos* de ajudar Olaf, pois de outra forma ele teria descoberto nossos disfarces.”

“Ele descobriu nossos disfarces mesmo assim”, observou Klaus.

“Neresculpa”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “Mas mesmo assim a culpa não é nossa”.

“Sunny está certa”, disse Violet. “Nós não inventamos o plano. Olaf inventou.”

“Mas também não o impedimos”, observou Klaus. “E uma porção de gente acha que somos totalmente responsáveis. Aqueles pedaços de jornal são provavelmente d'*O Pundonor Diário*, que já nos culpou por toda sorte de crimes terríveis.”

“Você está certo”, disse Violet com um suspiro, muito embora eu tenha descoberto que Klaus estava errado e que os fragmentos de jornal que passavam voando pelos Baudelaire eram de uma outra publicação, que teria sido de enorme ajuda caso eles tivessem juntado os pedaços. “Talvez devamos ser passivos por algum tempo. Ser ativos não nos ajudou muito.”

“Qualquer que seja o caso”, disse Klaus, “devemos continuar no tobogã. O fogo não pode nos fazer mal se estivermos flutuando em um arroio.”

“Parece que não temos escolha”, disse Violet. “Olhem.”

Os Baudelaire olharam, e viram que o tobogã se aproximava de uma espécie de convergência, onde outro afluente do Arroio Enamorado se encontrava com o deles. O arroio estava agora muito mais largo, e a água ainda mais turbulenta, de modo que os Baudelaire tinham de se agarrar firme no tobogã para não ser atirados às águas cada vez mais fundas.

“Devemos estar nos aproximando de um corpo d'água maior”, disse Klaus. “Avançamos mais no ciclo das águas do que eu imaginava.”

“Você acha que é o mesmo afluente que arrastou Quigley para longe?”, disse Violet, esticando o pescoço para procurar o amigo desaparecido.

“Egosolo!”, exclamou Sunny, o que queria dizer: “Não podemos pensar em Quigley agora, temos de pensar em nós mesmos”, e a mais jovem dos Baudelaire tinha razão. Com um sonoro *vupt!* o arroio contornou mais uma vertente quadrada, e momentos depois suas águas ficaram tão violentamente agitadas que os Baudelaire tiveram a sensação de estar não sobre um tobogã quebrado, mas cavalcando um potro selvagem.

“Você consegue conduzir o tobogã na direção da margem?”, gritou Klaus por cima do barulho da correnteza.

“Não!”, gritou Violet. “O mecanismo de direção quebrou quando descemos a cachoeira, e o arroio é largo demais para remarmos até lá!” Violet encontrou uma fita no bolso e parou um instante para prender os cabelos com ela, o que a fazia pensar melhor. Ela baixou os olhos para o tobogã e tentou lembrar dos diversos projetos mecânicos que examinara na infância, quando seus pais estavam vivos e incentivavam seu interesse por engenharia mecânica. “Os patins do tobogã”, disse ela, e depois repetiu num brado para ser ouvida por cima do barulho da água. “Os patins! Eles ajudam o tobogã a manobrar na neve, e talvez possam nos ajudar a manobrá-lo na água!”

“Onde estão os patins?”, perguntou Klaus, olhando em volta.

“No fundo do tobogã!”, gritou Violet.

“Impossível?”, perguntou Sunny, o que significava alguma coisa do tipo: “Como vamos alcançar o fundo do tobogã?”.

“Não sei”, disse Violet, e começou a procurar freneticamente nos bolsos algum material para invenções. Trouxera consigo uma comprida faca de pão, mas ela se fora desde que a usara pela última vez — provavelmente arrastada pela correnteza, junto com Quigley. Ela olhou para a frente, para a torrente de água espumante que ameaçava engolfá-los. Violet contemplou as margens distantes do arroio, que ficavam cada vez mais distantes à medida que ele continuava a se alargar. E olhou para os irmãos, que aguardavam para ser salvos por suas habilidades inventivas. Seus irmãos olharam de volta, e os três Baudelaire se entreolharam por um momento, piscando para expulsar a água escura dos olhos enquanto pensavam em alguma coisa para fazer.

Justo naquele momento, contudo, mais um olho chegou, também piscando para expulsar a água escura enquanto se erguia para fora da correnteza, bem na frente dos Baudelaire. De início parecia o olho de alguma terrível criatura marinha, encontrável somente em livros de mitologia e nas piscinas de certos balneários. Mas quando o tobogã chegou mais perto, as crianças puderam ver que o olho era feito de metal, empoleirado no topo de um comprido mastro metálico que se curvava na ponta para proporcionar um ângulo melhor de visão. É muito inusitado ver um olho de metal se erguendo do meio das águas turbulentas de um arroio,

e no entanto aquele olho era algo que os Baudelaire já tinham visto muitas vezes, desde o seu primeiro encontro com um olho tatuado no tornozelo esquerdo do conde Olaf. O olho era uma insígnia e, se você olhasse para ele de um determinado modo, também se parecia com três letras misteriosas.

“C.S.C.!", gritou Sunny, quando o tobogã se aproximou ainda mais.

“O que é isso?”, perguntou Klaus.

“É um periscópio!", disse Violet. “São usados por submarinos, para olhar as coisas que estão na superfície da água!”

“Isso quer dizer”, gritou Klaus, “que há um submarino abaixo de nós?”

Violet não precisou responder, pois o olho se ergueu mais acima da água e os órfãos puderam ver que o mastro estava preso a uma grande peça chata de metal, a maior parte da qual estava submersa. O tobogã chegou mais perto, até o periscópio ficar ao alcance da mão, e então parou, como uma jangada pararia ao atingir uma grande pedra.

“Olhem!", gritou Violet enquanto as águas precipitavam-se à volta deles. Ela apontou para uma escotilha bem na base do periscópio. “Vamos bater, talvez possam nos ouvir!”

“Mas não temos idéia de quem está lá dentro”, disse Klaus.

“Vamagir!", guinchou Sunny, o que queria dizer: “É nossa única possibilidade de viajar por essas águas em segurança”, então se inclinou para a escotilha e começou a raspá-la com os dentes. Seus irmãos juntaram-se a ela, preferindo usar os punhos para esmurrar a escotilha de metal.

“Olá!", gritou Violet.

“Olá!", berrou Klaus.

“Shalom!", guinchou Sunny.

Por cima do barulho da torrente impetuosa, os Baudelaire ouviram um som muito abafado vindo de trás da escotilha. O som era uma voz humana, que ressoava e fazia eco, como se viesse do fundo de um poço. “Amigo ou inimigo?”, disse a voz.

Os Baudelaire se entreolharam. Eles sabiam, assim como estou certo de que você sabe, que “amigo ou inimigo?” é uma saudação tradicional, dirigida a visitantes que se aproximam de um lugar importante, como um palácio real ou uma loja de calçados fortemente guardada, e precisam se identificar como amigos ou inimigos das pessoas que estão dentro. Mas os

irmãos não sabiam se eram amigos ou inimigos pela simples razão de que não tinham a menor idéia de quem estava perguntando.

“O que vamos dizer?”, perguntou Violet, baixando o tom de voz. “O olho pode querer dizer que o submarino é do conde Olaf, e nesse caso somos inimigos.”

“O olho pode significar que o submarino é C.S.C.”, disse Klaus, “e nesse caso somos amigos.”

“Óbvio!”, disse Sunny, o que queria dizer: “Só existe uma resposta que nos faça entrar no submarino”, e gritou para a escotilha: “Amigo!”.

Houve uma pausa, e então a voz ecoante falou de novo: “Senha, por favor”.

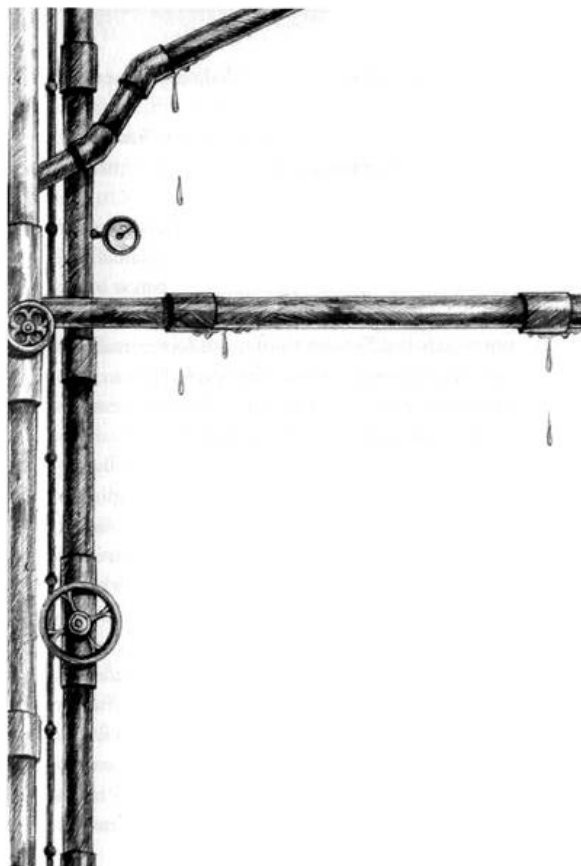
Os Baudelaire se entreolharam mais uma vez. Uma senha, como se sabe, é uma certa palavra ou frase que alguém pronuncia a fim de receber informações ou adentrar um lugar secreto, e os irmãos, é claro, não faziam idéia do que dizer para adentrar um submarino. Por um momento, eles não disseram nada, apenas tentaram pensar, muito embora desejassem estar em um lugar mais tranquilo, para poder pensar sem os ruídos das águas revoltas a correr e dos peixes a tossir. Desejavam que, em vez de estar abandonados à própria sorte em um tobogã no meio do Arroio Enamorado, estivessem em alguma sala silenciosa, como a biblioteca dos Baudelaire, onde pudessem ficar sentados em silêncio, lendo tudo a respeito de qual poderia ser a senha. Mas enquanto os três irmãos pensavam em uma biblioteca, uma das irmãs lembrou-se de outra: a biblioteca destruída de C.S.C. lá em cima, no Vale das Correntezas que Sopram Constantes, onde antes se erguia a base de operações. Violet pensou em uma arcada de ferro, um dos poucos remanescentes da biblioteca, e no lema ali gravado. A mais velha dos Baudelaire olhou para seus irmãos, inclinou-se para a escotilha e repetiu as palavras misteriosas que tinha visto e que, assim esperava, a levariam, junto com os irmãos, à segurança.

“O mundo aqui silencia”, disse ela.

Houve uma pausa e, com um estridente *créc!* metálico, a escotilha se abriu, e os irmãos olharam para dentro de um buraco escuro onde uma escada presa à parede lhes permitiria descer. Eles estremeceram, e não apenas por causa da friagem que vinha dos ventos gélidos da montanha e das águas escuras e apressadas do Arroio Enamorado. Eles estremeceram porque não sabiam para onde estavam indo, nem quem iriam encontrar se

descessem a escada para dentro do buraco. Em vez de entrar, os Baudelaire queriam gritar uma coisa para baixo através da escotilha — as mesmas palavras que alguém lhes gritara para cima. “Amigo ou inimigo?” é o que queriam perguntar. “Amigo ou inimigo?” Seria mais seguro entrar no submarino ou arriscar a vida do lado de fora, nas águas impetuosas do Arroio Enamorado?

“Entrem, jovens Baudelaire”, disse a voz, e, pertencesse ela a amigo ou inimigo, os Baudelaire decidiram entrar.



CAPÍTULO DOIS

“Bem aqui embaixo!”, disse a voz ecoante quando os órfãos Baudelaire começaram a descer pela escada. “Positivo! Cuidado com a escada! Fechem a escotilha ao passar! Não se apressem! Não... desçam devagar! Tratem de não cair! Olhem onde pisam! Positivo! Não vão tropeçar! Não façam barulho! Não me assustem! Positivo! Não olhem para baixo! Não... olhem aonde estão indo! Não tragam nenhum líquido inflamável a bordo! Cuidado com os pés! Positivo! Não... cuidado com as costas! Não... cuidado com a boca! Não... cuidado com vocês mesmos! Positivo!”

“Positivo?”, sussurrou Sunny para os irmãos.

“Positivo“, Klaus explicou baixinho, “é um outro jeito de dizer 'sim'.”

“Positivo!”, disse de novo a voz. “Fiquem de olhos abertos! Cuidado embaixo! Cuidado em cima! Cuidado com os espiões! Cuidado um com o outro! Cuidado! Positivo! Tenham muito cuidado! Fiquem muito atentos!

Fiquem muito, muito atentos! Descansem um pouco! Não... prossigam! Fiquem acordados! Fiquem calmos! Alegrem-se! Continuem descendo! Não tirem a camisa! Positivo!”

Por desesperada que fosse a situação, os Baudelaire quase não conseguiram conter as risadinhas. A voz bradava tantas instruções, e tão poucas faziam sentido, que teria sido impossível para as crianças segui-las. A voz era bastante alegre e um pouco dispersiva, como se a pessoa que falasse não se importasse realmente se suas instruções estavam sendo seguidas ou não, e provavelmente já as tinha até esquecido. “Segurem o corrimão!”, a voz continuou quando os Baudelaire divisaram uma luz no fim da passagem. “Positivo! Não... segurem uns aos outros! Segurem seus chapéus! Não... segurem suas mãos! Não... segurem as pontas! Esperem um minuto! Esperem um segundo! Parem de esperar! Parem com as guerras! Parem com as injustiças! Parem de me aborrecer! Positivo!”

Sunny tinha sido a primeira a entrar na passagem, portanto foi a primeira a chegar ao fundo e abaixar-se cautelosamente para dentro de uma pequena sala mal iluminada e com um teto muito baixo. Em pé no centro da sala havia um sujeito enorme vestido com um uniforme lustroso, feito de algum tipo de material com aparência escorregadia, e botas de aspecto também escorregadio nos pés. No centro do uniforme havia o retrato de um homem com barba, embora ele mesmo não usasse barba, apenas um bigode muito comprido e de pontas viradas, que pareciam dois parênteses. “Um de vocês é bebê!”, bradou ele enquanto Klaus e Violet desciam ao lado da irmã. “Positivo! Não... vocês dois são bebês! Não... são três! Não... nenhum de vocês é bebê! Bem, um de vocês meio que é bebê! Bem-vindos! Positivo! Olá! Boa tarde! Salve! Apertem minha mão! Positivo!”

Os Baudelaire apertaram apressadamente a mão do homem, que estava coberta por uma luva feita do mesmo material escorregadio. “Meu nome é Violet B...”, começou a dizer Violet.

“Baudelaire!”, interrompeu o homem. “Eu sei!”

Não sou burro! Positivo! E vocês são Klaus e Sunny! Vocês são os Baudelaire! As três crianças Baudelaire! Positivo! Aquelas que *O Pundonor Diário* culpa por todos os crimes que eles são capazes de imaginar, porém na verdade são inocentes, mas assim mesmo estão metidos em encrenca grossa! É claro! Prazer em conhecê-los! Em pessoa! Por assim dizer! Vamos! Sigam-me! Positivo!”

O homem voltou-se num rodopio e saiu da sala batendo os pés, sem deixar aos perplexos Baudelaire nenhuma opção senão segui-lo por um corredor. O corredor era coberto por tubulações metálicas ao longo das paredes, do piso e do teto, o que fazia os Baudelaire precisarem se abaixar de vez em quando, ou erguer os pés bem alto, para conseguir passar. Ocasionalmente, gotas d'água pingavam de uma das tubulações e caíam na cabeça deles, mas já estavam tão encharcados da água do Arroio Enamorado que mal notaram. Além disso, estavam ocupados demais tentando acompanhar o que o homem dizia para pensar em qualquer outra coisa.

“Vejam! Vou arranjar trabalho para vocês imediatamente! Positivo! Não... primeiro vou levá-los em excursão pelo submarino! Não... vou lhes dar almoço! Não... vou apresentá-los à tripulação! Não... vou deixá-los descansar! Não... é melhor arranjar uns uniformes para vocês! Positivo! É importante que todos a bordo usem uniformes à prova d'água, para o caso de o submarino implodir e irmos parar embaixo d'água! É claro que, nesse caso, vamos precisar de capacetes de mergulho! Com exceção de Sunny, porque ela não pode usar um! Acho que ela vai se afogar! Não... ela pode se enroscar dentro de um capacete de mergulho! Positivo! Os capacetes têm uma portinhola na nuca exatamente para esses casos! Positivo! Já vi fazerem isso! Eu vi muitas coisas no meu tempo!”

“Desculpe”, disse Violet, “mas poderia nos dizer quem é você?”

O homem voltou-se bruscamente para encarar as crianças e ergueu as mãos acima da cabeça. “*O quê?*”, rugiu ele. “Vocês não sabem quem sou eu? Nunca fui tão insultado na minha vida! Não... eu já fui. Muitas vezes, de fato. Positivo! Lembro-me de quando o conde Olaf se virou para mim e disse, naquela voz horrorosa dele... Não, não importa. Eu vou lhes contar. Sou o capitão Andarré. Escreve-se A-N-D-A-R-R-É. De trás para diante é É-R-R-A-D... bem, não importa. Ninguém escreve o nome de trás para diante! Exceto pessoas que não respeitam o alfabeto! E elas não estão aqui! Estão?”

“Não”, disse Klaus. “Temos um bocado de respeito pelo alfabeto.”

“Eu que o diga!”, bradou o capitão. “Klaus Baudelaire desrespeitando o alfabeto? Ora, é impensável! Positivo! É ilegal! É impossível! Não é verdade! Como você se atreve a dizer isso! Não... você não disse isso! Peço desculpas! Mil perdões! Positivo!”

“Esse é o seu submarino, capitão Andarré?”, perguntou Violet.

“O quê?”, rugiu o capitão. “Você não sabe de quem é esse submarino? Uma inventora de renome como você, e não tem a mais pálida noção de história básica dos submarinos? É claro que esse é o meu submarino! Há anos que é o meu submarino! Positivo! Você nunca ouviu falar do capitão Andarré e o *Queequeg*! Você nunca ouviu falar do *Submarino Q e Sua Tripulação de Dois*? É um pequeno apelido que eu mesmo inventei! Com alguma ajuda! Positivo! Eu imaginava que Josephine tivesse contado a vocês sobre o *Queequeg*! Afinal, patrulhei o Lago Lacrimoso durante anos a fio! Pobre Josephine! Não se passa um dia sem que eu pense nela! Positivo! A não ser em alguns dias em que isso me foge à lembrança!”

“Noitutti?”, perguntou Sunny.

“Me disseram que eu levaria algum tempo para entender tudo o que você diz”, disse o capitão, baixando os olhos para Sunny. “Não tenho muita certeza de encontrar tempo para aprender mais uma língua estrangeira! Positivo! Talvez eu possa me matricular em algum curso noturno!”

“O que minha irmã quer dizer”, disse depressa Violet, “é que ela está curiosa para saber como você sabe tanta coisa sobre nós.”

“Como alguém sabe alguma coisa sobre alguma coisa?”, retrucou o capitão. “Eu li, é claro! Li cada boletim do Correio Sub-reptício Cooperativo que recebi! Muito embora não tenha recebido nenhum ultimamente! Positivo! É por isso que fico feliz por vocês terem aparecido aqui! Positivo! Pensei que ia desmaiar quando espiei pelo periscópio e vi suas carinhas molhadas olhando de volta para mim! Positivo! Eu tinha certeza de que eram vocês, mas não vacilei em pedir a senha! Positivo! Eu jamais vacilo! Positivo! É a minha filosofia de vida!”

O capitão parou no meio do corredor e apontou para um retângulo de latão que estava afixado em uma parede. Era uma placa comemorativa, uma expressão que aqui significa “retângulo de metal com palavras gravadas, usado geralmente para indicar que algo de importante aconteceu no lugar em que o retângulo está afixado”. Essa placa tinha um grande olho C.S.C. gravado no alto, vigiando as palavras “FILOSOFIA DE VIDA DO CAPITÃO” gravadas em letras enormes, mas os Baudelaire precisaram se inclinar até bem perto para enxergar o que estava gravado embaixo.

“Aquele que vacila está perdido!”, bradou o capitão, apontando cada palavra com um dedo grosso e enluvado.

“Ou aquela“, acrescentou Violet, apontando para um par de palavras que alguém adicionara em letras rabiscadas.

“Minha enteada acrescentou isso”, disse o capitão Andarré. “E ela está certa! 'Ou aquela'! Um dia eu andava por esse corredor quando me dei conta de que qualquer um pode estar perdido se vacilar! Você poderia estar sendo perseguido por um polvo gigante, e se resolvesse parar um instante para amarrar os sapatos, o que aconteceria? Estaria tudo perdido, isso é o que aconteceria! Positivo! É por isso que essa é a minha filosofia de vida! Eu jamais vacilo! Jamais! Positivo! Bem, às vezes eu vacilo! Mas tento não vacilar! Porque aquele ou aquela que vacila está perdido! Vamos embora!”

Sem vacilar nem mais um momento junto à placa comemorativa, o capitão Andarré girou nos calcanhares e levou as crianças mais adiante no corredor, que ressoava com o estranho ruído de suas botas à prova d'água a cada passo que dava. As crianças, um pouco atordoadas com a loquacidade do capitão, pensavam em sua filosofia de vida, e se esta deveria ou não ser também a filosofia delas. Ter uma filosofia de vida é como ter um sagüi de estimação, porque ele pode ser muito encantador quando você o adquire, mas podem surgir situações em que ele não será nem um pouco oportuno. À primeira vista, “aquele ou aquela que vacila está perdido” parecia ser uma filosofia razoável, mas os Baudelaire podiam imaginar situações em que vacilar poderia ser a melhor coisa a fazer. Violet ficou feliz por ter vacilado quando ela e seus irmãos moravam com a tia Josephine, pois de outra forma ela poderia nunca ter se dado conta da importância das balas de hortelã que encontrara em seu bolso. Klaus ficou feliz por ter vacilado no Hospital Heimlich, pois de outra forma poderia nunca ter pensado em um modo de disfarçar Sunny e a si mesmo como profissionais médicos para que pudessem salvar Violet de uma cirurgia desnecessária. E Sunny ficou feliz por ter vacilado do lado de fora da barraca do conde Olaf, no Cume das Aflições, pois de outra forma poderia nunca ter tido a sorte de ouvir o nome do último santuário, que os Baudelaire ainda tinham esperança de alcançar. Mas a despeito de todos aqueles incidentes em que a vacilação fora proveitosa, as crianças não desejavam adotar “aquele ou aquela que não vacila está perdido” como sua filosofia de vida, porque um polvo gigante poderia aparecer a qualquer momento, especialmente enquanto as crianças estavam a bordo de um submarino, e os irmãos seriam muito tolos se vacilassem caso um polvo estivesse atrás deles. Talvez, pensaram os

Baudelaire, a filosofia de vida mais sábia com relação à vacilação fosse “às vezes aquele ou aquela deve vacilar, e às vezes aquele ou aquela não deve vacilar”, mas aquilo parecia ser comprido demais e vago demais para ter alguma utilidade em uma placa comemorativa.

“Talvez, se eu não tivesse vacilado”, continuou o capitão, “o *Queequeg* a esta altura já tivesse sido consertado! Positivo! Receio que o *Submarino Q e Sua Tripulação de Dois* não esteja na melhor das formas! Positivo! Fomos atacados por vilões e sanguessugas, por tubarões e corretores de imóveis, por piratas e namoradas, por torpedos e salmões enfurecidos! Positivo!” Ele parou diante de uma grossa porta de metal, voltou-se para os Baudelaire e suspirou. “Tudo, dos mecanismos do radar ao meu despertador, tudo está funcionando mal! Positivo! É por isso que fico feliz por você estar aqui, Violet Baudelaire! Estamos desesperados atrás de alguém com habilidade mecânica!”

“Verei o que posso fazer”, disse Violet.

“Bem, dê uma olhada!”, bradou o capitão Andarré, abrindo a porta bruscamente. Os Baudelaire seguiram-no para dentro de uma sala enorme e cavernosa que ecoava conforme o capitão falava. Havia tubulações no teto, tubulações no piso e tubulações projetando-se das paredes em todos os ângulos. Por entre as tubulações, havia uma atordoante coleção de painéis com botões, engrenagens e telas diminutas, bem como letreiros diminutos em que se liam coisas como “PERIGO!”, “CUIDADO!” e “AQUELE OU AQUELA QUE VACILA ESTÁ PERDIDO!”. Aqui e ali havia umas poucas luzes verdes, e no extremo oposto havia uma enorme mesa de madeira entulhada de livros, mapas e pratos sujos, que ficava embaixo de uma enorme vigia, uma palavra que aqui significa “janela redonda através da qual os Baudelaire podiam ver as águas imundas do Arroio Enamorado”.

“Essa é a barriga da fera!”, disse o capitão. “Positivo! É o centro de todas as operações de bordo do *Queequeg*! É aqui que controlamos o submarino, fazemos as refeições, pesquisamos nossas missões e jogamos jogos de tabuleiro quando estamos cansados de trabalhar!” Ele marchou até um dos painéis e enfiou a cabeça por baixo dele. “Fiona!”, chamou. “Saia daí!”

Ouviu-se um leve matraquear e então as crianças viram alguma coisa sair rapidamente debaixo do painel até o meio da sala. À pálida luz verde, foi preciso um momento até elas enxergarem que se tratava de uma menina

um pouco mais velha que Violet, deitada de barriga para cima sobre uma pequena plataforma de rodas. Estava usando um traje exatamente igual ao do capitão Andarré, com o mesmo retrato do homem barbado no centro, e segurava um farolete em uma das mãos e um alicate na outra. Sorrindo, ela entregou o alicate ao padraço, que a ajudou a levantar-se da plataforma, enquanto punha seu par de óculos com armação triangular.

“Crianças Baudelaire”, disse o capitão, “essa é Fiona, minha enteada. Fiona, esses são Violet, Klaus e Sunny Baudelaire.”

“Encantada”, disse ela, estendendo a mão enluvada primeiro para Violet, depois para Klaus e por fim para Sunny, que sorriu um grande sorriso dentuço. “Desculpem não ter subido para recebê-los. Estava tentando consertar esse dispositivo telegráfico, mas reparos elétricos nunca foram minha especialidade.”

“Positivo!”, disse o capitão. “Já faz um bom tempo que paramos de receber telegramas, mas pelo jeito Fiona não consegue ver pé nem cabeça no dispositivo! Violet, mãos à obra!”

“Você vai desculpar o jeito de falar do meu padraço”, disse Fiona, passando um braço em volta dele. “Às vezes é preciso algum tempo para se acostumar.”

“Ninguém tem tempo para se acostumar com coisa nenhuma!”, bradou o capitão Andarré. “Isso não é hora de ser passivo! Aquele que vacila está perdido!”

“Ou aquela”, corrigiu Fiona discretamente. “Venha, Violet. Vou arranjar um uniforme para você. Caso esteja se perguntando de quem é o retrato no peito, é Herman Melville.”

“É um dos meus autores favoritos”, disse Klaus. “Eu realmente gosto muito do modo como ele dramatiza a dura condição das pessoas negligenciadas, tais como os marinheiros pobres, ou os jovens explorados, através de sua prosa filosófica insólita, por vezes experimental.”

“Eu devia saber que você gosta dele”, retrucou Fiona. “Quando a casa de Josephine caiu no lago, meu padraço e eu conseguimos resgatar parte de sua biblioteca antes que ficasse encharcada. Li algumas de suas anotações de decodificação, Klaus. Você é um pesquisador muito perspicaz.”

“Gentileza sua”, disse Klaus.

“Positivo!”, bradou o capitão. “Um pesquisador perspicaz é exatamente o que precisamos!” Ele foi marchando até a mesa e ergueu uma

pilha de papéis. “Um certo motorista de táxi conseguiu trazer clandestinamente essas cartas náuticas para mim”, disse ele, “mas a meu ver elas não têm pé nem cabeça! São confusas! São intrigadas! Não... não é isso que eu queria dizer!”

“Acho que você queria dizer *intricado*”, disse Klaus, dando uma olhada nas cartas náuticas. “‘Intrigado’ quer dizer ‘curioso’ ou ‘desconfiado’, mas ‘intricado’ quer dizer ‘complicado’ ou ‘obsuro’. Que tipo de cartas são essas?”

“Cartas náuticas!”, bradou o capitão. “Temos de decifrar o curso exato das marés predominantes no ponto em que o Arroio Enamorado se encontra com o mar! Klaus, quero que você arranje um uniforme e ponha mãos à obra imediatamente! Positivo!”

“Positivo!”, disse Klaus, tentando entrar no espírito do *Queequeg*.

“Positivo!”, respondeu o capitão em um alegre rugido.

“Possessivo?”, perguntou Sunny.

“Positivo!”, disse o capitão. “Não me esqueci de você, Sunny! Eu jamais esqueceria Sunny! Nem em um milhão de anos! Não que eu vá viver isso tudo! Especialmente porque não faço muito exercício! Não gosto de exercícios, mas vale a pena! Ora, lembro-me bem de quando não me deixaram escalar uma montanha porque não tinha treinado direito e...”

“Talvez você devesse contar a Sunny o que tem em mente para ela”, disse Fiona gentilmente.

“É claro!”, bradou o capitão. “Naturalmente! Positivo! Nosso outro tripulante estava encarregado da cozinha, mas tudo o que ele faz são aqueles horríveis ensopados! Já estou cansado! Espero que suas habilidades culinárias possam melhorar nossa situação alimentar!”

“Sous”, disse Sunny modestamente, o que queria dizer alguma coisa como: “Não faz muito tempo que me dedico às práticas culinárias”, e seus irmãos trataram logo de traduzir.

“Bem, estamos com pressa!”, retrucou o capitão, andando até uma porta do outro lado, identificada como “COZINHA”. “NÓS não podemos esperar até que Sunny se torne uma chef antes de começar a trabalhar! Aquele ou aquela que vacila está perdido!” Ele abriu a porta e gritou para dentro: “Cuque! Saia daí e venha conhecer os Baudelaire!”.

As crianças ouviram alguns passos leves e claudicantes, como se o cozinheiro tivesse algo de errado com uma perna. Então um homem com

uniforme igual ao do capitão passou coxeando pela porta, ostentando um largo sorriso no rosto.

“Irmãos Baudelaire!”, disse ele. “Sempre acreditei que um dia iria vê-los de novo!”

Os três irmãos olharam para o homem e depois se entreolharam estupefatos, uma palavra que aqui significa “surpresos por ver um homem pela primeira vez desde sua estada na Serraria Alto-Astral, quando sua benevolência para com eles fora um dos poucos aspectos positivos naquele de outra forma miserável capítulo de suas vidas”. “Phil!”, exclamou Violet. “Que raios você está fazendo aqui?”

“Ele é o segundo da nossa tripulação de dois!”, bradou o capitão. “Positivo! O segundo tripulante original da tripulação de dois era a mãe de Fiona, mas ela morreu num acidente com um manati, já faz uns bons anos.”

“Não estou tão certa de que foi um acidente”, disse Fiona.

“Tínhamos o Jacques!”, continuou o capitão.

“Positivo, e também o não-sei-o-nome-dele, irmão do Jacques, e uma mulher horrorosa que revelou ser uma espiã, e por fim temos o Phil! Se bem que eu goste de chamá-lo de Cuque! Não sei por quê!”

“Eu estava cansado de trabalhar na indústria madeireira”, disse Phil. “Tinha certeza de poder encontrar um trabalho melhor, e agora, olhem só para mim: cozinheiro em um submarino dilapidado. A vida melhora a cada dia.”

“Você sempre foi um otimista”, disse Klaus.

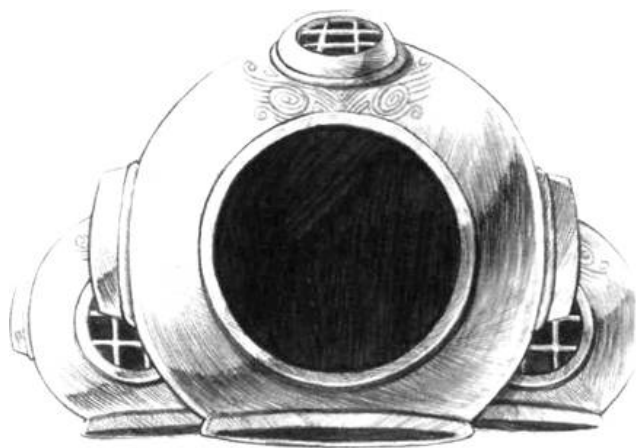
“Não precisamos de um otimista!”, disse o capitão Andarré. “Precisamos de um cozinheiro! Mãos à obra, crianças Baudelaire! Todos vocês! Positivo! Não temos tempo a perder! Aquele que vacila está perdido!”

“Ou aquela”, lembrou Fiona ao padrasto. “Nós realmente temos de começar neste exato minuto? Tenho certeza de que os Baudelaire estão exaustos depois da viagem. Poderíamos ter uma noite agradável e tranqüila jogando jogos de tabuleiro...”

“Jogos de tabuleiro?”, disse o capitão, atônito. “Diversões? Passatempos? Não temos tempo para essas coisas! Positivo! Hoje é sábado, o que quer dizer que só temos mais cinco dias! Quinta-feira é o encontro de C.S.C. e não quero que ninguém no Hotel Desenlace diga que o *Queequeg* não cumpriu sua missão!”

“Missão?”, perguntou Sunny.

“Positivo!”, disse o capitão Andarré. “Não devemos vacilar! Temos de agir! Temos de correr! Temos de nos mexer! Temos de procurar! Temos de parar de vez em quando para um lanche rápido! Temos de encontrar aquele açucareiro antes do conde Olaf! Positivo!”



CAPÍTULO TRÊS

A expressão “me arrepia o madeirame!” vem da cultura dos piratas, que se divertem com expressões interessantes quase na mesma medida em que gostam de pular a bordo de navios de outras pessoas e roubar seus objetos de valor. Expressa extremo assombro e é usada em circunstâncias nas quais a pessoa se sente como se seus próprios ossos, ou o “madeirame”, se arrepiassem. A última vez que usei essa expressão foi numa noite chuvosa em que, perplexo, precisei me fingir de pirata, mas quando o capitão Andarré contou aos Baudelaire para onde o *Queequeg* estava indo e o que procurava, surgiu a oportunidade perfeita para pronunciar aquelas palavras.

“Me arrepia o madeirame!”, gritou Sunny.

“O seu madeirame?!”, gritou de volta o capitão. “Então os Baudelaire estão praticando a pirataria? Positivo! Céus! Se seus pais soubessem que vocês estavam roubando tesouros de outras...”

“Nós não somos piratas, capitão Andarré”, disse rápido Violet. “Sunny está apenas usando uma expressão que aprendeu em um filme antigo. Ela só queria dizer que nós ficamos surpresos.”

“Surpresos?” O capitão começou a andar de um lado para o outro na frente deles, fazendo sua roupa à prova d'água enrugar-se a cada passo. “Vocês acham que o *Queequeg* fez todo esse esforço para navegar contra a corrente do Arroio Enamorado até aqui só para minha diversão pessoal? Vocês acham que eu iria enfrentar um perigo tão terrível simplesmente porque não tinha outros planos para esta tarde? Positivo? Vocês acham que deram com nosso periscópio por uma coincidência maluca? Positivo? Vocês

acham que esse uniforme me faz parecer mais gordo? Positivo? Vocês acham que os membros de C.S.C, iriam ficar sentados, girando os polegares, enquanto a traição do conde Olaf recobre a Terra como a crosta de uma torta recobre o recheio? Positivo?”

“Você estava procurando por nós?”, perguntou Klaus, assombrado. Ele sentiu-se tentado a dizer “me arrepia o madeirame!”, como a irmã, mas não quis alarmar ainda mais o capitão.

“Por vocês!”, bradou o capitão. “Positivo! Pelo açucareiro! Positivo! Por justiça! Positivo! E liberdade! Positivo! Por uma oportunidade de deixar o mundo em paz! Positivo! E em segurança! Positivo! E talvez só até quinta-feira! Positivo! Estamos em grande perigo! Positivo! Portanto, mãos à obra!”

“Mistificaeu!”, gritou Sunny.

“Minha irmã está confusa”, disse Violet, “e também nós, capitão Andarré. Se pudéssemos apenas parar por um momento e ouvir sua história desde o começo...”

“Parar por um momento?”, repetiu o capitão, atônito. “Acabo de explicar nossas circunstâncias desesperadoras, e você me pede para vacilar? Minha querida menina, lembre-se da minha filosofia de vida! Positivo! Aquele ou aquela que vacila está perdido! Agora vamos lá!”

As crianças se entreolharam frustradas. Elas não queriam ir e vir mais do que já vinham indo e vindo. Os órfãos Baudelaire tinham a sensação de estar num incessante vaivém desde aquele dia terrível na praia, quando suas vidas foram viradas de ponta-cabeça. Eles foram de mudança para a casa do conde Olaf, e depois para a casa de diversos tutores. Eles foram para fora de uma cidade que tencionava queimá-los na fogueira, e foram para um hospital que explodira em chamas à sua volta. Eles foram para o sertão no porta-malas do carro do conde Olaf, e foram para fora do sertão disfarçados. Eles foram Montanhas de Mão-Morta acima, esperando encontrar um de seus pais, e depois Montanhas de Mão-Morta abaixo, achando que nunca mais iriam vê-los, e agora que vieram parar em um minúsculo submarino no Arroio Enamorado, queriam parar de ir e vir, só um pouquinho, e receber algumas respostas para as perguntas que vinham se fazendo desde que todo esse vaivém começara.

“Padrasto”, disse Fiona gentilmente, “por que você não aciona os motores do *Queequeg* enquanto eu mostro aos Baudelaire onde estão os

uniformes de reserva?”

“Eu sou o capitão!”, anunciou o capitão. “Quem dá as ordens aqui sou eu!” Então ele encolheu os ombros e apertou os olhos na direção das crianças. Pela primeira vez, os Baudelaire repararam numa escada de corda pendurada junto à parede lateral. Levava a uma pequena plataforma, onde as crianças podiam ver uma grande roda, usada provavelmente para manobrar o submarino, e umas poucas alavancas e chaves de metal enferrujado, cujo propósito era bizantino, uma palavra que aqui significa “tão complicado que talvez até mesmo Violet Baudelaire teria dificuldade em manusear”. “Ordeno a mim mesmo que suba a escada”, continuou um pouco envergonhado o capitão, “e acione os motores do *Queequeg*. “ Com um último “positivo!” o capitão tratou de alçar-se para o teto, e os Baudelaire ficaram sozinhos com Fiona e Phil.

“Vocês devem estar exaustos, jovens Baudelaire”, disse Phil. “Lembro-me do primeiro dia a bordo do *Queequeg*. Fez a Serraria Alto-Astral parecer calma e tranqüila!”

“Phil, que tal servir uns refrigerantes para os Baudelaire enquanto eu encontro uniformes para eles?”, disse Fiona.

“Refrigerantes?”, disse Phil com uma olhadela nervosa para o capitão, que já estava na metade da escada. “Não deveríamos guardar os refrigerantes para uma ocasião especial?”

“Esta é uma ocasião especial”, disse Fiona. “Estamos dando as boas-vindas a mais três voluntários a bordo. Que tipo de refrigerante vocês preferem, irmãos Baudelaire?”

“De qualquer coisa, menos de salsa”, disse Violet, referindo-se a uma bebida apreciada por Esmé Squalor.

“Vou trazer alguns de lima limão”, disse Phil. “Os marinheiros devem sempre se assegurar de que haja cítricos em abundância em seu organismo. Estou tão contente em rever vocês, crianças. Sabem, eu não estaria aqui se não fossem vocês. Fiquei tão horrorizado depois do que aconteceu em Paltryville que não pude mais continuar na Alto-Astral, e desde então minha vida tem sido uma grande aventura!”

“Sinto muito por sua perna não ter sarado”, disse Klaus, referindo-se ao andar claudicante de Phil. “Eu não sabia que o acidente com a prensa tinha sido tão sério. “

“Não é por isso que estou mancando”, disse Phil. “Fui mordido por um tubarão na semana passada. Doeu um bocado, mas tive muita sorte. A maioria das pessoas nunca tem uma oportunidade de chegar tão perto de um peixe tão letal!”

Os Baudelaire observaram enquanto ela manquitolava de volta pela porta da cozinha, assobiando uma melodia animada. “Phil era assim, sempre otimista, quando vocês o conheceram?”, perguntou Fiona.

“Sempre”, disse Violet, e seus irmãos balançaram a cabeça em concordância. “Nunca conhecemos ninguém capaz de continuar assim tão alegre, não importa que coisas horríveis tenham ocorrido.”

“Para dizer a verdade, eu às vezes acho isso um pouco cansativo”, disse Fiona, e ajustou seus óculos triangulares. “Vamos procurar alguns uniformes?”

Os Baudelaire assentiram e seguiram Fiona para fora do salão principal, de volta ao corredor estreito. “Sei que vocês têm uma porção de perguntas a fazer”, disse ela, “portanto vou tentar contar tudo o que sei. Meu padrasto acredita que aquele ou aquela que vacila está perdido, mas eu tenho uma filosofia de vida mais cautelosa.”

“Ficariamos muito agradecidos se você pudesse nos contar algumas coisas”, disse Klaus. “Primeiro, como vocês sabem quem somos nós? E por que estavam nos procurando? Como sabiam em que parte nos encontrar?”

“Vamos por partes”, disse Fiona com um sorriso. “Acho que vocês Baudelaire se esquecem de que seus feitos não são exatamente um segredo. Quase todos os dias saía uma matéria sobre vocês em algum dos jornais mais populares.”

“*O Pundonor Diário!*”, perguntou Violet. “Espero que não tenha acreditado nas mentiras horríveis que eles têm publicado sobre a gente.”

“É claro que não”, disse Fiona. “Mas até a mais ridícula das histórias pode conter um grãozinho de verdade. *O Pundonor Diário* disse que vocês assassinaram um homem na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos, e depois atearam fogo no Hospital Heimlich e no Parque Caligari. Nós sabíamos, é claro, que vocês não tinham cometido esses crimes, mas percebemos que estiveram lá. Meu padrasto e eu deduzimos que vocês encontraram a mancha secreta no mapa de madame Lulu, e se dirigiram para a base de operações de C.S.C.”

Klaus perdeu o fôlego de espanto. “Você sabia sobre madame Lulu”, disse ele, “e a mancha em código?”

“Foi meu padrasto que ensinou esse código a madame Lulu”, explicou Fiona, “muito tempo atrás, quando os dois eram jovens. Bem, ouvimos falar da destruição da base de operações, e assim presumimos que vocês estavam regressando montanha abaixo. Portanto, tracei para o *Queequeg* o curso Arroio Enamorado acima.”

“Você navegou até aqui em cima”, disse Klaus, “só para nos encontrar?”

Fiona baixou os olhos. “Bem, não”, disse ela. “Vocês não eram a única coisa na base de operações de C.S.C. Um de nossos boletins do Correio Sub-reptício Cooperativo nos informou que o açucareiro também estava lá.”

“Depinejá?”, perguntou Sunny.

“O que são, exatamente, boletins de Correio Sub-reptício Cooperativo?”, traduziu Violet.

“Um meio de compartilhar informações”, disse Fiona. “Como é difícil os voluntários se encontrarem uns com os outros, os boletins servem para que aquele que encontra a chave de um mistério possa escrevê-la em um telegrama. Desse modo, informações importantes circulam, e em pouco tempo nossos livros de lugar-comum ficam repletos de informações para derrotar nossos inimigos. Um livro de lugar-comum é...”

“Sabemos o que é um livro de lugar-comum”, disse Klaus, e removeu do bolso seu caderno azul-escuro. “Eu mesmo venho escrevendo um.”

Fiona sorriu e tamborilou seus dedos enluvados na capa do livro de Klaus. “Eu devia saber”, disse ela. “Se suas irmãs também quiserem começar seus próprios livros, devemos ter aqui alguns deles de reserva. Está tudo na sala de suprimentos.”

“Então vamos subir até as ruínas da base de operações”, perguntou Violet, “para pegar o açucareiro? Nós não o vimos lá.”

“Achamos que alguém o atirou pela janela”, respondeu Fiona, “quando o incêndio começou. Se o açucareiro foi atirado pela janela da cozinha, ele deve ter caído no Arroio Enamorado e ter sido arrastado pelo ciclo das águas para o pé das montanhas. Estávamos procurando o açucareiro no fundo do arroio quando demos com vocês três.”

“Provavelmente o arroio o arrastou para muito mais longe”, disse Klaus, pensativo.

“Também acho”, concordou Fiona. “Espero que você possa descobrir sua localização estudando as cartas náuticas do meu padrasto. Para mim, elas não têm pé nem cabeça.”

“Vou mostrar como se lêem as cartas”, disse Klaus. “Não é difícil.”

“É isso que me assusta”, disse Fiona. “Se aquelas cartas não são difíceis de ler, então o conde Olaf pode ter uma chance de encontrar o açucareiro antes de nós. Meu padrasto diz que, se o açucareiro cair nas mãos dele, então todos os esforços de todos os voluntários terão sido em vão.”

Os Baudelaire assentiram, e as quatro crianças seguiram em silêncio pelo corredor. A expressão “em vão” é simplesmente um jeito elegante de dizer “para coisa nenhuma”, e não importa que expressão você use, pois ambas são igualmente desestimulantes. Hoje por exemplo, mais para o fim da tarde, vou entrar em uma sala grande e cheia de areia e, se não encontrar o tubo de ensaio que procuro, será desestimulante perceber que peneirei toda aquela areia para coisa nenhuma. Se você insistir em terminar este livro, achará desestimulante, por entre acessos de lágrimas, perceber que leu esta história em vão, e que teria sido melhor folhear tediosas descrições do ciclo das águas. E os Baudelaire acharam desestimulante imaginar que todas as dificuldades por que passaram acabariam sendo em vão, que todas as suas aventuras não significariam nada, e que suas vidas inteiras seriam em vão e para coisa nenhuma se o conde Olaf conseguisse encontrar aquele açucareiro crucial antes deles. Os três irmãos seguiram Fiona pelo corredor mal iluminado, esperando que sua estada a bordo do *Queequeg* não fosse mais uma jornada aterradora, terminada em decepção, desilusão e desespero.

No momento, contudo, a jornada se interrompeu diante de uma pequena porta, onde Fiona parou e virou-se para os Baudelaire. “Esta é nossa sala de suprimentos”, disse. “Dentro, vocês encontrarão uniformes para os três, embora até mesmo o menor tamanho possa ser grande demais para Sunny.”

“Risca de giz”, disse Sunny. Ela queria dizer alguma coisa como: “Não se preocupe, estou acostumada a usar roupas mal ajustadas”, e seus irmãos traduziram com presteza.

“Vocês também vão precisar de capacetes de mergulho”, disse Fiona. “Este é um submarino velho, e pode estourar um vazamento. Se o vazamento é grave, a pressão da água pode fazer as paredes do *Queequeg* implodirem, enchendo todas as salas e os corredores de água. Os sistemas de oxigênio dos capacetes de mergulho possibilitam a vocês respirar embaixo d'água — pelo menos durante um breve período.”

“Seu padrasto disse que os capacetes seriam grandes demais para Sunny, e que ela teria de se enroscar dentro de um deles”, disse Violet. “Será que isso é seguro?”

“Seguro, porém desconfortável”, disse Fiona. “Como tudo no *Queequeg*. Esse submarino já esteve em excelentes condições, mas sem ninguém que entenda de mecânica, já não está mais à altura de sua antiga glória. Muitas salas estão inundadas, portanto lamento dizer que vamos dormir em acomodações bastante apertadas. Espero que vocês gostem de beliches.”

“Já dormimos em coisa pior”, disse Klaus.

“Foi o que ouvi dizer”, retrucou Fiona. “Li uma descrição do Barraco dos Órfãos na Escola Preparatória Prufrock. Parecia horrível.”

“Então você sabia de nós, mesmo naquela época?”, perguntou Violet. “Por que não nos encontraram antes?”

Fiona suspirou. “Nós sabíamos sobre vocês”, disse ela. “Eu lia histórias horríveis no jornal todos os dias, mas meu padrasto disse que não podíamos fazer nada a respeito de toda a perfídia contida naquelas matérias.”

“Por que não?”, perguntou Klaus.

“Ele disse que seus problemas eram enormes demais”, respondeu ela.

“Não entendo”, disse Violet.

“Na verdade, eu também não”, admitiu Fiona. “Meu padrasto disse que a quantidade de perfídia nesse mundo é enorme, e que o melhor que podemos fazer é uma única coisinha nobre. É por isso que estamos procurando o açucareiro. Vocês poderiam pensar que a realização de uma tarefa tão pequena seria fácil, mas estamos procurando há um tempão e ainda não o encontramos.”

“Mas o que há de tão importante nesse açucareiro?”, perguntou Klaus.

Fiona suspirou de novo e piscou várias vezes por trás dos óculos triangulares. Parecia tão triste que o Baudelaire do meio quase desejou não

ter perguntado. “Não sei”, disse ela. “Ele não quer me contar.”

“Purquenaum?”, perguntou Sunny.

“Ele disse que era melhor eu não saber”, disse Fiona. “Acho que isso também é enorme, um enorme segredo. Ele disse que pessoas foram destruídas por saber segredos tão enormes, e que não queria que eu corresse esse tipo de perigo.”

“Mas você já está em perigo”, disse Klaus. “Estamos todos em perigo. Estamos a bordo de um submarino instável, tentando encontrar um minúsculo e importante objeto antes que um vilão nefando ponha as mãos nele.”

Fiona girou a maçaneta da porta, que se abriu com um alto e prolongado *créééc!* que causou arrepio nos Baudelaire. A sala era diminuta e muito mal iluminada por uma única luzinha verde, e por um momento pareceu estar cheia de gente que fitava silenciosamente as crianças no corredor. Mas então os irmãos viram que era apenas uma fileira de uniformes flácidos pendurados em ganchos ao longo da parede. “Acho que existem perigos piores”, disse Fiona em tom calmo. “Acho que existem perigos que simplesmente não podemos nem sequer imaginar.”

Os Baudelaire olharam para sua companheira e depois para a fantasmagórica fileira de uniformes vazios. Em uma prateleira acima das roupas à prova d'água, havia uma fileira de grandes capacetes de mergulho, esferas de metal com pequenas aberturas circulares no meio pelas quais as crianças poderiam enxergar do lado de fora quando os colocassem na cabeça. A pálida luz verde, os capacetes se pareciam um pouco com olhos, encarando ferozes os Baudelaire dentro da sala de suprimentos, exatamente como o olho no tornozelo do conde Olaf olhara para eles tantas vezes no passado. Muito embora ainda não fossem piratas, os irmãos se sentiram tentados a dizer mais uma vez “me arrepiou o madeirame!” quando puseram os pés dentro da sala pequena e atravancada, e sentiram um arrepio até os ossos. Eles não gostavam de pensar em vazamentos estourados no *Queequeg*, ou na implosão do submarino, tampouco em suas cabeças enfiadas em capacetes — ou, no caso de Sunny, inteiramente enroscada lá dentro. Eles não gostavam de pensar sobre onde estaria o conde Olaf nem o que aconteceria se ele encontrasse o açucareiro antes. Porém, mais que tudo, os órfãos Baudelaire não gostavam de pensar nos perigos que Fiona

mencionara — perigos piores que os que enfrentavam agora, perigos que eles simplesmente não podiam nem imaginar.



CAPÍTULO QUATRO

A expressão “servir como uma luva” é estranha, porque existem muitos tipos diferentes de luvas, mas apenas algumas vão se ajustar às situações que se apresentam. Se você precisa manter as mãos aquecidas em um ambiente frio, então vai precisar de um par de luvas com isolamento térmico bem ajustadas, e uma luva feita para caber na cômoda de uma casa de bonecas não ajudaria. Se você precisa entrar sorrateiramente em um restaurante japonês no meio da noite para furtar um par de *hashis* sem ser descoberto, então vai precisar de um par de luvas finas que não deixem vestígios, e uma luva ornamentada com guizos barulhentos não serviria. E se você precisa passar desapercibido em uma paisagem coberta de arbustos, então vai precisar de uma luva muito, muito grande, feita de tecido folhoso, e um elegante par de luvas de seda seria inteiramente inútil.

Todavia, a expressão “servir como uma luva” significa simplesmente que alguma coisa é muito adequada, assim como um pudim é adequado como sobremesa, ou um par de *hashis* é um instrumento adequado para remover papéis de uma pasta aberta. E quando os órfãos Baudelaire vestiram os uniformes do *Queequeg*, descobriram que eles serviam como uma luva, a despeito de, na verdade, não caírem muito bem. Violet ficou tão satisfeita com o fato de os uniformes terem diversas laçadas em volta da cintura, perfeitas para pendurar ferramentas, que nem se importou com o fato de as mangas formarem barriga nos cotovelos. Klaus ficou feliz porque havia um bolso à prova d'água para seu livro de lugar-comum, e nem se importou com o fato de as botas terem ficado um pouquinho apertadas. E Sunny assegurou-se de que o material lustroso era robusto o bastante para resistir, além da água, a eventuais respingos na cozinha, e nem se importou com o fato de que precisava dobrar as pernas do traje quase até o fim para poder andar. Porém havia algo mais, além das características individuais dos uniformes, que dava aquela sensação de adequação — era o lugar e as pessoas que eles representavam. Durante um longo tempo, os Baudelaire se

sentiram como um disco de *frisbee* danificado, lançado de uma pessoa a outra sem ser apreciado, e de um lugar a outro sem se encaixar nos ambientes. Mas quando fecharam os zíperes dos uniformes e alisaram os retratos de Herman Melville, as crianças se sentiram como se o *frisbee* de suas vidas pudesse de repente ser consertado. Usando os uniformes do *Queequeg*, os irmãos sentiam-se parte de alguma coisa — não exatamente de uma família, mas de um encontro de pessoas que se ofereceram como voluntárias para a mesma missão. Pensar que suas habilidades de inventar, pesquisar e cozinhar seriam apreciadas era algo que não lhes ocorria há tempos, e em pé na sala de suprimentos, olhando atentamente um para o outro, essa sensação lhes serviu como uma luva.

“Vamos voltar ao salão principal?”, perguntou Violet. “Estou pronta para dar uma olhada no dispositivo telegráfico.”

“Deixe-me só afrouxar as fivelas dessas botas”, disse Klaus, “e estarei pronto para lidar com aquelas cartas náuticas.”

“*Cuisi...*”, disse Sunny. Com “*cuis?* ela queria dizer algo como: “Não vejo a hora de examinar a cozi...”, mas o ruído estridente de alguma coisa raspando, vindo de cima dela, impediu a mais jovem dos Baudelaire de terminar a frase. O submarino inteiro pareceu sacudir, e algumas gotas d'água caíram do teto sobre a cabeça dos Baudelaire.

“O que foi aquilo?”, perguntou Violet, pegando um capacete de mergulho. “Você acha que estourou um vazamento no *Queequeg!*”

“Eu não sei”, disse Klaus, pegando um capacete para ele e outro para Sunny. “Vamos investigar.”

Os três Baudelaire voltaram às pressas pelo corredor para o salão principal, enquanto o ruído horripilante continuava. Se você já ouviu o som estridente de unhas raspando contra uma lousa, sabe como pode ser enervante esse ruído; e para as crianças ele soava como se as maiores unhas do mundo tivessem confundido o submarino com um item de equipamento educacional.

“Capitão Andarré!”, gritou Violet por cima do ruído estridente, assim que os Baudelaire entraram no salão. O capitão ainda estava no topo da escada, agarrado à roda de direção com a mão enluvada. “O que está acontecendo?”

“Esse maldito mecanismo de direção só dá vexame!”, bradou o capitão, enojado. “Positivo! O *Queequeg* acaba de colidir com uma

formação rochosa na margem do arroio. Se eu não tivesse conseguido recuperar o controle, o *Submarino Q e Sua Tripulação de Dois* estariam dormindo com os peixes! Positivo!”

“Talvez eu deva examinar o mecanismo de direção primeiro”, disse Violet, “e consertar o dispositivo telegráfico depois.”

“Não seja ridícula!”, disse o capitão. “Se não pudermos receber os boletins do Correio Sub-reptício Cooperativo, será o mesmo que sairmos por aí às tontas de olhos vendados! Temos de encontrar o açucareiro antes do conde Olaf! Positivo! Nossa segurança pessoal não é nem de longe tão importante! Agora corram! Positivo! Chispem! Positivo! Tomem uma atitude! Positivo! Tomem um copo d'água! Positivo! Aquele ou aquela que vacila está perdido!”

Violet não se deu ao trabalho de salientar que seria impossível encontrar o açucareiro se o submarino fosse destruído, e já sabia que era melhor não discutir a filosofia de vida do capitão. “Vale uma tentativa”, disse ela, e foi até a pequena plataforma de rodas. “Se importa se eu usar isso?”, perguntou a Fiona. “Vai me ajudar a dar uma boa olhada no mecanismo do dispositivo.”

“Fique à vontade”, disse Fiona. “Klaus, vamos trabalhar nas cartas náuticas. Podemos estudá-las na mesa e enquanto isso ficar de olho para ver se vislumbramos o açucareiro através da vigia. Não creio que vamos encontrá-lo, mas vale dar uma olhada.”

“Fiona”, disse Violet hesitante, “você poderia também ficar de olho para ver se vislumbra nosso amigo Quigley Quagmire? Ele foi arrastado pelo outro afluente do arroio, e não o vimos mais desde então.”

“Quigley Quagmire? Sério?”, perguntou Fiona. “O cartógrafo?”

“É nosso amigo”, disse Klaus. “Você o conhece?”

“Só de reputação”, disse Fiona, usando uma expressão que aqui significa “não o conheço pessoalmente, mas ouvi falar do trabalho que faz”. “Os voluntários perderam a pista dele muito tempo atrás, juntamente com Hector e os outros trigêmeos Quagmire.”

“Os Quagmire não tiveram a mesma sorte que nós”, disse Violet, amarrando o cabelo com uma fita para ajudá-la a se concentrar no conserto do dispositivo telegráfico. “Espero que você o localize com o periscópio.”

“Vale a tentativa”, disse Fiona, quando Phil entrou pela porta da cozinha com um avental por cima do uniforme.

“Sunny?”, perguntou ele. “Me disseram que você vai me ajudar na cozinha. Estamos com o estoque de provisões um pouco baixo, receio. Consegui apanhar alguns bacalhaus com as redes do *Queequeg*, e temos meio saco de batatas, mas não muito mais. Você tem alguma idéia do que fazer para o jantar?”

“Sopão?”, perguntou Sunny.

“Vale a tentativa”, disse Phil, e nas próximas poucas horas todos os três Baudelaire tentaram ver se suas tarefas valiam a tentativa. Violet, que rolara para baixo das tubulações para dar uma boa olhada no dispositivo telegráfico, franzia o cenho enquanto torcia fios e apertava parafusos com uma chave de fenda que encontrara largada. Klaus, sentado à mesa, examinava as cartas náuticas, usando um lápis para traçar caminhos possíveis que o açucareiro poderia ter tomado quando o ciclo das águas o arrastara aos trambolhões pelo Arroio Enamorado. E Sunny, em pé para alcançar o balcão da pequena e encardida cozinha, trabalhava com Phil sobre um grande caldeirão de sopa, cozinhando batatas e catando espinhas no bacalhau. E quando a tarde se tornou noite, e as águas do Arroio Enamorado ficaram ainda mais escuras pela vigia, o salão principal do *Queequeg* estava em silêncio enquanto todos os voluntários trabalhavam nas tarefas de que foram incumbidos. Porém, mesmo quando o capitão Andarré desceu a escada, retirou um pequeno sino do bolso do uniforme e a sala se encheu de ecos do re-pique forte e metálico, os Baudelaire ainda não podiam saber com certeza se todos seus esforços tinham valido a tentativa.

“Atenção!”, disse o capitão. “Positivo! Quero que toda a tripulação do *Queequeg* faça um relatório dos progressos! Reúnam-se ao redor da mesa e contem-me o que está acontecendo!”

Violet rolou para fora do dispositivo telegráfico e reuniu-se ao irmão e a Fiona na mesa, enquanto Sunny e Phil emergiam da cozinha.

“Eu relato primeiro!”, disse o capitão. “Positivo! Porque sou o capitão! Não porque quero me exhibir! Positivo! Eu tento não me exhibir demais! Positivo! Porque isso é falta de educação! Positivo! Eu consegui manobrar e nos levar mais adiante pelo Arroio Enamorado abaixo, sem colidir com mais nada! Positivo! O que é muito mais difícil do que parece! Positivo! Chegamos ao mar! Positivo! Agora vai ficar mais fácil não colidir com nada! Positivo! Violet, e quanto a você?”

“Bem, examinei minuciosamente o dispositivo telegráfico”, disse ela. “Fiz alguns pequenos reparos, mas não encontrei nada que pudesse interferir na recepção de um telegrama.”

“Você quer dizer que o dispositivo não está quebrado, positivo?”, demandou o capitão.

“Positivo”, disse Violet, mais à vontade com o modo de falar do capitão. “Acho que deve haver um problema na outra ponta.”

“Procto?”, perguntou Sunny, o que queria dizer: “Na outra ponta?”.

“Um telegrama requer dois dispositivos”, disse Violet. “Um para enviar e outro para receber a mensagem. Acho que você não está recebendo os boletins do Correio Sub-reptício Cooperativo porque quem envia as mensagens está com um problema na máquina.”

“Mas todos os tipos de voluntários nos enviam mensagens”, disse Fiona.

“Positivo!”, disse o capitão. “Já recebemos boletins de mais de vinte e cinco agentes!”

“Então muitas máquinas devem estar danificadas”, retrucou Violet.

“Sabotagem”, disse Klaus.

“Parece que o dano foi causado de propósito”, concordou Violet. “Lembra-se de quando enviamos um telegrama ao senhor Poe, do Armazém Geral Última Chance?”

“Mutis”, disse Sunny, o que queria dizer: “Não tivemos nenhuma resposta”.

“Eles estão se aproximando”, disse o capitão, soturno. “Nossos inimigos estão impedindo que nos comuniquemos.”

“Não vejo como o conde Olaf poderia ter tempo para destruir todas aquelas máquinas”, disse Klaus.

“Muitos telegramas são transmitidos por linhas telefônicas”, disse Fiona. “Não seria difícil.”

“Além disso, Olaf não é o único inimigo”, disse Violet, pensando nos dois outros vilões que os Baudelaire tinham encontrado no Cume das Aflições.

“Positivo!”, disse o capitão. “Isso é certeza. O mal que existe por aí, não dá nem para imaginar. Klaus, você fez algum progresso com as cartas náuticas?”

Klaus abriu uma carta náutica em cima da mesa para que todos pudessem ver. A carta era na realidade um mapa, que mostrava o Arroio Enamorado a serpentear pelas montanhas antes de chegar ao mar, com setinhas diminutas e notas que descreviam o modo como a água se movimentava. As setas e notas eram de várias cores diferentes, como se a carta tivesse passado de pesquisador a pesquisador, cada qual adicionando notas à medida que descobriam mais informações sobre a área. “É mais complicado do que eu pensava”, disse o Baudelaire do meio, “e muito mais maçante. Essas cartas registram cada detalhe do ciclo das águas.”

“*Maçante!*”, rugiu o capitão. “Positivo? Estamos no meio de uma missão desesperada e tudo o que você consegue pensar é no seu próprio divertimento? Positivo? Quer que nós *vacilemos!* Que interrompamos nossas atividades e apresentemos um espetáculo de marionetes só para você não achar este submarino *maçantes*”

“Você me entendeu mal”, Klaus apressou-se em explicar. “Eu só queria dizer que fica mais fácil pesquisar uma coisa se ela for interessante.”

“Você parece Fiona”, disse o capitão. “Quando quero que ela pesquise a vida de Herman Melville, ela trabalha devagar, mas é rápida como um raio quando o assunto é cogumelos.”

“Cogumelos?”, perguntou Klaus. “Por acaso você é micetologista?”

Fiona sorriu, e seus olhos se arregalaram atrás dos óculos triangulares. “Nunca pensei que encontraria alguém que conhecesse essa palavra”, disse ela.

“Além de mim. Sim, sou micetologista. Me interessei por fungos a vida inteira. Se tivermos tempo, vou mostrar a você minha biblioteca micetológica.”

“*Tempo?*”, repetiu o capitão Andarré. “Nós não temos tempo para livros de fungos! Positivo! Também não temos tempo para vocês dois ficarem aí nesse namorico!”

“Não é *namorico!*”, disse Fiona. “Estamos conversando.”

“A mim, pareceu namorico”, disse o capitão. “Positivo!”

“Que tal nos contar sobre sua pesquisa?”, disse Violet a Klaus, sabendo que o irmão iria preferir discorrer sobre cartas náuticas a falar sobre a sua vida pessoal. Klaus sorriu para ela agradecido e apontou para um local na carta.

“Se meus cálculos estiverem corretos”, disse ele, “o açucareiro deve ter sido arrastado pelo mesmo afluente que descemos. As correntes prevalecentes do arroio levam diretamente até aqui embaixo, onde começa o mar.”

“Portanto ele foi arrastado para o mar”, disse Violet.

“É o que acho”, disse Klaus. “E podemos ver aqui que as marés o afastariam da costa Sontag na direção noroeste.”

“Pique?”, perguntou Sunny, o que queria dizer algo do tipo: “O açucareiro não deveria simplesmente cair em direção ao fundo do oceano?”.

“Ele é muito pequeno”, disse Klaus. “Os oceanos estão em movimento constante, e um objeto que cai no mar pode acabar indo parar a quilômetros de distância. Parece que as marés e correntes nesta parte do oceano levariam o açucareiro para além do arquipélago de Gulag, aqui, e depois descendo na direção da Medíocre Barreira de Recifes, antes de virar neste ponto aqui, assinalado como ‘A.A.’ Sabe o que é isso, capitão? Parece algum tipo de estrutura flutuante.”

O capitão suspirou e ergueu um dedo para brincar com as pontas viradas do bigode. “Positivo”, disse ele tristemente. “Aquáticos Anwhistle. É uma central de pesquisas marinhas e serviços de aconselhamento retórico — ou pelo menos *era*. Foi incendiada.”

“Anwhistle?”, perguntou Violet. “Esse era o sobrenome da tia Josephine.”

“Positivo”, disse o capitão. “A Aquáticos Anwhistle foi fundada por Gregor Anwhistle, o famoso icnólogo, cunhado de Josephine. Mas tudo isso é história antiga. Para onde foi o açucareiro depois?”

Os Baudelaire teriam preferido saber mais, no entanto não adiantava discutir com o capitão, e Klaus apontou para um pequeno oval na carta antes de continuar seu relatório. “Essa é a parte que me deixa confuso”, disse ele. “Está vendo esse oval, bem ao lado da Aquáticos Anwhistle? Está assinalado com ‘G.G.’, mas não existe outra explicação.”

“G.G.”, disse o capitão Andarré, e cofiou o bigode, pensativo. “Nunca vi um oval como esse em uma carta náutica como essa.”

“Há mais uma coisa confusa”, disse Klaus, examinando o oval. “Dentro dele há duas setas diferentes, cada qual apontando para uma direção diferente.”

“Parece que a maré está indo em duas direções ao mesmo tempo”, disse Fiona.

Violet franziu o cenho. “Isso não faz nenhum sentido”, disse.

“Também estou confuso”, disse Klaus. “De acordo com meus cálculos, o açucareiro foi arrastado diretamente para esse lugar no mapa. Mas para onde foi dali, nem imagino.”

“Acho que devíamos traçar um curso para G.G., seja lá o que for isso”, disse Violet, “e ver o que encontramos ao chegar lá.”

“Eu sou o capitão!”, bradou o capitão. “Eu dou as ordens por aqui! Positivo! E ordeno que tracemos um curso para aquele oval, para ver o que encontramos ao chegar lá! Mas, primeiro, estou com fome! E com sede! Positivo! E meu braço está coçando! Posso coçar meu próprio braço, mas vocês, Cuque e Sunny, são os responsáveis pela comida e pela bebida! Positivo!”

“Sunny me ajudou a fazer um sopão de peixe que deve ficar pronto em poucos minutos”, disse Phil. “Os dentes dela foram muito úteis para picar as batatas cozidas.”

“Pastafio”, disse Sunny, o que queria dizer: “Não se preocupem, limpei bem os dentes antes de usá-los como utensílios de cozinha”.

“Sopão? Positivo! Sopão soa delicioso!”, bradou o capitão. “E a sobremesa? Positivo? A sobremesa é a refeição mais importante do dia! Positivo! Na minha opinião! Apesar de não ser realmente uma refeição! Positivo!”

“Para esta noite, a única sobremesa que temos é chiclete.” disse Phil. “Ainda tenho um pouco que sobrou dos meus tempos de serralaria.”

“Acho que dispenso a sobremesa”, disse Klaus, que passara momentos tão terríveis na Serraria Alto-Astral que não tinha mais gosto para chicletes.

“Iomuledet”, disse Sunny. Ela queria dizer: “Não se preocupem, Phil e eu arranjamos uma sobremesa surpresa para amanhã à noite”, mas é claro que somente seus irmãos podiam entender o inusitado jeito de falar da mais jovem dos Baudelaire. No entanto, assim que Sunny falou, o capitão Andarré levantou-se da mesa e começou a soltar brados de perplexidade.

“Positivo!”, bradou ele. “Meu Deus! Santo Buda! Charles Darwin! Duke Ellington! Positivo! Fiona, pare os motores! Positivo! Violet, verifique se o dispositivo telegráfico está desligado! Positivo! Klaus!

Recolha seus materiais e não deixe nada solto por aí! Positivo! Acalmem-se! Trabalhem depressa! Sem pânico! Socorro! Positivo!”

“O que está acontecendo?”, perguntou Phil.

“O que foi, padrasto?”, perguntou Fiona.

Dessa vez, o capitão ficou em silêncio e simplesmente apontou para uma tela na parede do submarino. A tela parecia uma folha de papel quadriculado, iluminada por uma luz verde, com uma letra Q luminescente no centro.

“Aquilo se parece com um detector por sonar”, disse Violet.

“Aquilo f'um detector por sonar”, disse Fiona. “Podemos perceber se alguma outra embarcação submersível se aproxima de nós, detectando os ruídos que produz. O Q representa o *Queequeg* e...”

A micetologista interrompeu-se, engolindo em seco, e os Baudelaire olharam na direção em que ela apontava. Bem no topo do painel havia outro símbolo luminescente, que se movia célere na tela em sentido descendente, uma expressão que aqui significa “diretamente na direção do *Queequeg* . Fiona não disse o que representava aquele símbolo verde, e as crianças não suportariam perguntar. Era um olho, encarando fixamente os assustados voluntários e agitando as longas e esquálidas pestanas que se projetavam para todos os lados.

“Olaf!”, disse Sunny num sussurro.

“Não há como saber com certeza”, disse Fiona, “mas é melhor seguirmos as ordens do meu padrasto. Se for outro submarino, também tem um detector por sonar. Se o *Queequeg* ficar em silêncio absoluto, eles não terão idéia de que estamos aqui.”

“Positivo!”, disse o capitão. “Depressa! Aquele que vacila está perdido!”

Ninguém se deu ao trabalho de acrescentar “ou aquela” à filosofia de vida do capitão, em vez disso, todos se apressaram em silenciar o submarino. Fiona escalou a escada de corda e desligou o motor ronronante. Violet rolou de volta para dentro do mecanismo do dispositivo telegráfico e desligou-o. Phil e Sunny correram para a cozinha e desligaram o fogão, para que nem mesmo o borbulhar do sopão caseiro denunciasse o *Queequeg*. E Klaus e o capitão recolheram os materiais de cima da mesa para que nada produzisse o mais leve chacoalhar. Em poucos instantes, o submarino ficou silencioso como um túmulo, e todos os voluntários se

postaram mudos junto à mesa, olhando através da vigia para a tenebrosa água do mar. Quando o olho na tela do sonar chegou mais perto do Q, eles puderam ver algo emergindo das águas escuras — uma forma estranha que ficava mais clara à medida que se aproximava do *Queequeg*. Era, de fato, outro submarino, de um tipo que os Baudelaire nunca tinham visto antes, nem mesmo no mais estranho dos livros. Era muito, muito maior que o *Queequeg* e, com sua aproximação, as crianças tiveram de cobrir a boca para impedir que seu grito de susto fosse ouvido.

O segundo submarino tinha a forma de um polvo gigante, com uma enorme cúpula de metal no lugar da cabeça e duas grandes vigias em vez de olhos. Um polvo de verdade, é claro, tem oito tentáculos, mas aquele submarino tinha muito mais. Aquilo que na tela do sonar lembrava pestanas era na verdade uma série de pequenos tubos de metal que se projetavam do corpo do polvo e giravam na água, produzindo milhares de bolhas que disparavam para a superfície como se estivessem com medo da embarcação submersível. O polvo chegou mais perto, e todos os seis passageiros do *Queequeg* permaneceram em pé, parados como estátuas, esperando que o submarino não os tivesse descoberto. A estranha embarcação estava tão próxima que os Baudelaire podiam ver uma figura indistinta dentro de um dos olhos do polvo — uma figura alta, magra, e muito embora as crianças não conseguissem distinguir mais detalhes, não restava a menor dúvida de que ela tinha uma sobrancelha no lugar de duas, unhas imundas em vez de bons hábitos de higiene pessoal, e a tatuagem de um olho no tornozelo esquerdo.

“Conde Olaf”, sussurrou Sunny antes que pudesse se conter. A figura na vigia estremeceu, como se o pequenino ruído de Sunny tivesse permitido que o outro submarino detectasse o *Queequeg*. Expelindo bolhas, o polvo chegou ainda mais perto, e parecia que a qualquer momento se ouviria um de seus tentáculos raspando a carcaça do *Queequeg*. As três crianças baixaram os olhos para seus capacetes, que tinham deixado no chão, e se perguntaram se deveriam colocá-los, para que pudessem sobreviver caso o submarino implodisse. Fiona agarrou o braço do padrasto, mas o capitão Andarré sacudiu a cabeça em silêncio e apontou de novo para a tela do sonar. O olho e o Q estavam quase um em cima do outro na tela, mas não era isso que o capitão estava mostrando.

Havia uma terceira forma verde luminescente, esta a maior de todas, um enorme tubo recurvo com um pequeno círculo na ponta, resvalando qual serpente na direção do centro da tela. Mas aquela terceira embarcação submergível não parecia uma serpente. À medida que se aproximava do olho e do Q, o pequeno círculo que abria caminho com seu enorme tubo recurvo em direção ao *Queequeg* e seus assustados tripulantes voluntários se assemelhava mais e mais a um ponto de interrogação. Os Baudelaire olharam para aquela nova, terceira forma, que se aproximava deles em fantasmagórico silêncio, e se sentiram como se estivessem a ponto de ser consumidos pelas próprias perguntas que tentavam responder.

O capitão Andarré apontou novamente para a vigia, e as crianças viram o polvo parar, como se também ele tivesse detectado a estranha terceira forma. Então os tentáculos do polvo giraram ainda com mais fúria, e o bizarro submarino começou a recuar para fora do campo visual, uma expressão que aqui significa “se dirigir às pressas para um lugar onde da vigia do *Queequeg* não seria mais possível vê-lo”. Os Baudelaire olharam para a tela do sonar e viram o ponto de interrogação seguir o brilhante olho verde em silêncio, até que ambas as formas desapareceram do detector e o *Queequeg* ficou sozinho. Os seis passageiros aguardaram um momento e depois soltaram um suspiro de alívio.

“Ele se foi”, disse Violet. “O conde Olaf não nos achou.”

“Eu sabia que estaríamos em segurança”, disse Phil, otimista como de costume. “De qualquer modo, é provável que Olaf esteja de bom humor.”

Os Baudelaire não se deram ao trabalho de dizer que seu inimigo só ficava de bom humor quando um de seus planos perversos ia bem ou quando a enorme fortuna deixada pelos Baudelaire pais estava a ponto de cair em suas mãos imundas.

“O que foi aquilo, padrasto?”, disse Fiona. “Por que ele foi embora?”

“O que era aquela terceira forma?”, perguntou Violet.

O capitão sacudiu a cabeça mais uma vez. “Uma coisa muito ruim”, disse ele. “Pior ainda que Olaf, provavelmente. Eu bem que disse a vocês, crianças Baudelaire: o mal que existe por aí, não dá nem para imaginar.”

“Nós não precisamos imaginar”, disse Klaus. “Nós o vimos ali na tela.”

“Aquela tela não é nada”, disse o capitão. “É só um item de equipamento, positivo? Um filósofo disse que a vida inteira não passa de

sombras. Ele disse que as pessoas estavam apenas sentadas em uma caverna, observando sombras na parede. Positivo, sombras de alguma coisa muito maior e mais imponente que elas. Bem, aquele detector por sonar é como a parede de nossa caverna, mostra formas de coisas muito mais poderosas e aterradoras.”

“Não entendi”, disse Fiona.

“Eu não quero que você entenda”, disse o capitão, passando o braço em volta dela. “É por isso que não contei a você por que o açucareiro é tão especialmente crucial. Certos segredos neste mundo são terríveis demais para que gente jovem os conheça, mesmo quando esses segredos vão chegando cada vez mais perto. Positivo! De qualquer modo, estou com fome. Positivo! Vamos comer?”

O capitão tocou outra vez o sino, e os Baudelaire tiveram a sensação de ter acordado de um sono profundo. “Vou servir o sopão”, disse Phil. “Vamos, Sunny, que tal me ajudar?”

“Vou acionar os motores de novo”, disse Fiona, e começou a subir a escada de corda. “Violet, há uma gaveta na mesa cheia de prataria. Talvez você e seu irmão possam pôr a mesa.”

“É claro”, disse Violet, mas, ao virar-se para o irmão, franziu o cenho. O Baudelaire do meio examinava a carta náutica com uma expressão ultraconcentrada. Seus olhos brilhavam tanto por trás dos óculos que até ficaram parecidos com os símbolos luminescentes do detector por sonar. “Klaus?”, disse ela.

Klaus não respondeu e dirigiu o olhar para o capitão Andarré. “Posso não saber por que o açucareiro é importante”, disse ele, “mas acabo de descobrir onde ele está.”



CAPÍTULO CINCO

Quando se é convidado para jantar, especialmente com pessoas que você não conhece muito bem, é sempre útil ter algum assunto na ponta da língua, uma expressão que aqui significa “ter uma frase interessante para dizer em voz alta a fim de estimular as pessoas a falar”. Embora ultimamente tenha sido cada vez mais difícil comparecer a jantares sem que a noite acabe em tiroteio ou tapioca, mantenho uma lista de frases de abertura boas e ruins no meu livro de lugar-comum, a fim de evitar silêncios embaraçosos à mesa. “Quem gostaria de ver a coleção de fotografias de minhas férias?”, por exemplo, é uma frase de abertura muito pobre, e provavelmente fará seus colegas convivas dar de ombros em vez de falar, ao passo que boas frases de abertura, como “O que será que leva um homem a virar incendiário?”; “Por que será que tantas histórias de amor verdadeiras terminam em tragédia e desespero?”; e “Madame diLustro, creio ter descoberto sua verdadeira identidade!”, podem provocar discussões, brigas e acusações, tornando o jantar muito mais divertido. Quando Klaus Baudelaire anunciou que tinha descoberto a localização do açucareiro, foi uma das melhores frases de abertura da história dos jantares, porque todos a bordo do *Queequeg* começaram a falar ao mesmo tempo, e o jantar não tinha sequer sido servido.

“Positivo?”, berrou o capitão Andarré. “Você descobriu para onde a maré o levou? Positivo? Mas você acabou de dizer que não sabia! Positivo! Você disse que ficou confuso com as cartas náuticas e aquele oval assinalado como 'G.G.'! Positivo! E ainda assim você descobriu! Positivo!

Você é um gênio! Positivo! Você é um sabichão! Positivo! Você é um rato de biblioteca! Positivo! Você é brilhante! Positivo! Você é sensacional! Positivo! Se encontrar o açucareiro, eu deixo você se casar com Fiona!”

“Padrasto!”, exclamou Fiona, corando atrás dos óculos triangulares.

“Não se preocupe”, retrucou o capitão, “também vamos achar um marido para Violet! Positivo! Talvez encontremos seu irmão, há tanto perdido, Fiona! Ele está muito mais velho, é claro, e está desaparecido há anos, mas, se Klaus foi capaz de localizar o açucareiro, provavelmente poderá encontrá-lo! Positivo! Ele é um homem charmoso, portanto você vai acabar se apaixonando por ele, Violet, e então poderíamos ter um casamento duplo! Positivo! Bem aqui no salão principal do *Queequeg*! Positivo! Eu ficaria feliz em officiar! Positivo! Tenho uma gravata-borboleta guardada para uma ocasião especial!”

“Capitão Andarré”, disse Violet, “vamos tentar nos ater ao assunto do açucareiro.” Ela não acrescentou que não tinha interesse em se casar por um bom tempo, especialmente depois que o conde Olaf tentou se casar com ela em um de seus primeiros planos.

“Positivo!”, bradou o capitão. “É claro! Naturalmente! Positivo! Conte tudo para nós, Klaus! Comeremos enquanto você fala! Positivo! Sunny! Cuque! Sirvam o sopão!”

“O sopão está servido!”, anunciou Phil, saindo apressado da cozinha com duas tigelas fumegantes de sopa grossa. A mais jovem dos Baudelaire veio atrás dele. Sunny ainda era um pouco jovem demais para carregar comida quente sozinha, mas tinha encontrado um moedor de pimenta, e deu a volta na mesa para oferecer pimenta moída na hora para quem quisesse.

“Porção dupla de pimenta para mim, Sunny!”, bradou o capitão Andarré, arrebatando a primeira tigela de sopão, apesar de ser mais educado deixar os convidados serem servidos primeiro. “Uma bela tigela de sopão! Uma porção dupla de pimenta! A localização do açucareiro! Positivo! Isso vai arrancar as cracas do meu couro! Positivo! Estou muito contente por ter baldeado vocês Baudelaire para fora do arroio!”

“Eu também”, disse Fiona, sorrindo com timidez para Klaus.

“Eu não poderia estar mais contente”, disse Phil, servindo mais duas tigelas de sopão. “Pensei que nunca mais iria vê-los, e aqui estão! Todos os três cresceram lindamente, apesar de terem sido perseguidos o tempo todo

por um vilão malvado e terem sido acusados de inúmeros crimes que não cometeram!”

“Vocês fizeram uma jornada excruciante”, disse Fiona, usando uma palavra que aqui significa “extrema e desesperadamente penosa”.

“Receio que possamos ter outra jornada excruciante pela frente”, disse Klaus. “Quando o capitão Andarré falou sobre o filósofo que disse que a vida não passa de sombras em uma caverna, me dei conta do que devia ser aquele oval.”

“Um filósofo?”, perguntou o capitão. “Isso é impossível! Positivo!”

“Absurdio”, disse Sunny, o que queria dizer: “Filósofos vivem em picos de montanhas ou em torres de marfim, e não debaixo do mar”.

“Acho que Klaus quis dizer uma caverna”, disse depressa Violet, em vez de traduzir. “O oval deve indicar a entrada de uma caverna.”

“Começa bem ao lado da Aquáticos Anwhistle”, disse Klaus, apontando para a carta. “As correntes do oceano teriam levado o açucareiro para a entrada, e então as correntes da caverna o teriam arrastado para dentro, até bem fundo.”

“Mas a carta só mostra a entrada da caverna”, disse Violet. “Não sabemos como é lá dentro. Eu gostaria que Quigley estivesse aqui. Com seus conhecimentos sobre mapas, ele poderia saber como é formada a caverna.”

“Mas Quigley não está aqui”, disse Klaus gentilmente. “Tenho a impressão de que viajaremos por águas não cartografadas.”

“Isso vai ser divertido”, disse Phil.

Os Baudelaire se entreolharam. A expressão “águas não cartografadas” não se refere apenas a locais subterrâneos que não aparecem nas cartas náuticas. É uma frase que pode descrever qualquer região desconhecida, como uma floresta em que todos os exploradores se perderam, ou o próprio futuro de uma pessoa, que não se pode conhecer antes do tempo. Você não precisa ser um otimista como Phil para achar que águas não cartografadas são divertidas. Eu mesmo já passei muitas tardes agradáveis explorando as águas não cartografadas de um livro que não li, ou um esconderijo que descobri em um guarda-louça — uma palavra que aqui significa “peça de mobiliário de sala de jantar, com prateleiras e gavetas para guardar diversos objetos úteis”. Mas os Baudelaire já tinham passado um bocado de tempo explorando águas não cartografadas, desde as águas

não cartografadas do Lago Lacrimoso, com suas aterrorizantes criaturas, até as águas não cartografadas dos segredos encontrados na Biblioteca de Registros do Hospital Heimlich, e as águas não cartografadas da malevolência do conde Olaf, que eram mais profundas e mais escuras que toda a água do mar. Depois de tantas viagens não cartografadas, os órfãos Baudelaire não estavam com disposição para explorar águas não cartografadas de nenhuma espécie, e não podiam compartilhar do entusiasmo otimista de Phil.

“Não será a primeira vez que o *Queequeg* navegará por águas não cartografadas”, disse o capitão Andarré. “Positivo. A maior parte desse mar foi explorada pela primeira vez por submarinos C.S.C.”

“Nós pensávamos que C.S.C. queria dizer Corporação pelo Salvamento das Chamas”, disse Violet. “Por que um corpo de bombeiros haveria de passar tanto tempo embaixo d’água?”

“C.S.C. não é só um corpo de bombeiros”, disse o capitão, mas sua voz estava muito mansa, como se ele estivesse falando mais consigo mesmo do que com a tripulação. “Positivo, começou assim. Mas os voluntários estavam interessados em muitas coisas! Eu fui um dos primeiros a me apresentar como voluntário para a domesticação de peixes na Criação Secreta de Cardumes. Essa foi uma das missões da Aquáticos Anwhistle, positivo! Passei quatro longos anos treinando salmões para nadar corrente acima e procurar incêndios florestais. Isso foi quando você era muito jovem, Fiona, mas seu irmão trabalhou ao meu lado. Você devia tê-lo visto escamoteando minhocas extras para os seus peixes favoritos! Positivo! O programa foi um modesto sucesso! Positivo! Mas então veio o Café Salmonela e levou embora toda nossa frota. Os irmãos Snicket lutaram o melhor que puderam. Positivo! Os historiadores chamaram isso de A Batalha Snicket dos Facões! Positivo! Mas como escreveu o poeta: 'Garçons demais provaram ser traidores'.”

“Os irmãos Snicket?”, Klaus perguntou depressa.

“Positivo”, disse o capitão. “Três deles, cada qual mais nobre que o outro. Positivo! Kit Snicket ajudou a construir este submarino! Positivo! Jacques Snicket provou que o Incêndio dos Jardins Reais foi premeditado! Positivo! E o terceiro irmão, com os sagüis...”

“Vocês Baudelaire conheciam Jacques Snicket, não é?”, perguntou Fiona, que não se vexava de interromper o padrasto.

“Muito pouco”, disse Violet, “e recentemente nós encontramos uma mensagem dirigida a ele. Foi como descobrimos sobre o encontro de quinta-feira, no último santuário.”

“Ninguém escreveria uma mensagem para Jacques”, disse o capitão Andarré. “Positivo! Jacques está morto!”

“Odartsigam!”, disse Sunny, e seus irmãos rapidamente explicaram que ela queria dizer: “As iniciais eram J.S.”.

“Deve ser algum outro J.S.”, disse Fiona.

“E por falar em iniciais misteriosas”, disse Klaus, “eu gostaria de saber o que significa G.G. Se nós soubéssemos como se chama a caverna, poderíamos ter uma idéia melhor de nossa jornada.”

“Positivo!”, disse o capitão Andarré. “Vamos adivinhar! Grande Garganta! Positivo! Granito Grená! Positivo! Geleira Glamurosa! Positivo! Game Gaiato! Positivo! Gulash Glorioso! Positivo! Governo Gótico! Positivo! Gengivite Gozadora! Positivo! Garota Graciosa levantando da mesa! Positivo!”

De fato, a enteada do capitão se levantara, limpou a boca em um guardanapo bordado com um retrato de Herman Melville e fora até um guarda-louça encaixado em um canto remoto. Fiona abriu um armário e revelou algumas prateleiras atulhadas de livros. “Ontem comecei a ler uma nova aquisição da minha biblioteca micetológica”, disse ela, na ponta dos pés para alcançar a prateleira. “Acabo de me lembrar de ter lido algo que pode vir a calhar.”

Atônito, o capitão cofiou o bigode. “Você e esses cogumelos bolorentos!”, disse ele. “Achei que não iria viver para vê-la fazer bom uso de seus estudos micetológicos”, e lamentou dizer que ele estava certo.

“Vejam”, disse Fiona, folheando um livro grosso intitulado *Cogumelos e suas minúcias*, uma palavra que aqui significa “detalhes obscuros”. “Estava no sumário, que é tudo o que li até agora. Mais ou menos no meio.” Ela trouxe o livro para a mesa e correu o dedo pelos itens do sumário, enquanto os Baudelaire se inclinavam para ver melhor. “Capítulo trinta e seis, 'A levedura das feras'. Capítulo trinta e sete, 'Comportamento dos cogumelos Morei em uma sociedade livre'. Capítulo trinta e oito, 'Mofos fungíveis, fungos mofadores'. Capítulo trinta e nove, 'Valas fúngicas abertas à visitação'. Capítulo quarenta, A Gruta Gorgônea' — aqui está!”

“Gruta?”, perguntou Sunny.

“‘Gruta’ é um outro nome para ‘caverna’”, explicou Klaus, enquanto Fiona abria o livro no capítulo quarenta.

“A Gruta Gorgônea”, leu ela, “localizada na propinquidade da Aquáticos Anwhistle, possui apropriadamente uma denominação sombria que, com raízes na mitologia grega, descreve uma fuma cônica fecunda naquele que é, quiçá, o bicho-papão de todo o panteão micetológico.”

“Positivo! Eu bem que falei que esse livro era difícil demais!”, disse o capitão Andarré. “Uma criancinha não pode decifrar esse tipo de vocabulário.”

“É um estilo de prosa muito complicado”, admitiu Klaus, “mas acho que sei o que significa. A Gruta Gorgônea ganhou esse nome em homenagem a alguma coisa da mitologia grega.”

“Uma górgone”, disse Violet. “Como aquela mulher com serpentes no lugar de cabelos.”

“Ela podia transformar as pessoas em pedra”, disse Fiona.

“Devia ser uma boa pessoa por trás das aparências”, disse Phil.

“Positivo! Acho que frequentei a escola com uma mulher assim!”, disse o capitão.

“Eu não acho que ela era uma pessoa real”, disse Klaus. “Acho que era legendária. O livro diz que é apropriado a fuma ter sido chamada pelo nome de um monstro legendário, porque existe uma espécie de monstro que vive em uma caverna: um bicho-papão.”

“Papao?”, perguntou Sunny.

“Um bicho-papão pode ser qualquer tipo de monstro”, disse Klaus. “Poderíamos chamar o conde Olaf de bicho-papão, se tivéssemos vontade.”

“Eu prefiro não chamá-lo de jeito nenhum”, disse Violet.

“Esse bicho-papão é algum tipo de fungo”, disse Fiona, e continuou a ler o *Cogumelos e suas minúcias*. “O Mycelium Medusóide possui uma estratégia conducente singular de alternar as fases crescente e minguante: a princípio um breve ciclo latente em que o micélio é quase invisível, e a subsequente floração precipitada em talos e píleos salpicados, de veneno tão potente que é uma sorte haver a gruta para servir de local de quarentena.”

“Eu não entendi toda essa terminologia científica”, disse Klaus.

“Eu entendi”, disse Fiona. “Um cogumelo tem três partes principais. Uma é o píleo, ou chapéu, que tem a forma de um guarda-chuva, e a

segunda é o talo, que sustenta o píleo. Essas são as partes que se podem ver.”

“Existe uma parte do cogumelo que não se pode ver?”, perguntou Violet.

“Chama-se micélio”, respondeu Fiona. “É como um feixe de fios que se ramificam e se espalham debaixo da terra. Alguns cogumelos têm micélios que se estendem por quilômetros.”

“Como se escreve 'Mycelium'?”, perguntou Klaus, enfiando a mão em seu bolso à prova d'água. “Quero anotar isso no meu livro de lugar-comum.”

Fiona apontou a palavra na página. “O Mycelium Medusóide alterna as fases crescente e minguante”, disse ela, “o que quer dizer que os píleos e os talos brotam do micélio e depois murcham, e então brotam de novo. É algo parecido com afirmar que não dá para saber que os cogumelos estão lá antes que eles surjam do solo outra vez.”

Os Baudelaire imaginaram um grupo de cogumelos brotando do chão sob seus pés, e se sentiram meio enjoados, como se antecipassem o apavorante encontro que logo iriam ter com aqueles fungos terríveis. “Parece assustador”, disse Violet.

“Fica ainda pior”, disse Fiona. “Os cogumelos são extremamente venenosos. Escutem isto: 'Como diz o poeta: *De um único esporo é tão cruel o poder/ Que em menos de uma hora tu podes morrer*. Um esporo é como uma semente: se tiver um lugar para crescer, se tornará um outro micélio. Mas se alguém o comer, ou até inspirá-lo, ele pode causar a morte.”

“Em menos de uma hora?”, disse Klaus. “É um veneno de ação rápida.”

“A maior parte dos venenos fúngicos tem antídoto”, disse Fiona. “O veneno de um fungo letal pode ser a fonte de alguns remédios maravilhosos. Eu mesma já estive trabalhando em alguns. Mas este livro diz que é uma sorte haver a gruta para servir de local de quarentena.”

“Quarquê?”, perguntou Sunny.

“Quarentena é quando uma coisa perigosa é isolada, para que o perigo não se espalhe”, explicou Klaus. “Como o Mycelium Medusóide está em águas não cartografadas, as pessoas envenenadas foram muito poucas. Se

alguém trouxesse um esporo que fosse para a terra seca, quem sabe o que iria acontecer?”

“Nós não vamos descobrir!”, disse o capitão Andarré. “Não vamos levar esporo nenhum! Positivo! Vamos só agarrar o açucareiro e dar o fora! Positivo! Vou traçar um curso agora mesmo!”

O capitão levantou-se de um pulo e começou a escalar a escada de corda para os controles do *Queequeg*. “Você tem certeza de que devemos prosseguir com nossa missão?”, perguntou Fiona ao padraço, fechando o livro. “Isso parece ser muito perigoso.”

“Perigoso? Positivo! Perigoso e assustador! Positivo! Assustador e difícil! Positivo! Difícil e misterioso! Positivo! Misterioso e incômodo! Positivo! Incômodo e arriscado! Positivo! Arriscado e nobre! Positivo!”

“Imagino que o fungo não poderá nos fazer mal se estivermos dentro do submarino”, disse Phil, esforçando-se para continuar otimista.

“Mesmo que pudesse!”, bradou o capitão, em pé no alto da escada de corda, gesticulando dramaticamente enquanto proferia um discurso de apaixonada eloquência, uma expressão que aqui significa “um discurso que os Baudelaire acharam bastante convincente, mesmo não concordando com todas as palavras”. “A quantidade de perfídia no mundo é enorme!”, bradou. “Positivo! Pensem nas embarcações que vimos na tela do sonar! Pensem no enorme submarino do conde Olaf, e no ainda mais enorme que o afugentou! Positivo! Há sempre alguma coisa mais enorme e mais aterrorizante em nosso encalço! Positivo! E tantos de nossos nobres submarinos se foram! Positivo! Você acha que as roupas de Herman Melville são os únicos uniformes nobres do mundo? Havia voluntários com P. G. Wodehouse nos uniformes, e Carl Van Vechten. Havia Comyns, e Cleary, e Archy, e Mehitabel. Mas agora os voluntários são raros! Portanto, o melhor que podemos fazer é uma única coisinha nobre! Positivo! Como resgatar o açucareiro da Gruta Gorgônea, não importa quão funesto possa parecer! Positivo! Lembrem-se de minha filosofia de vida! Aquele que vacila está perdido!”

“Ou aquela!”, disse Fiona.

“Ou aquela”, concordou o capitão. “Positivo?”

“Positivo!”, exclamou Violet.

“Positivo!”, gritou Klaus.

“Positivo!”, guinchou Sunny.

“Hurra!”, berrou Phil.

Lá de cima, o capitão Andarré encarou Phil, contrariado. Preferia que ele tivesse dito “positivo!”, como todo mundo. “Cuque!”, ordenou ele. “Cuide dos pratos! E o resto de vocês, por favor vão tirar uma pestana! Positivo!”

“Uma pestana?”, perguntou Violet.

“Positivo! Quer dizer 'dormir!'”, explicou o capitão. Dormir!

“Nós sabemos exatamente o que quer dizer”, disse Klaus. “Só ficamos surpresos por ter de dormir durante a missão.”

“Vamos levar algum tempo para chegar à caverna!”, disse o capitão. “Quero vocês quatro bem descansados para o caso de serem necessários! Agora recolham-se a seus alojamentos! Positivo!”

Uma das verdades mais amargas da vida é que muitas vezes a hora de dormir chega bem quando as coisas estão ficando interessantes. Os Baudelaire não estavam especialmente dispostos a ficar rolando na cama nos alojamentos do *Queequeg* — uma expressão que aqui significa “um tipo de quarto que costuma ser desconfortável” — enquanto o submarino se aproximava cada vez mais da gruta misteriosa e de seu item imprescindível, uma expressão que aqui significa “o açucareiro, apesar de as crianças não saberem por que era tão importante”. Porém, enquanto seguiam Fiona para fora do salão principal e de volta ao corredor, passando pela placa que anunciava a filosofia de vida do capitão, e depois pela porta da sala de suprimentos e por um número incontável de tubulações metálicas gotejantes, os irmãos começaram a se sentir muito cansados, e quando Fiona abriu uma porta para revelar um quarto pequeno com iluminação verde, atulhado de beliches vergados, as três crianças já estavam bocejando. Talvez fosse por causa do dia longo e exaustivo, que começara no pico gelado do Monte Fraught, mas quando Violet deitou na cama, não refletiu sobre uma só idéia mecânica como costumava fazer antes de dormir. Klaus mal colocou os óculos em cima de uma pequena mesa-de-cabeceira e despencou na cama, uma expressão que aqui significa “caiu no sono sem refletir sobre um só livro que tivesse lido recentemente”. Sunny se enrolou em cima de um travesseiro e não desperdiçou um só momento planejando novas receitas — de preferência entradas, que eram menos empapadas do que um sopão, pois ela ainda gostava de morder coisas como quando era bebê — antes de começar a sonhar. E até Fiona, cujos hábitos na hora de

dormir me são menos familiares que os dos Baudelaire, pôs seus óculos ao lado dos de Klaus e adormeceu num instante. O motor ronronante do *Queequeg* os fez dormir cada vez mais profundamente durante várias horas, e teriam dormido muito mais se não tivessem sido despertados por um terrível — e terrivelmente familiar — ruído. Era um som alto, estridente e enervante, como o de unhas raspando contra uma lousa, e os Baudelaire quase foram derrubados da cama quando o submarino inteiro se sacudiu com estrépito.

“O que foi isso?”, perguntou Violet.

“Batemos em alguma coisa”, disse Fiona, soturna, agarrando seus óculos com uma das mãos e o capacete de mergulho com a outra. “É melhor a gente ver qual é a situação.”

Os Baudelaire balançaram a cabeça concordando e correram dos alojamentos de volta ao corredor. Um preocupante ruído de água jorrando vinha de algumas tubulações, e Klaus teve de pegar Sunny no colo para passar por cima de diversas poças grandes.

“Será que o submarino está implodindo?”, perguntou Klaus.

“Logo vamos saber”, disse Fiona, e estava certa. Em poucos momentos ela levou os Baudelaire de volta ao salão principal, onde Phil e o capitão, em pé junto à mesa, olhavam fixamente para o negrume vazio do outro lado da vigia. Ambos estavam com expressões austeras, embora Phil tentasse sorrir.

“Foi bom vocês darem uma descansada”, disse o otimista. “Uma aventura de verdade os aguarda.”

“Fico contente por terem trazido seus capacetes”, disse o capitão Andarré. “Positivo!”

“Porquê?”, perguntou Violet. “O *Queequeg* está muito danificado?”

“Positivo!”, disse o capitão. “Quero dizer, não. O submarino está danificado, mas vai agüentar — por enquanto. Chegamos à Gruta Gorgônea há cerca de uma hora, e consegui manobrar para dentro sem problemas. Mas a caverna foi ficando cada vez mais estreita à medida que nos dirigíamos mais para dentro.”

“O livro dizia que a fuma era cônica”, disse Klaus. “O que significa que ela tem a forma de um cone.”

“Positivo!”, disse o capitão. “Entramos pela extremidade larga do cone, mas agora está estreito demais para passar com o submarino. Se

quisermos resgatar o açucareiro, teremos de usar algo menor.”

“Periscópio?”, perguntou Sunny.

“Não”, respondeu o capitão. “Uma criança.”



CAPÍTULO SEIS

“Vocês jovens estão muito elegantes com esses capacetes!”, disse Phil com um sorriso largo e otimista. “Sei que devem estar um pouquinho nervosos, mas estou certo de que vocês crianças darão conta de qualquer situação!”

Os órfãos Baudelaire suspiraram e se entreolharam de dentro de seus capacetes de mergulho. Quando alguém diz que você vai dar conta da situação, significa que essa pessoa acha que você será forte ou habilidoso o bastante para lidar com qualquer imprevisto, mas Violet, Klaus e Sunny não sabiam se poderiam dar conta da situação, já que estavam com medo de afundar. Embora já tivessem arrastado os capacetes na ida e na volta dos alojamentos, ainda não tinham percebido como eles eram incômodos até que os prenderam nos uniformes à prova d'água. Violet não gostou do fato de não poder passar as mãos através do capacete para amarrar o cabelo, caso precisasse de repente inventar algo por força das circunstâncias, uma expressão que aqui significa “enquanto percorria a Gruta Gorgônea”. Klaus

descobriu que era difícil enxergar, pois a pequena janela circular do capacete concorria com seus óculos. E Sunny não ficou nada contente por ter de se enroscar dentro do capacete, fechar a portinhola e ser carregada pela irmã como se fosse uma bola de vôlei e não uma menininha. Quando vestiram seus uniformes apenas algumas horas antes, os três irmãos acharam que as roupas à prova d'água serviam como uma luva. Mas agora, saindo do salão principal e seguindo o capitão Andarré pelo corredor úmido e gotejante, as crianças temiam que os uniformes servissem mais como âncoras que os arrastariam para as profundezas do mar.

“Não se preocupem”, disse Fiona, como se lesse os pensamentos dos Baudelaire. Ela deu um sorrisinho para os irmãos por trás de seu capacete de mergulho. “Garanto a vocês que esses trajes são totalmente seguros — seguros porém desconfortáveis.”

“Desde que possamos respirar”, disse Violet, “não me importa o quão desconfortáveis eles sejam.”

“É claro que vão conseguir respirar!”, disse o capitão. “Positivo! Os sistemas de oxigênio de nossos capacetes fornecem ar em abundância para uma viagem rápida! É claro que, se houver alguma oportunidade de remover os capacetes, façam isso! Positivo! Assim o sistema poderá se recarregar, e vocês terão mais oxigênio.”

“Onde vamos encontrar uma oportunidade de remover os capacetes em uma caverna submarina?”, perguntou Klaus.

“Quem sabe?”, disse o capitão Andarré. “Positivo! Vocês estarão em águas não cartografadas. Eu bem que gostaria de poder ir! Positivo! Mas a fumaça ficou estreita demais!”

“Hewenkella”, disse Sunny. Sua voz soava abafada dentro do capacete, e foi difícil até para seus irmãos entender o que ela dizia.

“Acho que minha irmã está curiosa para saber como conseguiremos enxergar o caminho”, disse Violet. “Há faróis à prova d'água no *Queequeg!*”

“Faróis não vão ajudá-los”, respondeu o capitão. “Positivo! É escuro demais! Positivo! Mas vocês não vão precisar enxergar o caminho. Positivo! Se os cálculos de Klaus estão corretos, a maré vai arrastá-los. Positivo! Não vão nem precisar nadar! Vão simplesmente ficar sentados e se deixar levar direto ao açucareiro!”

“Parece ser um jeito bastante passivo de viajar”, disse Fiona.

“Positivo!”, concordou seu padrasto. “Parece mesmo! Mas não há outra solução! E não devemos vacilar!” Ele parou e apontou para sua placa. “Aquele ou aquela que vacila está perdido!”, lembrou ele.

“É meio difícil não vacilar”, disse Violet, “antes de fazer uma coisa assim.”

“Não é tarde demais para tirar a sorte!”, disse o capitão. “Positivo! Vocês não precisam ir todos juntos!”

“Nós três preferimos não ser separados”, disse Klaus. “Já tivemos problemas demais por causa disso.”

“Acho que vocês já tiveram problemas demais, qualquer que seja o caso!”, disse o capitão. “Positivo!”

“Os Baudelaire estão certos, padrasto”, disse Fiona. “Assim faz muito mais sentido. Nós podemos precisar da perícia mecânica de Violet ou dos conhecimentos de Klaus sobre cartas náuticas. E o tamanho de Sunny pode ser ideal se a fumaça ficar ainda mais estreita.”

“Ulp”, disse Sunny, o que queria dizer algo como: “Não gosto da idéia de flutuar sozinha dentro de um capacete de mergulho”.

“E você, Fiona?”, perguntou o capitão. “Positivo! Você poderia ficar aqui comigo!”

“Minhas habilidades também podem ser necessárias”, disse Fiona mansamente, e os Baudelaire estremeceram, tentando não pensar no Mycelium Medusóide e em seus esporos venenosos.

“Positivo!”, admitiu o capitão Andarré, e alisou o bigode com um dedo enluvado. “Bem, vou relatar tudo isso a C.S.C.! Positivo! Todos vocês, os quatro voluntários, receberão menções por bravura!”

Os Baudelaire se entreolharam o melhor possível através das janelinhas circulares. Uma menção por bravura nada mais é que um pedaço de papel declarando que você foi corajoso em alguma ocasião e, ao que se sabe, tais citações não foram de grande utilidade em confrontos perigosos, seja no fundo — debaixo d'água —, seja, como os Baudelaire viriam a saber mais tarde, nas alturas — em plena atmosfera. Qualquer um pode escrever uma menção por bravura, e é sabido que até eu escrevo uma para mim de vez em quando, a fim de manter meu moral elevado no meio de uma jornada traiçoeira. Os três irmãos estavam mais interessados em sobreviver à viagem pela Gruta Gorgônea do que em receber uma declaração escrita elogiando-os por sua coragem, mas sabiam que o capitão Andarré estava

tentando manter o moral deles elevado enquanto os levava por um corredor até a sala em que encontraram pela primeira vez o capitão do *Queequeg*.

“Para entrar na água”, disse o capitão, “vocês só têm de subir por aquela mesma escada e dar um berro quando chegarem à escotilha. Depois, vou ativar uma válvula aqui embaixo, para que o submarino não se encha de água quando vocês a abrirem. E então, como eu disse, vocês simplesmente têm que se deixar levar pela corrente. Deverão terminar no mesmo lugar que o açucareiro.”

“E mesmo agora você não vai querer nos contar por que o açucareiro é importante?”, Violet não pôde deixar de perguntar.

“Não é o açucareiro”, disse o capitão Andarré, “é o que está dentro dele. Positivo! E já falei demais! Positivo! Há segredos neste mundo que são terríveis demais para que gente jovem os conheça! Pensem só nisto: se vocês soubessem a respeito do açucareiro e, de algum modo, caíssem nas garras do conde Olaf, é impossível dizer o que ele faria! Positivo!”

“Mas vejam pelo lado bom”, salientou Phil. “Quaisquer que sejam as coisas horríveis que podem estar à espreita naquela caverna, vocês não encontrarão o conde Olaf. Não há como aquele submarino-polvo caber lá dentro!”

“Positivo!”, concordou o capitão. “Mas vamos ficar vigiando pelo sonar, só por garantia! Vigiaremos vocês também! Positivo! Estaremos bem aqui, vigilantes! Os sistemas de oxigênio de seus capacetes produzem ruído suficiente para vocês aparecerem como pontinhos na tela! Agora vão! Boa sorte!”

“Vamos ficar torcendo por vocês!”, disse Phil.

Os adultos deram um tapinha no capacete de cada criança e, sem mais vacilações, os Baudelaire partiram com Fiona, subindo a escada até a escotilha pela qual tinham entrado a bordo. Os quatro voluntários fizeram a escalada em silêncio, até que Violet estendeu uma das mãos para cima — a outra segurava o capacete de Sunny — e agarrou a alavanca que abria a escotilha.

“Estamos prontos!”, gritou ela para baixo, muito embora não se sentisse nem um pouco pronta.

“Positivo!”, replicou a voz do capitão. “Estou ativando a válvula agora! Aguardem cinco segundos e então abram a escotilha! Positivo! Mas não vacilem! Positivo! Aquele que vacila está perdido! Positivo! Ou aquela!

Positivo! Boa sorte! Positivo! Boa ventura! Positivo! Boa viagem! Positivo! Adeusinho!”

OuvIU-se um som metálico distante, presumivelmente o som da válvula ativada, e as quatro crianças aguardaram cinco segundos, assim como você mesmo pode querer aguardar alguns segundos para que todos os pensamentos sobre os apuros dos Baudelaire desapareçam de sua imaginação, para que você não desande a chorar enquanto estuda alguns fatos maçantes sobre o ciclo das águas. Relembrando, o ciclo das águas consiste em três fenômenos-chave — evaporação, precipitação e acumulação — que são todos maçantes e, assim, menos perturbadores se comparados ao que aconteceu aos Baudelaire quando Violet abriu a escotilha e as águas gélidas e escuras do mar jorraram para dentro da passagem. Se você fosse ler o que lhes aconteceu nos momentos seguintes, não iria conseguir dormir de tanto chorar no travesseiro ao figurar as crianças totalmente sozinhas naquela furna funesta, flutuando aos poucos para o fundo da caverna; por outro lado, se resolvesse ler sobre o ciclo das águas, você não iria conseguir ficar acordado, pois a descrição do processo pelo qual a água é distribuída por todo o mundo é bastante maçante. E assim, como cortesia a você, continuarei este livro de um jeito que seja melhor para todos os envolvidos.

O ciclo das águas consiste em três fenômenos — evaporação, precipitação e acumulação — que são os três fenômenos que compõem aquilo que é conhecido como “o ciclo das águas”. Evaporação, o primeiro dos três fenômenos, é o processo pelo qual a água se transforma em vapor para formar nuvens, como aquelas que são vistas em céus nublados, ou em dias nublados, ou até mesmo em noites nubladas. Essas nuvens são formadas por um fenômeno conhecido como “evaporação”, que é o primeiro dos três fenômenos que constituem o ciclo das águas. Evaporação, o primeiro desses três, é simplesmente um termo aplicado a um processo pelo qual a água se transforma em vapor para formar nuvens. As nuvens podem ser reconhecidas por sua aparência, e costumam ser vistas em dias nublados ou em noites nubladas, quando figuram em céus nublados. O nome do processo pelo qual as nuvens são formadas — pela água, que se transforma em vapor e se torna parte da formação conhecida como “nuvem” — é “evaporação”, o primeiro dos três fenômenos que constituem o ciclo da água, também conhecido como “o ciclo das águas”, e com certeza a esta

altura você já deve estar dormindo e portanto pode ser poupado dos horripilantes detalhes da jornada dos Baudelaire.

No instante em que Violet abriu a escotilha, a passagem foi inundada pela água, e as crianças flutuaram para fora do submarino e para dentro do negrume da Gruta Gorgônea. Os Baudelaire sabiam, é claro, que o *Queequeg* entrara em uma caverna submarina, mas eles ainda estavam despreparados para a escuridão e o frio lá de dentro. A luz do sol não atingia as águas da gruta havia um bom tempo — desde a época em que a Aquáticos Anwhistle estava em plena atividade, uma expressão que aqui significa “ainda não destruída sob circunstâncias suspeitas” —, e a água parecia uma enregelante luva negra que envolvia as crianças com seus dedos gélidos. Como Klaus previra depois de estudar as cartas náuticas, as correntes da caverna arrastaram os jovens para longe do submarino, mas na escuridão era impossível ver quão depressa e quão longe estavam indo. Em pouco tempo os quatro voluntários perderam o *Queequeg* de vista e, depois, um ao outro. Se a gruta estivesse equipada com algum tipo de sistema de iluminação, como outrora, as crianças poderiam ter visto algumas coisas. Poderiam ter notado o mosaico no chão da gruta — milhares e milhares de ladrilhos coloridos, retratando nobres eventos da história remota de uma organização secreta, e retratos de famosos escritores, cientistas, artistas, músicos, filósofos e chefes de cozinha que inspiraram os membros da organização. Poderiam ter visto uma enorme e enferrujada máquina de bombear, que era capaz de drenar a gruta inteira, ou inundá-la de volta com água do mar em questão de minutos. Poderiam ter olhado para cima e visto os ângulos agudos de diversos Corredores Sub-reptícios de Chamas que levavam para cima, bem como outras passagens secretas que outrora iam até lá em cima, na central de pesquisas marinhas e serviços de aconselhamento retórico, ou poderiam ter visto a pessoa que estava usando uma das passagens agora, e provavelmente pela última vez, enquanto seguia seu difícil e escuro caminho para o *Queequeg*. Mas em vez disso, tudo o que as crianças conseguiam ver através de suas janelinhas circulares eram trevas. Os Baudelaire já tinham visto trevas antes, é claro — trevas em passagens e túneis secretos, trevas em edifícios abandonados e ruas desertas, trevas nos olhos de pessoas perversas, e até trevas em outras cavernas. Mas nunca antes se sentiram tão completamente no escuro como agora. Eles não sabiam onde estavam, embora Violet tivesse sentido, muito

de leve, seus pés roçarem alguma coisa muito lisa, como um ladrilho firmemente assentado no chão. Eles não tinham como saber para onde estavam indo, embora Klaus suspeitasse que seu corpo tinha sido virado pela corrente e agora estava viajando de cabeça para baixo. E eles não tinham como saber quando iriam chegar, embora Sunny visse, através de seu capacete de mergulho, um pequeno ponto de luz, muito parecido com os pontinhos que eram, segundo dissera o capitão Andarré, como eles quatro iriam aparecer na tela do sonar do submarino.

Os Baudelaire se deixaram levar juntos em um tenebroso e enregelante silêncio, assustados, confusos e solitários, e, quando a jornada finalmente terminou, foi tão repentino que eles tiveram a sensação de ter caído em sono profundo, muito profundo, tão profundo e escuro quanto a própria caverna, e de agora estar sendo sacudidos para acordar. De início, a impressão foi que um barril de vidro quebrado tinha sido despejado em cima das crianças, mas depois elas perceberam que flutuaram para a superfície da água e, num só movimento fluido em espiral, a maré os empurrara para cima de alguma coisa que parecia uma praia, e os três irmãos viram-se rastejando por um aclave de areia escura e molhada.

“Klaus?”, chamou Violet através do capacete. “Você está aí? O que aconteceu?”

“Não sei”, respondeu Klaus. Ele podia apenas distinguir a irmã rastejando a seu lado. “Nós não podemos ter chegado à superfície do mar. Estamos muito, muito fundo. Sunny está com você?”

“Sim”, disse Sunny de dentro do seu capacete. “Fiona?”

“Estou aqui”, veio a voz da micetologista. “Mas onde estamos? Como podemos ainda estar abaixo da superfície do mar, se não há água à nossa volta?”

“Não tenho certeza”, disse Klaus, “mas tem de ser possível. Afinal, um submarino pode ficar abaixo da superfície e continuar seco.”

“Será que estamos em outro submarino?”, perguntou Violet.

“Seinão”, disse Sunny, e franziu o cenho dentro de seu capacete. “Olhem!”

Os Baudelaire mais velhos olharam, embora tenham levado alguns momentos até entender o que Sunny estava falando, já que não podiam ver em que direção a irmã apontava. Porém, um momento depois eles viram duas luzinhas a uma curta distância do lugar onde rastejavam. Vacilantes,

levantaram-se — com exceção de Sunny, que continuou enroscada dentro de seu capacete — e viram que as luzes vinham de um lugar de onde muitas luzes costumam vir: lâmpadas. Perto dali, em pé contra a parede, havia três abajures altos, cada qual com uma letra na cúpula. O primeiro abajur tinha um grande C, e o segundo tinha um S. A terceira lâmpada tinha queimado e estava muito escuro para ler o que estava escrito na cúpula, mas as crianças sabiam, naturalmente, que ali deveria haver um segundo C.

“Que lugar é este?”, perguntou Fiona, mas quando as crianças chegaram um pouco mais perto, puderam ver que tipo de lugar era aquele.

Como haviam suspeitado, as correntes da Gruta Gorgônea as tinham arrastado para uma praia, mas era uma praia encerrada dentro de uma sala estreita. No topo do aclave de areia, os jovens percorreram com os olhos aquela sala pequena, mal iluminada, com paredes lisas de ladrilhos que pareciam úmidos e escorregadios, e um chão de areia coberto por uma variedade de pequenos objetos, alguns empilhados, outros semi-enterrados na areia. As crianças podiam ver garrafas, algumas ainda com rolhas e tampas, e algumas latas ainda intactas. Havia uns poucos livros, as páginas molhadas como se tivessem sido encharcadas, e algumas caixas pequenas que pareciam trancadas. Havia um patim virado de ponta-cabeça e um baralho dividido em duas pilhas, como se alguém estivesse prestes a embaralhá-las. Aqui e ali havia algumas canetas projetando-se da areia como espinhos de ouriço, e muitos objetos mais que as crianças não conseguiram identificar na penumbra.

“Onde estamos?”, perguntou Fiona. “Por que este lugar não está cheio d'água?”

Klaus olhou para cima, mas não pôde ver nada além de uns poucos metros. “Isso deve ser algum tipo de passagem”, disse ele, “para cima, até a terra seca — uma ilha, quem sabe, ou talvez faça uma curva até a costa.”

“A Aquáticos Anwhistle”, disse Violet, pensativa. “Devemos estar embaixo das ruínas.”

“Oxi?”, perguntou Sunny, o que queria dizer: “Isso significa que agora podemos respirar sem os capacetes?”.

“Acho que sim”, disse Klaus, e então removeu cuidadosamente seu capacete, um ato pelo qual eu lhe teria dado uma menção por bravura. “Sim”, disse ele. “Podemos respirar. É melhor todo mundo tirar os capacetes — assim nossos sistemas de oxigênio poderão se recarregar.”

“Mas o que é este lugar?”, Fiona perguntou de novo, removendo seu capacete. “Por que alguém construiria uma sala aqui embaixo?”

“Parece que foi abandonada”, disse Violet. “Está cheia de tralha.”

“Alguém deve vir trocar as lâmpadas”, lembrou Klaus. “Além disso, toda essa tralha foi trazida até aqui pela maré, como nós.”

“E açucareiro”, disse Sunny.

“É claro”, disse Fiona, olhando para os objetos na areia. “Ele deve estar por aqui, em algum lugar.”

“Vamos achá-lo e dar o fora”, disse Violet. “Não gosto deste lugar.”

“Missão”, disse Sunny, o que queria dizer: “Uma vez encontrado o açucareiro, nossa tarefa estará cumprida”.

“Não exatamente”, disse Klaus. “Ainda teremos de retornar ao *Queequeg*— contra a corrente, devo acrescentar. Procurar o açucareiro é apenas meia batalha.”

Todos balançaram a cabeça concordando, e os quatro voluntários se espalharam e começaram a examinar os objetos na areia. Dizer que alguma coisa é meia batalha é como dizer que alguma coisa é meio sanduíche, porque é perigoso anunciar que alguma coisa é meia batalha quando pode ser que a parte muito mais difícil ainda esteja aguardando nos bastidores, uma expressão que aqui significa “mais perto de acontecer do que você gostaria”. Você pode pensar que aprender a ferver água é meia batalha, apenas para descobrir que fazer um ovo poché é muito mais complicado do que você pensava. Você pode pensar que escalar uma montanha é meia batalha, apenas para descobrir que os bodes monteses que vivem no topo são atrozes criaturas fortemente armadas. E você pode pensar que salvar um icnólogo raptado é meia batalha, apenas para descobrir que fazer um ovo poché é muito mais complicado do que você supunha e que a batalha inteira seria muito mais difícil e perigosa do que você jamais teria imaginado. Os Baudelaire e sua amiga micetologista achavam que procurar o açucareiro era meia batalha, mas lamento ter de contar que eles estavam errados, e você tem sorte de ter adormecido lá atrás, durante minha descrição do ciclo das águas, pois assim não vai ficar sabendo da outra metade da batalha dos Baudelaire e do horrível veneno contra o qual tiveram de batalhar não muito tempo depois de sua busca pela areia.

“Encontrei uma caixa de elásticos”, disse Violet depois de alguns minutos, “e uma maçaneta de porta, duas molas de colchão, meia garrafa de

vinagre e uma faca de descascar, mas nenhum açucareiro.”

“Encontrei um brinco, uma prancheta quebrada, um livro de poesia, meio grampeador e três mexedores de coquetel”, disse Klaus, “mas nenhum açucareiro.”



“Três lata sopa”, disse Sunny, “pote manteiga amendoim, caixa biscoito, pesto, *wasabi*, *Io mein*. Mas nonsucre.”

“Isso é mais difícil do que eu pensava”, disse Klaus. “O que você encontrou, Fiona?”

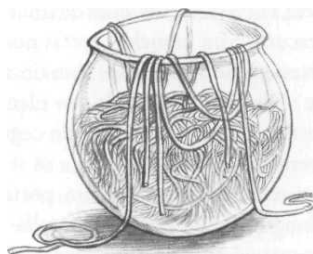
Fiona não respondeu.

“Fiona?”, Klaus perguntou de novo, e os Baudelaire se voltaram para olhá-la. Mas a micetologista não estava olhando para eles. Olhava para além deles, e seus olhos estavam arregalados de medo atrás dos óculos triangulares. “Fiona?”, disse Klaus, parecendo meio preocupado. “O que você encontrou?”

Fiona engoliu em seco e apontou atrás dele, mais abaixo no aclave de areia.

“Mycelium”, disse afinal em um sussurro velado, e os Baudelaire se voltaram e viram que ela falara a verdade. Lá estavam, brotando na areia, rápida e silenciosamente, os talos e píleos do Mycelium Medusóide, o fungo que Fiona descrevera no *Queequeg*. Os fios invisíveis do micélio, de acordo com seu livro micetológico, alternam as fases crescente e minguante, e estavam em minguante quando os voluntários foram trazidos à praia, o que significava que os cogumelos estavam escondidos embaixo da terra quando as crianças chegaram àquela estranha sala.

Mas agora, com o passar do tempo, eles estavam em crescente, brotando na praia por toda parte, até junto às lisas paredes ladrilhadas. De início, apenas um punhado era visível — cada qual de uma coloração cinzenta-escura, com manchas pretas nos chapéus, como se tivessem sido salpicados com tinta —, e então mais, e mais, qual uma multidão silenciosa e letal se reunindo na praia e encarando cegamente as crianças aterrorizadas. Os cogumelos só se aventuravam até a metade do aclave de areia, portanto parecia que o fungo venenoso não iria engolfá-las — não ainda, pelo menos. Mas à medida que o micélio continuava em sua fase crescente, cogumelos sinistros brotavam pela praia inteira, e até a minguante os Baudelaire teriam de ficar apertados uns contra os outros na areia, à luz dos abajures altos, encarando de volta a peçonhenta multidão micetológica. Mais e mais cogumelos apareceram, abarrotando a estranha praia e amontoando-se uns por cima dos outros como se estivessem se acotovelando para ter uma boa visão das crianças apavoradas, presas numa arapuca. Procurar o açucareiro pode ter sido meia batalha, mas agora os órfãos Baudelaire tinham caído na ratoeira, e aquela metade era muito, muito mais preocupante.



CAPÍTULO SETE

A expressão “estou cheio”, assim como a palavra “voluntário”, a palavra “salvamento”, a palavra “chamas” e muitas outras palavras que se encontram em dicionários e outros documentos importantes, tem diversos usos diferentes, dependendo das circunstâncias. O uso mais comum da expressão “estou cheio” é “estou cansado” ou “não agüento mais essa situação insuportável”, e essa expressão já foi usada nesse sentido para descrever muita coisa na minha história dos órfãos Baudelaire, por exemplo quando eles ficaram cheios de sentir os odores sinistros do Mau Caminho, por onde viajaram muito tempo atrás, ou quando não agüentaram mais a situação insuportável de subir e descer as extenuantes Montanhas de Mão-Morta à procura da base de operações de C.S.C. Existe também um uso médico da expressão “estou cheio”, porque você pode dizer “estou cheio de piolhos”, mas esse uso de “estou cheio” jamais apareceu em meu trabalho, muito embora, com os hábitos de higiene do conde Olaf piorando dia a dia, eu talvez encontre uma ocasião para usá-la. E por fim há o uso mais correto da expressão “estou cheio” com o significado de “abundantemente provido”, que exprime bem o modo como o conde Olaf é cheio de planos traiçoeiros, ou o *Queequeg* é cheio de tubulações de metal, ou o mundo inteiro é cheio de segredos inimagináveis, e é esse o uso que os Baudelaire davam à expressão naquele momento, espremidos com Fiona embaixo dos misteriosos abajures altos da Gruta Gorgônea, observando mais e mais cogumelos brotarem da areia. Enquanto as vizinhanças se tornavam cheias de Mycelium Medusóide, as crianças pensavam em todas as outras coisas de que suas vidas foram cheias. Suas vidas tinham sido cheias de mistérios, desde os mistérios de C.S.C. até os de seus próprios futuros, e os mistérios se amontoavam, como os talos e píleos dos fungos venenosos. Suas vidas tinham sido cheias de perigos, tanto os perigos que encontraram no topo de

montanhas e embaixo de edifícios como os perigos que enfrentaram na cidade e nos sertões; tanto o perigo de pessoas vilanescas como o perigo de pessoas boas que não tinham idéia do que fazer. E suas vidas tinham sido cheias de coisas desagradáveis, eles conheceram pessoas terríveis e comeram refeições horríveis, estiveram em locais aterrorizantes e viveram circunstâncias medonhas, suportaram inconveniências apavorantes e também pavores inconvenientes, de tal modo que parecia que suas vidas seriam sempre cheias, cheias de dias cheios e cheias de noites cheias, mesmo que todas as coisas de que suas vidas eram cheias enchessem menos, e enchessem menos suas vidas de tudo o que enche no decorrer do curso de cada momento que enche com tudo o que enche, mas a cada novo cogumelo que enchia a caverna e a deixava cada vez mais cheia de tudo o que enche, os Baudelaire já estavam cheios daquela situação insuportável.

“Cheia”, disse Sunny.

“Isso não é uma boa notícia”, concordou Klaus. “Fiona, você acha que já fomos envenenados?”

“Não”, disse Fiona com firmeza. “Os esporos não deverão nos alcançar aqui. Enquanto permanecermos na extremidade da caverna, e os cogumelos não avançarem mais, é provável que estejamos seguros.”

“Parece que eles pararam de avançar”, disse Violet, apontando para a linha de cogumelos cinzentos, e os outros voluntários viram que ela tinha razão. Ainda pipocavam novos cogumelos, mas o fungo não parecia estar mais perto das quatro crianças.

“Acho que o micélio só cresceu até ali”, disse Fiona. “Temos muita sorte.”

“Não me sinto muito sortudo”, disse Klaus. “Me sinto preso numa arapuca. Como vamos sair daqui?”

“Só existe um jeito”, disse Violet. “O único caminho de volta para o *Queequeg* passa pelo meio daqueles cogumelos.”

“Se passarmos pelo meio dos cogumelos”, disse Fiona, “muito provavelmente seremos envenenados. Um esporo poderia penetrar em nossos trajes sem que percebêssemos.”

“Antídoto?”, perguntou Sunny.

“Eu poderia encontrar a receita da cura”, disse Fiona, “em algum lugar na minha biblioteca micetológica. Mas nós não queremos correr esse risco. Temos de sair por outro lugar.”

Por um momento, todas as quatro crianças olharam para o alto, para a escuridão da passagem acima de suas cabeças. Violet franziu a testa e pôs uma das mãos sobre os úmidos e escorregadios ladrilhos da parede. Com a outra mão, ela procurou algo no bolso à prova d'água de seu uniforme e tirou de lá uma fita para amarrar o cabelo.

“Podemos sair por ali?”, perguntou Klaus. “Você pode inventar alguma coisa que nos ajude a escalar até aquela passagem?”

“Bagulhada”, disse Sunny, o que queria dizer: “Há materiais para invenções à vontade aqui na areia”.

“Materiais não são o problema”, disse Violet, e perscrutou a escuridão. “Estamos no fundo do mar. Devem ser quilômetros e quilômetros até a superfície. Até mesmo o melhor dos dispositivos de escalada se desgastaria no percurso, e, se isso acontecer, despencaremos de volta para o fundo.”

“Mas alguém deve usar aquela passagem”, disse Klaus. “Senão, ela não teria sido construída.”

“Isso não importa”, disse Fiona. “Não podemos sair por esse caminho. Temos de chegar ao *Queequeg*. Caso contrário, meu padrasto vai ficar sem saber o que aconteceu conosco. E vai acabar por colocar seu capacete de mergulho e sair para investigar...”

“E a maré vai arrastá-lo diretamente para os fungos venenosos”, completou Klaus. “Fiona tem razão. Mesmo se pudéssemos escalar até lá em cima, esse seria o caminho errado.”

“Mas o que mais podemos fazer?”, disse Violet, alteando a voz. “Não podemos passar o resto de nossas vidas neste lugar miserável!”

Fiona olhou para os cogumelos e suspirou. “O livro *Cogumelos e suas minúcias* diz que esse fungo tem fases crescente e minguante. Neste momento, está em crescente. Temos de esperar até que entre em minguante de novo, para então sair correndo pela areia, mergulhar e nadar de volta ao submarino.”

“Mas quanto tempo vai levar até entrar em minguante?”, disse Klaus.

“Não sei”, admitiu Fiona. “Pode levar apenas alguns minutos ou umas poucas horas. Pode até levar alguns dias.”

“Alguns dias?”, disse Violet. “Em alguns dias seu padrasto vai desistir de nós! Em alguns dias vamos perder o encontro de C.S.C.! Não podemos esperar alguns dias!”

“Só temos uma escolha”, disse Klaus, pousando uma mão confortadora no ombro de Violet. “Podemos esperar até que os cogumelos desapareçam ou podemos acabar envenenados.”

“Isso não é uma escolha”, retrucou Violet em tom amargo.

“É uma escolha de Hobson”, disse Klaus. “Está lembrada?”

A Baudelaire mais velha baixou os olhos para o irmão e deu-lhe um sorrisinho. “É claro que estou lembrada”, disse ela.

“Mamasan”, disse Sunny. Seus irmãos olharam para ela, e Violet ergueu-a nos braços.

“Quem é Hobson?”, perguntou Fiona. “Qual era a sua escolha?”

Klaus sorriu. “Thomas Hobson viveu na Inglaterra, no século Vil”, disse ele. “Era encarregado de um estábulo e, de acordo com a lenda, sempre dizia a seus fregueses que eles tinham uma escolha: eles podiam pegar o cavalo mais próximo da porta ou então nenhum cavalo.”

“Isso não é uma escolha”, disse Fiona.

Violet sorriu. “Precisamente”, disse ela. “Uma escolha de Hobson é uma coisa que não é uma escolha de verdade. É uma expressão que nossa mãe costumava usar. Ela dizia: 'Vou lhe dar uma escolha de Hobson, Violet. Você pode limpar seu quarto ou então vou ficar na porta e cantar sua canção menos favorita várias vezes sem parar'.”

Fiona arreganhou um sorriso. “Qual era sua canção menos favorita?”, perguntou ela.

“Rema, rema, remador”, disse Violet. “Tem uma parte que detesto, uma que diz que a vida não passa de um sonho.”

“A escolha de Hobson que ela me dava era lavar os pratos ou ler a poesia de Edgar Guest”, disse Klaus. “Ele é com certeza meu poeta menos favorito.”

“Banho ou vestido rosa”, disse Sunny.

“Sua mãe sempre brincava desse jeito?”, perguntou Fiona. “A minha ficava tremendamente zangada se eu não limpasse meu quarto.”

“A nossa mãe também”, disse Klaus. “Você se lembra, Violet, de quando deixamos a janela da biblioteca aberta, e naquela noite choveu?”

“Ela perdeu as estribeiras”, disse Violet, usando uma expressão que aqui significa “ficou extremamente zangada”. “Nós estragamos um atlas que ela disse ser insubstituível.”

“Você devia tê-la ouvido gritar”, disse Klaus. “Nosso pai desceu do gabinete para ver o que estava acontecendo.”

“Então ele também começou a gritar”, disse Violet, e os Baudelaire pararam e se entreolharam, incomodados. Todo mundo grita de tempos em tempos, é claro, mas as crianças Baudelaire não gostavam de pensar em seus pais gritando, especialmente agora que não estavam mais por perto para pedir desculpas ou dar explicações. Muitas vezes é difícil admitir que alguém que você ama não é perfeito, ou considerar os aspectos menos admiráveis de uma pessoa. Para os Baudelaire, a sensação era quase como se eles tivessem traçado uma linha depois que seus pais morreram — uma linha secreta em suas lembranças, separando todas as coisas maravilhosas a respeito dos Baudelaire pais das coisas que talvez não fossem assim tão maravilhosas. Desde o incêndio, sempre que pensavam nos pais, os Baudelaire não ultrapassavam de modo algum essa linha secreta, preferindo ponderar sobre os melhores momentos que a família passara reunida, e não sobre quando os pais brigavam, ou eram injustos, ou egoístas. Mas agora, de repente, na penumbra da Gruta Gorgônea, os irmãos tinham tropeçado para além daquela linha e se flagraram pensando naquela tarde exaltada na biblioteca e, momentos depois, outras tardes e noites exaltadas lhes vieram à mente até suas cabeças ficarem cheias de lembranças de todas as laias, uma expressão que aqui significa “tanto as boas como as más”. Cruzar essa linha em suas lembranças e admitir que seus pais às vezes eram difíceis causou nos irmãos uma sensação nauseante; e ficaram ainda mais nauseados ao perceber que não podiam cruzá-la de volta e fingir que jamais se lembraram daqueles momentos menos perfeitos, do mesmo modo como não podiam voltar no tempo e se encontrar mais uma vez seguros no lar dos Baudelaire, antes de o incêndio e o conde Olaf aparecerem em suas vidas.

“Meu irmão também costumava ficar zangado”, disse Fiona. “Antes de ele desaparecer, tinha brigas horríveis com meu padrasto — tarde da noite, quando pensavam que eu estava dormindo.”

“Seu padrasto não mencionou isso”, disse Violet. “Ele disse que seu irmão era um homem charmoso.”

“Talvez ele só se lembre das partes charmosas”, replicou Fiona. “Talvez ele não queira se lembrar de tudo. Talvez queira manter essas partes em segredo.”

“Você acha que seu padrasto sabia deste lugar?”, perguntou Klaus, correndo os olhos pela fantasmagórica sala. “Ele mencionou que poderíamos encontrar um lugar para tirar os capacetes de mergulho, está lembrada? Na hora pareceu estranho.”

“Não sei”, disse Fiona. “Talvez esse seja mais um segredo que ele está guardando.”

“Como o açucareiro”, disse Violet.

“Por falar nisso”, disse Sunny.

“Sunny está certa”, disse Klaus. “Devíamos continuar a busca pelo açucareiro.”

“Deve estar aqui, em algum lugar”, concordou Fiona, “e, além disso, precisamos achar um jeito de ocupar o tempo até o fungo entrar em mingunte. Todo mundo devia se espalhar e, caso encontrasse o açucareiro, gritar para os outros.”

Os Baudelaire balançaram a cabeça em concordância, e os quatro voluntários tomaram posições distantes na areia, zelando para não pisar perto do Mycelium Medusóide. Durante as horas seguintes, eles cavaram o chão de areia da gruta e examinaram o que encontraram à luz dos dois abajures altos. Cada camada de areia revelava vários itens interessantes, mas independentemente do número de objetos que as crianças encontraram, ninguém gritou. Violet encontrou uma manteigueira, um pedaço de fio elétrico e uma estranha pedra quadrada com mensagens gravadas em três línguas, mas não era o que estava procurando e, assim, a mais velha dos Baudelaire permaneceu em silêncio. Klaus encontrou uma caixa de palitos de dentes, um pequeno fantoche de mão e um anel feito de metal fosco, mas não o que ele viera procurar na caverna e, assim, o Baudelaire do meio apenas suspirou. E Sunny encontrou dois guardanapos de pano, um telefone quebrado e uma elegante taça de vinho cheia de buracos, mas quando ela finalmente abriu a boca para falar, a mais jovem dos Baudelaire disse apenas: “Lanche!”, o que queria dizer algo do tipo: “Por que nós não paramos para comer alguma coisa?”, e rapidamente abriu os biscoitos e a manteiga de amendoim que encontrara.

“Obrigada, Sunny”, disse Fiona, pegando um biscoito com manteiga de amendoim. “Vou dizer uma coisa, irmãos Baudelaire, estou quase frustrada. Minhas mãos doem de tanto cavar, mas nem sinal do açucareiro.”

“Começo a pensar que nossa missão vai dar com os burros n'água”, disse Violet, usando uma expressão que aqui significa “missão que não vai cumprir seu objetivo”. “Nós fizemos toda essa viagem até aqui embaixo para encontrar um item crucial, e em vez disso parece que não conseguimos encontrar nada a não ser lixo. É uma perda de tempo.”

“Não necessariamente”, disse Klaus, comendo um biscoito enquanto examinava os itens que encontrara. “Podemos não ter encontrado o açucareiro, mas acho que obtivemos algumas informações cruciais.”

“O que você quer dizer?”, disse Violet.

“Dê uma olhada nisso”, disse Klaus, e ergueu um livro que encontrara na areia. “É uma coletânea de poesia, e a maior parte está encharcada, não dá para ler. Mas veja a página de rosto.”

O Baudelaire do meio abriu o livro para os outros voluntários poderem ver. “*Clarificação de Sibilinos Cantarei*”, leu Violet em voz alta.

“C.S.C.”, disse Sunny.

“Sim”, disse Klaus. “‘Sibilino’ significa ‘enigmático’, e ‘clarificação’ significa ‘tornar claro’. Eu acho que C.S.C. pode ter coisas escondidas aqui — não apenas o açucareiro, mas outros segredos.”

“Isso faria sentido”, disse Violet. “Esta gruta é um pouco como uma passagem secreta — como aquela que encontramos embaixo de nossa casa, ou a que Quigley encontrou embaixo da dele.”

Fiona assentiu e começou a procurar algo na pilha de coisas que tirara da areia. “Eu tinha encontrado um envelope”, disse ela, “mas nem pensei em abrir. Estava concentrada demais no açucareiro.”

“*Pundonor*”, disse Sunny, erguendo uma folha de jornal toda suja e rasgada. As crianças puderam ver as letras C.S.C, destacadas com um círculo em volta de uma manchete.

“Estou exausta demais para continuar a cavar”, disse Violet. “Vamos ler um pouco, em vez disso. Klaus, você pode examinar aquele livro de poesia. Fiona, você pode ver se há alguma coisa que valha a pena naquele envelope. E eu vou dar uma olhada no recorte que Sunny encontrou.”

“Eu?”, perguntou Sunny, cujas habilidades de leitura ainda estavam em desenvolvimento.

“Que tal cozinhar alguma coisa para nós, Sunny?”, Klaus sugeriu com um sorriso. “Aqueles biscoitos só serviram para despertar meu apetite.”

“Pronto”, prometeu a mais jovem dos Baudelaire, e se pôs a examinar as provisões que encontrara na areia, a maior parte das quais estava hermeticamente fechada. A expressão “despertar o apetite”, como você deve saber, significa acordar a fome da pessoa, e na maior parte das vezes essa fome é de comida. Os Baudelaire tinham perdido a noção do tempo enquanto vasculhavam a areia da gruta, e o lanche preparado por Sunny os acordou para o fato de que muito tempo se passara desde a última vez em que comeram. Mas um outro apetite também fora despertado nos Baudelaire — uma fome de segredos e informações que pudessem ajudá-los. Enquanto Sunny começava a preparar uma refeição para seus companheiros voluntários, Violet e Klaus examinaram o material que tinham encontrado, devorando qualquer informação que parecesse importante, e Fiona fez a mesma coisa, encostando-se na parede ladrilhada da caverna enquanto examinava o conteúdo do envelope que encontrara. A fome de informações dos voluntários era quase tão intensa quanto a fome de comida, e depois de um prolongado período estudando e tomando notas, batendo e misturando, as quatro crianças não sabiam dizer se estavam mais ansiosas por ouvir o resultado da pesquisa dos outros ou por comer a refeição que Sunny preparara.

“O que é isso?”, perguntou Violet à irmã, olhando fixamente para o aquário que Sunny usara como tigela de servir.

“*Pesto Io mein*” explicou Sunny.

“O que minha irmã quer dizer”, disse Klaus, “é que ela encontrou um pacote de macarrão mole chinês, que misturou com molho italiano de manjerição que ela tirou de um vidro.”

“É uma combinação bem internacional”, disse Fiona.

“Hobson”, disse Sunny, o que queria dizer: “Dadas as circunstâncias, não tive muita escolha”, e então ofereceu outra coisa que encontrara. “Wasabi?”

“O que é *wasabi*?”, perguntou Violet.

“É um condimento japonês”, disse Klaus. “É muito picante, e costuma ser servido com peixe.”

“Por que não guardamos o *wasabi*, Sunny?”, disse Violet, e pegou a lata do condimento para guardá-la no bolso de seu uniforme. “Vamos levá-lo conosco para o *Queequeg*, lá você poderá usá-lo em alguma receita de frutos do mar.”

Sunny concordou com a cabeça e passou o aquário para os irmãos. “Talher”, disse ela.

“Podemos usar esses mexedores de coquetel como *hashif*”, disse Klaus. “Vamos ter de comer em turnos, e quem não estiver comendo pode contar o que descobriu. Aqui estão, Fiona, por que você não começa?”

“Obrigada”, disse Fiona, pegando agradecida os mexedores de coquetel. “Estou com bastante fome. Você descobriu alguma coisa naquele livro de poesia?”

“Não tanto quanto gostaria”, disse Klaus. “A maior parte das páginas estava encharcada, portanto não pude ler muita coisa. Mas creio que aprendi um novo código: Comunicação por Semiflutuações em Cânticos. É um modo de se comunicar substituindo palavras em cânticos — ou poemas.”

“Não entendi”, disse Violet.

“É meio complicado”, disse Klaus, abrindo seu livro de lugar-comum na página em que copiara a informação. “O livro usa o poema 'Minha última duquesa', de Robert Browning, como exemplo.”

“Eu li esse poema”, disse Fiona, enrolando alguns fios de macarrão no mexedor de coquetel para levá-lo à boca. “É uma história arrepiante sobre um homem que assassina a esposa.”

“Certo”, disse Klaus. “Mas se um voluntário usasse o nome do poema em uma comunicação codificada, o título poderia ser 'Minha última esposa' em vez de 'Minha última duquesa', do poeta 'Obert Browning' em vez de Robert Browning.”

“E qual seria o propósito disso?”, disse Violet.

“O voluntário que lesse a mensagem repararia no erro”, disse Klaus. “Pode-se dizer que a mudança de certas palavras ou letras é uma espécie de flutuação, ou 'semiflutuação'. Se você determinar as flutuações no poema, receberá a mensagem.”

“Duquesa R?”, perguntou Fiona. “Que tipo de mensagem é essa?”

“Não tenho certeza”, admitiu Klaus. “Está faltando a página seguinte do livro.”

“Você acha que a página que falta também é um código?”, perguntou Violet.

Klaus encolheu os ombros. “Não sei”, disse ele. “Códigos não passam de um jeito de falar para que algumas pessoas entendam e outras não.

Lembra-se de quando conversamos com Quigley na caverna, com todos os outros Escoteiros da Neve ouvindo?”

“Sim”, disse Violet. “Nós usamos palavras que começavam com C, S e C, para que soubéssemos que estávamos todos do mesmo lado.”

“Talvez devêssemos ter um código para nós”, disse Fiona, “para que possamos nos comunicar se estivermos em apuros.”

“É uma boa idéia”, disse Klaus. “Que palavras poderíamos usar como código?”

“Comida”, sugeriu Sunny.

“Perfeito”, disse Violet. “Vamos fazer uma lista de comidas e o que significam em nosso código. Nós as usaremos na conversa, e nossos inimigos nunca suspeitarão que estamos na verdade nos comunicando.”

“E nossos inimigos podem estar em qualquer esquina”, disse Fiona, passando o aquário de *Io mein* para Violet e pegando o envelope que encontrara. “Dentro desse envelope havia uma carta. Normalmente eu não leio a correspondência de outras pessoas, mas parece improvável que essa carta chegue algum dia a Gregor Anwhistle.”

“Gregor Anwhistle?”, perguntou Violet. “Ele é o fundador da central de pesquisas. Quem escreveu para ele?”

“Uma mulher chamada Kit”, disse Fiona. “Acho que é Kit Snicket, a irmã de Jacques.”

“É claro”, disse Klaus. “Seu padrasto disse que ela era uma mulher nobre, que ajudou a construir o *Queequeg*.”

“De acordo com a carta”, disse Fiona, “Gregor Anwhistle estava envolvido em alguma coisa chamada 'cisão'. O que é isso?”

“Foi um grande conflito interno em C.S.C.”, disse Klaus. “Quigley nos falou um pouco sobre isso.”

“Todo mundo escolheu um lado”, lembrou Violet, “e agora a organização virou um caos. De que lado estava Gregor?”

“Não sei”, disse Fiona com o cenho franzido. “Parte da carta está em código, e parte ficou dentro d'água. Não consigo entender tudo, mas parece que Gregor estava envolvido em alguma coisa chamada Carreação de Supervoláteis Cogumelos.”

“'Carreação' quer dizer 'transportar alguma coisa de um lugar para outro’”, disse Klaus. “'Volátil' quer dizer 'instável' ou 'que provavelmente

vai causar problemas'. 'Cogumelos' nós sabemos, é claro. Quem estava transportando cogumelos superinstáveis de um lugar para outro?"

"C.S.C.", respondeu Fiona. "Durante a cisão, Gregor achava que o Mycelium Medusóide poderia ser útil."

"O Mycelium Medusóide?", disse Violet, olhando nervosa para os silenciosos cogumelos cinzentos que ainda forravam a entrada da pequena sala ladrilhada, as manchas pretas que pareciam mais fantasmagóricas sob a luz pálida. "Não consigo imaginar como alguém poderia pensar que coisas tão letais fossem úteis."

"Ouça o que Kit escreveu a respeito", disse Fiona. "O fungo venenoso que você insiste em cultivar na fumaça vai trazer severas consequências para todos nós. Nossa fábrica no Mau Caminho pode prover uma certa diluição da capacidade destrutiva do micélio sobre a respiração, deixando-o menos nocivo, e você me assegura que o micélio se desenvolve melhor em espaços fechados e pequenos, mas isso não me acalma. Um só erro, Gregor, e suas instalações deverão ser abandonadas. Por favor, não se transforme na coisa que mais o apavora, adotando a tática destrutiva de nossos vilanescos inimigos: brincar com fogo."

Klaus copiava com cuidado a carta de Kit Snicket em seu livro de lugar-comum. "Gregor estava cultivando aqueles cogumelos", disse ele, "para usar contra os inimigos de C.S.C."

"Ele ia envenenar pessoas?", perguntou Violet.

"Pessoas vilanescas", respondeu Fiona, "mas Kit Snicket achou que usar cogumelos venenosos também era vilanesco. Eles trabalhavam em um meio de enfraquecer o veneno, em uma fábrica no Mau Caminho. Mas a autora da carta ainda achava que a Carreação de Supervoláteis Cogumelos era algo perigoso demais, e advertiu Gregor de que, caso não tomasse cuidado, o micélio iria envenenar a central de pesquisas inteira."

"E agora a central se foi", disse Violet, "mas o micélio permanece. Alguma coisa deu muito errado aqui onde estamos sentados."

"Eu ainda não entendo", disse Klaus. "Gregor era um vilão?"

"Acho que ele era volátil", disse Fiona, "como o Mycelium Medusóide. E a autora da carta diz que quando você cultiva uma coisa volátil, está brincando com fogo."

Violet estremeceu, parou de comer seu *lo mein alpestro* e pôs de lado o aquário. "Brincar com fogo", é claro, é uma expressão que se refere a

qualquer atividade perigosa ou arriscada, tal como escrever uma carta para uma pessoa volátil ou viajar por uma caverna escura cheia de fungos venenosos a fim de procurar um objeto que foi levado embora há um bocado de tempo, e os Baudelaire não gostavam de pensar no fogo com que estavam brincando, ou nos fogos com que pessoas já tinham brincado naquela sala úmida e misteriosa. Por um momento, ninguém falou, e os Baudelaire ficaram olhando fixamente para os talos e píleos dos cogumelos letais, perguntando-se o que dera errado para a Aquáticos Anwhistle. Eles se perguntaram como começara a cisão. E se perguntaram sobre todas as coisas misteriosas e vilanescas que pareciam rodeá-los, coisas que chegavam cada vez mais perto à medida que suas vidas miseráveis prosseguiam, e se perguntaram se um dia tais mistérios seriam resolvidos, se um dia os vilões seriam derrotados.

“Minguante”, disse Sunny de repente, e as crianças viram que era verdade. A multidão de cogumelos parecia estar só um pouquinho menor, e aqui e ali elas viram um talo e um píleo desaparecerem dentro da areia, como se o fungo venenoso tivesse decidido implementar uma estratégia alternativa, uma expressão que aqui significa “aterrorizar os Baudelaire de um outro jeito”.

“Sunny está certa”, disse Klaus aliviado. “O Mycelium Medusóide está minguando. Logo será seguro retornar ao *Queequeg*.”

“Deve ser um ciclo bem curto”, disse Fiona, fazendo uma anotação em seu livro de lugar-comum. “Há quanto tempo vocês acham que estamos aqui?”

“A noite inteira, pelo menos”, disse Violet, desdobrando a folha de jornal que Sunny encontrara.

“Foi sorte termos achado todo esse material, caso contrário teríamos ficado bem entediados.”

“Meu irmão sempre tinha um baralho com ele”, lembrou-se Fiona, “para o caso de ficar retido em alguma situação tediosa. Ele inventou um jogo de cartas chamado Desatino de Fernald, e nós dois costumávamos jogar sempre que tínhamos uma longa espera pela frente.”

“Fernald?”, perguntou Violet. “Era esse o nome do seu irmão?”

“Sim”, disse Fiona. “Por quê?”

“Curiosidade”, disse ela, enfiando apressadamente o jornal no bolso do uniforme. Lá dentro havia espaço suficiente apenas para ele, ao lado da

lata de *wasabi*.

“Você não vai nos contar o que havia no jornal?”, perguntou Klaus. “Eu vi que a manchete dizia C.S.C.”

“Não deu para descobrir nada”, disse Violet. “A matéria estava borrada demais para ler.”

“Hummm”, disse Sunny, dando uma olhadela marota para a irmã. A mais jovem dos Baudelaire conhecia Violet desde que nascera, é claro, e achava muito fácil perceber quando a irmã mentia. Violet olhou de volta para Sunny, depois para Klaus, e sacudiu a cabeça muito, muito de leve.

“Por que não nos preparamos para partir?”, disse a mais velha dos Baudelaire. “Até a gente arrumar esses documentos e colocar os capacetes de mergulho, o fungo já terá minguido completamente.”

“Você tem razão”, disse Fiona. “Aqui, Sunny, vou ajudá-la com seu capacete. É o mínimo que posso fazer depois de você ter preparado uma refeição tão deliciosa.”

“Muiphidalgo”, disse Sunny, o que queria dizer: “Muito gentil de sua parte”, e, apesar de Fiona não conhecer Sunny há muito tempo, ela entendeu mais ou menos o que a mais jovem dos Baudelaire tinha dito, e sorriu para os três irmãos Baudelaire. Enquanto os quatro voluntários se ataviavam, uma palavra que aqui significa “preparavam seus capacetes para uma jornada subaquática”, as crianças Baudelaire sentiram que Fiona lhes servia com uma luva — como amiga, ou possivelmente algo mais. Era como se Fiona e os Baudelaire fossem parte da mesma equipe ou da mesma organização, tentando resolver os mesmos mistérios e derrotar os mesmos vilões. Pelo menos era essa a sensação dos dois Baudelaire mais jovens. Apenas Violet tinha a sensação de que sua amizade era mais volátil, como se Fiona lhe servisse como uma luva trocada, ou como se a amizade tivesse uma pequena trinca — uma trinca que poderia se transformar em uma cisão.

Quando Violet enfiou a cabeça no capacete de mergulho e assegurou-se de que o zíper do uniforme estava bem fechado por cima do retrato de Herman Melville, ouviu o leve roçar do recorte de jornal em seu bolso e franziu as sobrancelhas. Permaneceu com as sobrancelhas franzidas enquanto o último cogumelo desaparecia na areia, e as quatro crianças entraram de novo, cautelosamente, na água escura e gelada. Como iam contra a maré, os voluntários decidiram se dar as mãos, para não se perderem um do outro durante viagem de volta ao *Queequeg*, e quando

iniciaram a escura jornada, Violet pensou no perigoso e arriscado segredo escondido em seu bolso.

Enquanto Klaus os liderava no caminho de volta ao submarino, de mãos dadas com Fiona, que dava as mãos para Violet enquanto ela segurava o capacete de Sunny debaixo do braço, a mais velha dos Baudelaire se deu conta de que, mesmo nas profundezas geladas do oceano, os irmãos estavam brincando com fogo. A informação sinistra no recorte de jornal era como um minúsculo esporo, brotando no pequeno espaço fechado do bolso de Violet — como um esporo do letal Mycelium Medusóide, que naquele exato momento brotava no pequeno espaço fechado de um dos capacetes de mergulho usados pelos órfãos Baudelaire.



CAPÍTULO OITO

O ciclo das águas consiste em três fenômenos-chave: evaporação, precipitação e acumulação, três fenômenos conhecidos coletivamente como os três fenômenos daquilo que é chamado de “o ciclo das águas”. O segundo desses fenômenos — precipitação — é o processo pelo qual o vapor volta a se transformar em água para cair em forma de chuva, algo que você pode observar durante um aguaceiro ou ao sair de casa em uma chuvosa manhã, ou tarde, ou noite. Essa água caindo que você observa é conhecida como “chuva”, a qual é resultado do fenômeno da precipitação, um dos três fenômenos descritos pelo ciclo das águas. Um desses três fenômenos, a precipitação, é visto como o segundo, especialmente se uma lista dos três fenômenos coloca a precipitação no meio, ou no segundo lugar da lista. “Precipitação” é, muito simplesmente, um termo para designar a transformação do vapor em água, que então cai como chuva — algo que você poderia encontrar se saísse de casa durante uma tempestade. A chuva consiste em água, que outrora tinha sido vapor, porém passou por um processo conhecido como “precipitação”, um dos três fenômenos do ciclo das águas, e a esta altura essa tediosa descrição já deve ter feito você cair no sono outra vez, o que é muito bom, pois assim talvez você possa evitar os detalhes horripilantes de minha narrativa sobre a jornada de volta ao

Queequeg que Violet, Klaus e Sunny Baudelaire empreenderam através da Gruta Gorgônea.

Os órfãos Baudelaire perceberam que alguma coisa estava errada no momento em que chegaram ao submarino, bateram na escotilha de metal e não ouviram nenhuma resposta do capitão. Tinha sido uma jornada escura e fria pela caverna, tornada ainda mais difícil pelo fato de que estavam contra a maré, e não a favor dela, como na ida, quando se deixaram arrastar pela corrente. Klaus, que seguia na frente, bateu com um braço estendido a escuridão, com medo de passar batido pelo *Queequeg* ou de dar um encontrão em algo sinistro na caverna. Fiona tremeu durante toda a jornada e seus dedos nervosos se contraíram na palma da mão de Violet. E Sunny tentou não entrar em pânico dentro de seu capacete de mergulho enquanto os movimentos dos irmãos ao nadar a faziam chacoalhar na escuridão. A mais jovem dos Baudelaire não podia ver uma única luz através da janelinha redonda do capacete, entretanto, como todos os Baudelaire, ela se concentrou em chegar em segurança, e o pensamento de retornar ao *Queequeg* era como uma luzinha brilhante nas trevas da gruta. Logo, pensaram os Baudelaire, iriam ouvir o retumbante “positivo!” do capitão Andarré, dando-lhes as boas-vindas ao retornarem da missão. Talvez Phil tivesse preparado uma boa refeição quente, mesmo sem a assessoria culinária de Sunny. E talvez o dispositivo telegráfico tivesse recebido outro boletim do Correio Sub-reptício Cooperativo, um que pudesse ajudá-los a encontrar o açucareiro, e assim toda a missão não acabaria dando com os burros n'água. Mas quando Klaus os levou até a escotilha, eles não viram nem sinal de que alguém a bordo do *Queequeg* estivesse lhes dando as boas-vindas.

Depois de bater por vários minutos, as crianças, preocupadas, tiveram de abrir sozinhas a escotilha, algo difícil de fazer no escuro, e entrar na passagem, fechando rapidamente a escotilha atrás de si. Ficaram ainda mais preocupadas quando descobriram que ninguém tinha ativado a escotilha, portanto um bocado de água jorrou pela passagem e começou a cair na sala em que os Baudelaire encontraram pela primeira vez o capitão Andarré. Ouviram o ruído da água caindo no chão do submarino enquanto começavam a descer a escada e apuraram o ouvido para escutar o capitão gritando: “Positivo! Que porcaria!”, ou “Positivo! A válvula está

quebrada!”, ou até alguma coisa otimista de Phil, como: “Vejam pelo lado bom, é como ter uma piscina infantil em casa!”.

“Capitão Andarré?”, chamou Violet, a voz abafada pelo capacete.

“Padrasto?”, chamou Fiona, a voz abafada pelo dela.

“Phil?”, chamou Klaus.

“Tripulação?”, chamou Sunny.

Ninguém respondeu aos chamados, e ninguém fez comentários sobre a água na passagem, e quando os voluntários chegaram ao fim dela e desceram para dentro da pequena sala mal iluminada, não encontraram ninguém para recebê-los.

“Padrasto?”, Fiona chamou de novo, mas eles ouviram apenas o movimento da água formando uma grande poça no chão. Sem se preocupar em tirar os capacetes, as quatro crianças atravessaram a poça espirrando água e desceram o corredor apressadas, passaram pela placa gravada com a filosofia de vida do capitão e chegaram ao salão principal. A sala continuava enorme como sempre, é claro, com todas as desconcertantes tubulações, os painéis e os avisos de perigo, embora o lugar parecesse ter passado por uma pequena arrumação, com direito a decoração perto da mesa de madeira onde os Baudelaire tinham tomado o sopão de Sunny e planejado a jornada da Gruta Gorgônea. Amarrados em três cadeiras, pequenos balões azuis pairavam no ar, e na superfície de cada um havia uma letra impressa em tinta preta e espessa. No primeiro balão havia um C, no segundo, um S, e somente alguém tão débil quanto a luz de uma caverna subaquática ficaria surpreso ao ouvir que no terceiro havia outro C.

“C.S.C.”, disse Violet. “Vocês acham que é um código?”

“Não estou interessada em códigos no momento”, disse Fiona, a voz tensa ressoando dentro do capacete. “Quero encontrar meus companheiros tripulantes. Procurem por aí, todo mundo.”

Os Baudelaire procuraram pela sala, mas ela parecia tão vazia e solitária quanto a gruta. Sem a enorme presença do capitão Andarré — “enorme presença” é uma expressão que aqui significa “porte físico de grandes proporções, combinado com uma personalidade vibrante e uma voz forte” —, o salão principal parecia absolutamente deserto.

“É possível que estejam na cozinha”, disse Klaus, embora soasse incrédulo, “ou então cochilando no alojamento.”

“Eles não iriam cochilar”, disse Violet. “Disseram que estariam nos observando o tempo todo.”

Fiona deu um passo na direção da porta da cozinha, mas então parou e olhou para a mesa de madeira. “Os capacetes deles sumiram”, disse ela. “Tanto Phil como meu padrasto deixavam o capacete de mergulho em cima da mesa, para o caso de haver alguma emergência.” Ela passou a mão ao longo da mesa, como se pudesse fazer os capacetes reaparecerem. “Eles se foram”, disse ela. “Abandonaram o *Queequeg*.”

“Não posso acreditar nisso”, disse Klaus, sacudindo a cabeça. “Eles sabiam que estávamos na gruta. Não iriam abandonar seus companheiros voluntários.”

“Talvez tenham achado que não iríamos mais voltar”, disse Fiona.

“Não”, disse Violet, apontando para um painel na parede. “Eles podiam nos ver. Éramos pontinhos verdes no detector por sonar.”

As crianças olharam para o painel do sonar, esperando ver pontos que pudessem representar os tripulantes desaparecidos.

“Eles devem ter tido uma boa razão para partir”, disse Fiona.

“Que razão poderia haver?”, disse Klaus. “Não importa o que tenha ocorrido, eles teriam aguardado por nós.”

“Não”, disse Fiona. Triste, ela removeu o capacete de mergulho, e o Baudelaire do meio viu que havia lágrimas em seus olhos. “Não importa o que tenha ocorrido”, disse ela, “meu padrasto não teria vacilado. Aquele ou aquela que vacila está...”

“Perdido”, Klaus terminou por ela, e pousou a mão em seu ombro.

“Talvez eles não tenham ido de moto próprio”, disse Violet, usando uma expressão que aqui significa “vontade própria”. “É possível que alguém os tenha levado.”

“Levado a tripulação”, disse Klaus, “e deixado três balões para trás?”

“É um mistério”, disse Violet, “mas tenho certeza de que poderemos resolvê-lo. Vamos tirar os capacetes e pôr mãos à obra.”

Klaus assentiu, tirou seu capacete de mergulho e colocou-o no chão, ao lado do de Fiona. Violet livrou-se do dela e depois foi abrir a portinhola do capacete de Sunny, para que a mais jovem dos Baudelaire pudesse se desenroscar, sair do pequeno espaço fechado e juntar-se aos irmãos. Mas Fiona agarrou a mão de Violet antes que ela tocasse o capacete, apontando para a janelinha redonda no capacete de Sunny.

Neste mundo há muitas coisas difíceis de se ver. Um cubo de gelo em um copo d'água, por exemplo, pode passar despercebido, especialmente se o cubo de gelo é pequeno e o copo d'água tem dez quilômetros de diâmetro. Uma mulher baixa pode ser difícil de se ver em uma rua movimentada da cidade, ainda mais se ela se disfarçou de caixa de correio e deixa as pessoas depositarem cartas em sua boca. E um pequeno recipiente de louça, com tampa bem ajustada para guardar lá dentro alguma coisa importante, pode ser difícil de encontrar na lavanderia de um hotel enorme, especialmente se houver um terrível vilão por perto, fazendo você se sentir nervoso e distraído. Mas há também coisas que são difíceis de se ver, não por causa do tamanho de suas adjacências, nem porque estão bem disfarçadas, ou porque há por perto uma pessoa traiçoeira com uma caixa de fósforos no bolso e um plano diabólico na cabeça, mas porque as coisas são tão perturbadoras de se olhar, tão angustiantes de se acreditar, que é como se seus olhos se recusassem a ver o que está bem na frente deles. Você pode dar uma olhada no espelho e não ver como está cada vez mais velho, ou quão pouco atraente se tornou seu penteado, até que alguém gentilmente lhe aponte essas coisas. Você pode olhar para um lugar onde outrora morou e não ver como o prédio está tremendamente mudado, nem como a vizinhança se tornou sinistra, até caminhar alguns passos e perceber que a sorveteria não produz mais seu sabor favorito. E você pode olhar através da janelinha redonda de um capacete de mergulho, como fizeram Violet e Klaus naquele momento, e não ver os talos e píleos de um terrível fungo cinzento crescendo venenosamente no vidro, até que alguém pronuncie seu nome científico em um sussurro horrorizado.

“É o *Mycelium Medusóide*”, disse Fiona, e os dois Baudelaire mais velhos piscaram e viram que assim era.

“Oh, não”, murmurou Violet. “*Oh, não!*”

“Tirem-na de lá!”, gritou Klaus. “Tirem Sunny de lá agora, ou ela será envenenada!”

“Não!”, disse Fiona, e arrancou o capacete das mãos dos irmãos. Ela o colocou sobre a mesa como se fosse uma terrina, uma palavra que aqui significa “uma tigela grande e funda usada para servir cozidos ou sopas, em vez de uma menininha aterrorizada, enroscada dentro de um equipamento para se usar em mares profundos”. “O capacete de mergulho pode servir de

local de quarentena. Se nós o abrirmos, o fungo se espalhará. O submarino inteiro se transformará em um campo de cogumelos.”

“Não podemos deixar nossa irmã lá dentro!”, gritou Violet. “Os esporos vão envenená-la!”

“Ela provavelmente já foi envenenada”, disse Fiona, com calma. “Em um espaço pequeno e fechado como esse capacete, não há como escapar.”

“Isso não pode ser verdade”, disse Klaus tirando os óculos, como se não quisesse encarar o horror da situação. Mas naquele momento, quando as crianças ouviram um som leve e sinistro que vinha do capacete, tiveram de encarar a situação. Violet e Klaus lembraram-se da luta dos peixes do Arroio Enamorado para respirar nas águas negras e cheias de cinzas. Sunny estava tossindo.

“Sunny!”, gritou Klaus para dentro do capacete.

“Moléstia”, disse Sunny, o que queria dizer: “Estou começando a não me sentir muito bem”.

“Não fale, Sunny!”, Fiona gritou para dentro da janelinha do capacete, e voltou-se para os Baudelaire mais velhos. “O micélio pode arruinar a capacidade respiratória”, explicou a micetologista, caminhando para o guarda-louça. “É o que estava escrito naquela carta. A irmã de vocês precisa economizar o fôlego. Os esporos tornarão cada vez mais difícil para Sunny falar, e ela provavelmente começará a tossir enquanto o fungo se desenvolve dentro dela. Em uma hora, não conseguirá mais respirar. Se não fosse tão horrível, seria fascinante.”

“*Fascinante?*”, Violet cobriu a boca com as mãos e fechou os olhos, tentando não imaginar o que sua aterrorizada irmã estava sentindo. “O que podemos fazer?”, perguntou ela.

“Um antídoto”, disse Fiona. “Deve haver alguma informação útil na minha biblioteca micetológica.”

“Vou ajudar”, disse Klaus. “Certamente vou achar os livros difíceis de ler, mas...”

“Não”, disse Fiona. “Preciso ficar sozinha para fazer a pesquisa. Você e Violet podiam subir por aquela escada de corda e dar partida nos motores para que abandonemos essa caverna.”

“Mas devíamos fazer a pesquisa todos nós!”, exclamou Violet. “Só temos uma hora, ou talvez até menos! Se os cogumelos cresceram enquanto estávamos nadando de volta ao *Queequeg*, então...”

“Então nós certamente não temos tempo para discutir”, completou Fiona, abrindo o armário e retirando uma grande pilha de livros. “Ordeno a vocês que me deixem em paz, para que eu possa fazer essa pesquisa e salvar sua irmã!”

Os Baudelaire mais velhos se entreolharam, depois olharam para o capacete de mergulho sobre a mesa. “Você nos *ordena?*”, perguntou Klaus.

“Positivo!”, bradou Fiona, e as crianças se deram conta de que era a primeira vez que a micetologista pronunciava aquela palavra. “Sou eu quem manda aqui! Na ausência do meu padrasto, eu sou o capitão do *Queequeg* Positivo!”

“Não importa quem é o capitão!”, disse Violet. “A única coisa importante é salvar minha irmã!”

“Subam aquela escada de corda!”, bradou Fiona. “Positivo! Dêem partida nos motores! Positivo! Vamos salvar Sunny! Positivo! E achar meu padrasto! Positivo! E recuperar o açucareiro! Positivo! E não temos tempo para vacilar! Aquela que vacila está perdida! Essa é minha filosofia de vida!”

“Essa é a filosofia de vida do capitão”, disse Klaus, “e não a sua.”

“Eu sou o capitão!”, disse Fiona, agressiva. O Baudelaire do meio pôde ver que, atrás de seus óculos triangulares, a micetologista estava chorando. “Façam o que estou dizendo.”

Klaus abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas percebeu que também ele estava chorando, e sem mais palavra voltou as costas para a amiga e caminhou para a escada de corda, com Violet logo atrás.

“Ela está *errada!*”, sussurrou furiosa a mais velha dos Baudelaire. “Você sabe que ela está errada, Klaus. O que vamos fazer?”

“Vamos dar partida nos motores”, disse Klaus, “e manobrar o *Queequeg* para fora dessa caverna.”

“Mas isso não vai salvar Sunny”, disse Violet. “Você lembra da descrição do Mycelium Medusóide, não lembra?”

“*De um único esporo é tão cruel o poder*’, recitou Klaus, “*que em menos de uma hora tu podes morrer*. É claro que me lembro.”

“Hora?”, disse Sunny, assustada, de dentro do capacete.

“Shhh”, fez Violet. “Economize seu fôlego, Sunny. Vamos achar um jeito de curá-la, já já.”

“Não já já”, corrigiu Klaus com tristeza. “Fiona agora é o capitão, e ela nos ordenou que...”

“Não me importam as ordens de Fiona”, disse Violet. “Ela é volátil demais para nos tirar dessa situação — exatamente como o padrasto dela, e exatamente como o irmão dela!” A mais velha dos Baudelaire enfiou a mão no bolso do uniforme e tirou o recorte de jornal que pegara na gruta. Sua mão roçou contra a lata de *wasabi*, e ela estremeceu, esperando que a irmã se recuperasse e vivesse para usar o condimento japonês em suas receitas. “Escute isso, Klaus!”

“Não quero escutar!”, disse Klaus num sussurro zangado. “Talvez Fiona esteja certa! Talvez não devamos vacilar, especialmente em um momento como esse! Se não conseguirmos um antídoto para nossa irmã, ela pode morrer! Vacilar só vai deixar as coisas ainda piores!”

“Dar partida nos motores em vez de ajudar Fiona com sua pesquisa só vai deixar as coisas ainda piores!”, disse Violet.

Naquele momento, porém, tanto Violet como Klaus viram algo que deixou as coisas ainda piores, e eles se deram conta de que ambos estavam errados. Os dois Baudelaire não deveriam estar dando partida nos motores do *Queequeg*, e não deveriam estar ajudando Fiona com sua pesquisa, e não deveriam estar discutindo um com o outro. Os Baudelaire, e Fiona também, deveriam ter ficado muito quietos, evitado fazer o menor ruído, e, em vez de ficar olhando para o capacete de mergulho, onde sua irmã sofria os efeitos do veneno do Mycelium Medusóide, eles deveriam ter olhado para o detector por sonar do submarino ou para a vigia acima da mesa, que dava para as escuras profundezas da caverna. No painel verde brilhava o Q representando o *Queequeg*, mas isso era mais uma coisa no mundo que era difícil de se ver, porque um outro símbolo verde luminescente ocupava exatamente o mesmo espaço. E do lado de fora da vigia havia uma massa de pequenos tubos de metal que giravam na água tenebrosa, produzindo milhares e milhares de bolhas, e no meio de todos aqueles tubos havia um grande espaço aberto, qual uma boca gigante e famélica — a boca de um polvo prestes a devorar o *Queequeg* e todo o resto da tripulação. A imagem no detector por sonar era um olho, e o que se via da vigia era um submarino, mas de qualquer modo as crianças sabiam que era o conde Olaf, e isso deixava as coisas muito, muito piores de fato.



CAPÍTULO NOVE

Se você pensa em levar uma vida de vilania — e eu espero que não —, saiba que há umas poucas coisas que parecem ser necessárias ao sucesso de todo vilão. A primeira é uma vilanesca falta de consideração pelos outros, para que o vilão possa falar com suas vítimas grosseiramente, ignorar suas súplicas de piedade e até se comportar de modo violento, caso esteja com vontade de fazer esse tipo de coisa. Outra habilidade necessária aos vilões é uma imaginação vilanesca, para que eles possam usar o tempo livre para engendrar planos traiçoeiros que façam suas carreiras vilanescas deslanchar. Os vilões também precisam de um pequeno grupo de assecclas vilanescos, que aceitem servi-los na qualidade de capangas. E os vilões precisam desenvolver uma risada vilanesca, para simultaneamente celebrar feitos vilanescos e assustar quaisquer pessoas não vilanescas que estejam por perto. Um vilão de sucesso deve ter todas essas coisas ao alcance de suas vilanescas mãos, ou então desistir totalmente da vilania e tentar levar uma vida de decência, integridade e bondade, o que é muito mais desafiador e nobre, se bem que nem sempre tão emocionante.

O conde Olaf, todos sabem, era um excelente vilão, uma expressão que aqui significa “alguém especialmente qualificado para a vilania” — e não “um vilão com muitas qualidades desejáveis” —, e os órfãos Baudelaire entenderam isso logo depois daquele dia terrível na Praia de Sal, quando ficaram sabendo do incêndio terrível que dera início à série de desventuras em suas vidas. Mas quando o *Queequeg* foi tragado pela boca do apavorante submarino-polvo do conde Olaf, pareceu aos órfãos que o

vilão se tornara ainda mais vilanesco durante o breve período em que se ausentara da vida deles. Olaf provara sua falta de consideração pelos outros muitas e muitas vezes seguidas, por exemplo quando promoveu o bárbaro assassinato dos tutores das crianças ou quando demonstrou simpatia por conflagrações criminosas, uma expressão que aqui significa “mostrou-se disposto a incendiar edifícios, sem se importar com quantas pessoas estavam lá dentro”, mas as crianças perceberam que a falta de consideração de Olaf se tornara ainda mais assustadora quando o *Queequeg* passou através da bocarra faminta e foi brutalmente jogado de um lado para outro, como se fosse ser digerido, forçando Violet e Klaus — e Fiona também, é claro — a se agarrar onde podiam para continuar vivos, enquanto o salão principal, que rodopiava, fazia Sunny chacoalhar dentro de seu capacete como se fosse uma melancia dentro de uma máquina de lavar roupa. O conde demonstrara sua imaginação vilanesca em inúmeras ocasiões, por exemplo quando armou planos torpes para roubar a fortuna Baudelaire ou quando tramou execráveis estratégias para raptar Duncan e Isadora Quagmire, mas os irmãos olharam para fora pela vigia e viram que a imaginação infernal de Olaf se tornara delirante de vez ao decorar o terrível submarino, pois quando o *Queequeg* rolou por um túnel ribombante, quase tão escuro quanto a Gruta Gorgônea, os Baudelaire viram que cada palmo das paredes metálicas estava recoberto por fantasmagóricos olhos luminescentes. O conde sempre tivera um sortimento de capangas, desde sua trupe mambembe original — da qual muitos não estavam mais com ele —, até alguns ex-empregados do Parque Caligari, mas os órfãos perceberam que ele tinha atraído muitos outros mais quando o túnel fez uma curva e os Baudelaire mais velhos viram de relance uma enorme sala cheia de gente remando com longos remos de metal para acionar os terríveis tentáculos metálicos do polvo. Mas talvez o pior de tudo tenha sido quando o *Queequeg* finalmente parou de rolar e Violet e Klaus constataram, ao olhar pela vigia, que o vilão ensaiara sua risada vilanesca até deixá-la extraperversa e extrateatral. O conde Olaf estava em pé sobre uma pequena plataforma de metal, arreganhando os dentes num sorriso triunfante, vestindo um traje familiar, feito de um material escorregadio, mas com o retrato de outro escritor estampado, alguém que só um leitor muito devotado iria reconhecer, e quando ele espiou através da vigia e viu as crianças assustadas, abriu a boca e deu início à sua nova risada vilanesca,

que incluía novos chiados, rosnados e um sortimento de sílabas estranhas que os Baudelaire nunca tinham ouvido.

“Ha ha ha haicai, hi hi hi potenusa!”, fez ele. “Qui qui qui pro quo! Siferrô rô rô! Ti ti ti hi hi! Mim me moi, modéstia à parte!” Com um gesto de bazófia, ele pulou da plataforma, desembainhou uma espada longa e afiada e rapidamente cortou um círculo no vidro da vigia. Violet e Klaus tamparam os ouvidos quando ela guinchou em torno da janela. Então, com uma pancadinha leve da espada, Olaf mandou o círculo de vidro rolando para dentro do salão principal, onde ficou caído no chão sem se quebrar, e pulou pela vigia para cima da grande mesa de madeira, onde começou a rir ainda mais das crianças. “Estou rachando o bico!”, gritou ele. “Sacudindo a pança! Rolando de rir! Morto de tanto gargalhar! Acho que vou escrever um livro de piadas com todas as coisas hilárias que passam na minha cabeça! Ca ca ca canastrão!”

Violet se atirou para a frente e agarrou o capacete onde Sunny ainda estava enroscada, para que Olaf não o chutasse enquanto se pavoneava triunfante em cima da mesa. Ela mal suportava pensar na irmã, que inalava o veneno do Mycelium Medusóide enquanto Olaf desperdiçava preciosos minutos exibindo sua nova e azucrinante risada. “Pare de rir, conde Olaf”, disse ela. “Não tem nada de engraçado na vilania.”

“Tem sim, claro que tem!”, exultou Olaf. “Quá quá ra quá quarto-e-sala! Imagine só! Eu vinha descendo a montanha e achei pedaços do tobogã de vocês espalhados por cima de umas pedras pontudas! He he hecatombe! Achei que vocês tinham se afogado no Arroio Enamorado e estavam flutuando no meio de todos aqueles peixes com tosse! Peixes ho ho holobrânquios! Fiquei de coração partido!”

“Você não ficou de coração partido”, disse Klaus. “Você tentou nos destruir uma porção de vezes.”

“É por isso que fiquei de coração partido!”, exclamou Olaf. “Uh uh uh riso de urubu! Planejei chacinar vocês Baudelaire pessoalmente, depois de ficar com a fortuna, é claro, e arrancar o açucareiro de seus dedos mortos, das mãos ou dos pés!”

Violet e Klaus se entreolharam rapidamente. Tinham quase esquecido de contar a Olaf que sabiam a localização do açucareiro, muito embora, é claro, não tivessem a menor idéia de seu paradeiro. “Para dar uma animada”, continuou o vilão, “me encontrei com meus associados no Hotel

Desenlace, onde eles tramavam seu próprio planinho, e convenci o pessoal a me emprestar alguns novos recrutas.” Os Baudelaire mais velhos sabiam que os associados eram o homem com barba mas sem cabelo e a mulher com cabelo mas sem barba, duas pessoas tão sinistras que até mesmo Olaf parecia assombrado com eles, e sabiam também que os novos recrutas eram um grupo de Escoteiros da Neve que os tais vilões tinham raptado havia pouco tempo. “Quaca quaca vira-casaca! Graças à generosidade deles, consegui pôr este submarino para funcionar outra vez! Riso à toa ho ho ho! Naturalmente, preciso estar de volta ao Hotel Desenlace antes de quinta-feira, mas nesse ínterim sobrou tempo para matar, então pensei em matar alguns dos meus velhos inimigos! Ha ha ha alabarda! Comecei a zanzar pelos mares à procura do capitão Andarré e seu submarino idiota! Qüi qüi qüi Queequeg! Mas agora que capturei esse trambolho, encontro vocês Baudelaire a bordo! É hilário! É humorístico! É galhofada! É relativamente divertido!”

“Como você se atreve a capturar este submarino?”, exclamou Fiona. “Eu sou o capitão do *Queequeg*, e exijo que você nos devolva ao mar imediatamente! Positivo!”

O conde Olaf olhou com atenção para a micetologista. “*Positivo?*”, repetiu ele. “Você deve ser Fiona, aquela pequena micetomaníaca! Ora, mas como está crescida! Na última vez que a vi, eu estava tentando jogar tachinhas no seu berço! Ha ha vox populi! O que aconteceu com o Andarré? Por que não é ele o capitão?”

“Meu padrasto não está disponível no momento”, respondeu Fiona, piscando atrás de seus óculos triangulares.

“Fo fo fofoca quente!”, disse o conde Olaf. “Então seu padrasto a abandonou? Bem, imagino que era apenas uma questão de tempo. Sua família inteira nunca soube escolher de que lado da cisão estava. O seu irmão também era um santinho do pau oco, tentando prevenir incêndios em vez de encorajá-los, ainda bem que...”

“O meu padrasto não me abandonou”, disse Fiona, embora sua voz falseasse um pouco, uma expressão que aqui significa “soava como se ela não tivesse tanta certeza”. Ela não chegou nem a acrescentar um “positivo!” no fim da frase.

“Isso é o que vamos ver”, disse Olaf com um sorriso perverso. “Vou pô-los todos a ferros, que, para quem não sabe, é a expressão náutica oficial

para 'mandá-los pro calabouço'."

"Nós sabemos o que é 'pôr a ferros'", disse Klaus.

"Então vocês sabem que o calabouço não é um lugar muito agradável", disse o vilão. "O proprietário anterior o usava para prender traidores, e não vejo razão para quebrar a tradição."

"Nós não somos traidores, e não vamos sair do *Queequeg*", disse Violet, e ergueu o capacete de mergulho. Sunny tentou dizer alguma coisa, mas o fungo crescente a fez tossir, e Olaf fechou a cara para o capacete com tosse.

"O que é isso?", perguntou.

"Sunny está lá dentro", disse ela. "E está muito doente."

"Eu bem que estava me perguntando onde estaria a pirralha bebê", disse o conde Olaf. "Minha esperança era de que ela estivesse presa embaixo de meu sapato, mas pelo que vejo é apenas um livro ridículo." Ele ergueu seu pé escorregadio para revelar *Cogumelos e suas minúcias*, o livro que Fiona estava usando para sua pesquisa, e chutou-o para fora da mesa, fazendo-o quicar pelo chão até o outro lado.

"Há um veneno extremamente letal dentro daquele capacete", disse Fiona, olhando frustrada para o livro. "Positivo! Se Sunny não tomar um antídoto em menos de uma hora, ela vai morrer."

"Que me importa?", grunhiu Olaf, mais uma vez demonstrando sua falta de consideração pelos outros. "Eu só preciso de um Baudelaire para pôr as mãos na fortuna. Agora venham comigo! Rá rá rá rascunho!"

"Nós vamos ficar aqui mesmo", disse Klaus. "A vida da nossa irmã depende disso."

O conde Olaf puxou novamente sua espada e desenhou uma forma sinistra no ar. "Vou lhes contar do que dependem suas vidas", disse ele. "Suas vidas dependem de mim! Se eu quisesse, poderia afogá-los no mar ou estrangulá-los com os tentáculos do meu polvo mecânico! É só graças à bondade do meu coração, e devido à minha própria cobiça, que em vez disso vou pô-los a ferros!"

Sunny tossiu dentro do capacete, e Violet pensou depressa. "Se você nos deixar ajudar a nossa irmã", disse ela, "vamos contar onde está o açucareiro."

Os olhos do conde Olaf se apertaram, e ele arreganhou para as crianças o largo sorriso cheio de dentes de que os dois Baudelaire se

lembravam de tantas outras ocasiões desditosas. Seus olhos brilharam forte, como se ele estivesse contando uma piada tão nojenta quanto seus dentes nunca escovados. “Você não pode tentar esse truque de novo”, escarneceu ele. “Não vou barganhar com uma órfã, não importa quão bonita seja. Depois que você estiver no calabouço, vai revelar onde está o açucareiro, espere só até o meu capanga botar as mãos em você. Ou devo dizer *gancho*? Ta te ti tortura!”

O conde Olaf pulou de volta pela vigia, enquanto Violet e Klaus se entreolhavam apavorados. Sabiam que o conde Olaf se referira ao homem de mãos de gancho, que vinha trabalhando com o vilão desde que o conheceram, e era um dos camaradas de Olaf menos favoritos dos Baudelaire. “Eu poderia subir correndo pela escada de corda”, murmurou Violet para os outros, “e dar partida nos motores do *Queequeg*.”

“Não podemos submergir sem a vigia”, disse Fiona. “Morreríamos afogados.”

Klaus encostou a orelha no capacete de mergulho e ouviu sua irmã choramingar e depois tossir. “Mas como vamos salvar Sunny?”, perguntou ele. “O tempo está se esgotando.”

Fiona olhou para o canto do outro lado da sala. “Vou levar aquele livro comigo”, disse ela, “e...”

“*Depressa!*”, bradou o conde Olaf. “Não posso esperar o dia todo! Ainda tenho uma porção de gente para intimidar!”

“Positivo!”, disse Fiona, enquanto Violet, que ainda segurava Sunny, passou seguida de Klaus pela vigia para juntar-se ao conde Olaf na plataforma. “Já estou indo”, disse ela, e a micetologista deu um passo hesitante na direção do *Cogumelos e suas minúcias*.

“Você vem *agora!*”, rosnou Olaf, e brandiu a espada para ela. “Aquele que vacila está perdido! Ri ri ri risota!”

À menção da filosofia de vida do capitão, Fiona suspirou e interrompeu seu progresso furtivo — uma expressão que aqui significa “avanço sorrateiro” — na direção do livro micetológico. “Ou aquela”, disse ela pausadamente, e passou pela vigia para juntar-se aos Baudelaire.

“A caminho do calabouço, vou levá-los por uma excursão completa!”, anunciou Olaf, tomando a dianteira para sair da sala redonda e metálica que servia como calabouço para o *Queequeg*. Havia vários centímetros de água sobre o piso, para ajudar o submarino capturado a se movimentar pelo

túnel, e as botas dos Baudelaire chapinhavam ruidosamente à medida que eles seguiam o vilão fanfarrão. Enquanto Sunny tossia de novo dentro do capacete, Olaf pressionou um olho que ficava na parede, e uma pequena porta se abriu com um sussurro sinistro, revelando um corredor. “Este submarino é uma das coisas mais sensacionais que já roubei”, gabou-se ele. “Era tudo o que eu precisava para derrotar C.S.C. de uma vez por todas. Tem um sistema de sonar, portanto posso livrar os mares dos submarinos C.S.C. Tem um enorme mata-moscas, portanto posso livrar os céus de aviões C.S.C. Tem estoque de fósforos para uma vida inteira, portanto posso livrar o mundo da base de operações de C.S.C. Tem muitas caixas de vinho que planejo beber e um armário cheio de roupas elegantes para minha namorada. Mas o melhor de tudo é que tem um monte de oportunidades para crianças que queiram fazer trabalho escravo! He he hedonismo!”

Agitando a espada, ele dobrou uma curva, levando as crianças até uma sala enorme — a sala que tinham visto de relance quando o *Queequeg* entrou aos trambolhões naquele espaço terrível. Estava muito escuro, com apenas umas poucas lanternas penduradas no topo de altos pilares espalhados pelo lugar, mas Violet e Klaus puderam ver duas grandes fileiras de bancos de madeira com aparência desconfortável, onde estava sentada uma multidão de crianças manejando apressadamente longos remos que se estendiam através da sala até além das paredes, onde passavam por dentro de buracos de metal para controlar os tentáculos do polvo. Os Baudelaire mais velhos reconheceram algumas das crianças, umas faziam parte de uma tropa de Escoteiros da Neve que tinham encontrado nas Montanhas de Mão-Morta, outras se pareciam bastante com estudantes da Escola Preparatória Prufrock, onde os irmãos conheceram Carmelita Spats, mas havia algumas a respeito das quais os Baudelaire não tinham nenhuma experiência prévia, uma expressão que aqui significa “que provavelmente tinham sido raptadas pelo conde Olaf ou seus associados em outra ocasião”. As crianças pareciam muito abatidas, famintas e mais que entediadas, enquanto manejavam os remos de metal para a frente e para trás. Bem no centro da sala havia mais um polvo — este feito de pano escorregadio. Seis de seus tentáculos pendiam flácidos para os lados, mas dois se agitavam alto no ar, um deles segurando algo que parecia ser um comprido e molhado fio de macarrão.

“Remem mais depressa, seus fedelhos idiotas!”, o polvo gritou com voz cruel e familiar. “Temos de voltar para o Hotel Desenlace antes de quinta-feira, e já é segunda-feira! Se não andarem logo, vou bater em vocês com esse *tagliatelle grandel* Estou avisando, apanhar de macarrãozão é uma experiência desagradável e pegajosa! Ri ri ri risoto!”

“Ri ri ri ricota!”, gritou Olaf em concordância, e o polvo se virou.

“Querido!”, exclamou o bicho, e os irmãos não se surpreenderam ao ver que era Esmé Squalor, a pérfida namorada do conde Olaf, mais uma vez trajando absurdas vestimentas estilosas. Usando o pano escorregadio dos uniformes submarinos, a vilanesca namorada confeccionara um vestido-polvo, com dois grandes olhos de plástico, seis mangas extras e ventosas espalhadas pelas botas, imitando as que os polvos de verdade têm em seus tentáculos para ajudá-los a se mover. Esmé deu alguns passos pegajosos na direção de Olaf e então examinou as crianças por baixo do capuz escorregadio do vestido. “Esses são os *Baudelaire?*”, perguntou, atônita. “Como é possível? Nós já comemoramos a morte deles!”

“Acontece que sobreviveram”, disse o conde Olaf, “mas a sorte deles está para chegar ao fim. Estou prestes a botá-los a ferros!”

“A bebê realmente cresceu”, disse Esmé, olhando para Fiona. “Mas continua tão feia como antes.”

“Não, não”, disse Olaf. “A bebê está trancada naquele capacete, cuspiendo os pulmõezinhos. Essa é Fiona, a enteada do capitão Andarré. O capitão a abandonou!”

“Abandonou?”, repetiu Esmé. “Que coisa mais *in*! Que coisa elegante! Que coisa maravilhosa! Isso pede mais um pouco da nossa nova risada! Hou hou hou ouriço-do-mar!”

“Qui qui qui quiabada!”, cacarejou Olaf. “A vida está ficando cada vez melhor!”

“Ga ga ga galhofa!”, guinchou Esmé. “Nosso triunfo está bem à vista!”

“Ro ro ro rococó!”, grasnou Olaf. “C.S.C, será reduzido a pó!”

“Glu glu glu glândulas glicêmicas!”, gorgolejou Esmé. “Vamos ficar ricos de doer!”

“Hipa dipa hu hu ha!”, berrou Olaf. “O mundo nunca se esquecerá do nome deste maravilhoso submarino!”

“Qual é o nome deste submarino?”, perguntou Fiona e, para alívio das crianças, os vilões pararam com suas risadas irritantes. Olaf fulminou a micetologista com o olhar e depois baixou os olhos para o chão.

“*Carmelita*”, admitiu ele baixinho. “Eu queria chamá-lo de *Olaf*, mas alguém me convenceu a mudar.”

“*Olaf* é um nome bisbórria!”, gritou uma voz malcriada que os irmãos esperavam nunca mais ter de ouvir, mas lamento dizer que Carmelita Spats pulou para dentro da sala, zombando dos Baudelaire. Carmelita sempre fora aquele tipo de pessoa desagradável, que acredita ser mais bonita e mais esperta que todo mundo, e Violet e Klaus viram na hora que ela ficara ainda mais mimada e incurável sob os cuidados de Olaf e Esmé. Estava usando uma roupa que era, talvez, mais absurda que a de Esmé Squalor, em vários tons de um rosa tão ofuscante que Violet e Klaus tiveram de apertar os olhos para conseguir olhar para ela. Em volta de sua cintura, largo e cheio de babados, havia um *tutu*, que é um saiote usado em espetáculos de balé, e na cabeça ela trazia uma enorme coroa cor-de-rosa, ornamentada com fitas róseas e flores carmesins. Tinha duas asas rosadas grudadas nas costas com fita adesiva, dois róseos corações desenhados nas bochechas e sapatos em vários tons de rosa, um para cada pé, que faziam um desagradável ruído chapinhante quando ela andava. Em volta do pescoço havia um estetoscópio, como os que usam os médicos, com pompons cor-de-rosa grudados por toda parte, e em uma das mãos ela trazia uma varinha de condão rosada com uma brilhante estrela cor-de-rosa na ponta.

“Parem de reparar na minha roupa!”, ordenou ela aos Baudelaire, escarnecedora. “Vocês estão é com inveja de mim porque eu sou uma princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada!”

“Você está adorável, querida”, ronronou Esmé, fazendo-lhe um cafuné na coroa. “Ela não está adorável, Olaf?”

“Imagino que sim”, resmungou ele. “Eu gostaria que você me pedisse licença antes de pegar disfarces do meu baú.”

“Mas, condinho, eu preciso dos seus disfarces”, ganiu Carmelita, piscando os olhinhos cobertos de *glitter* cor-de-rosa. “Eu precisava de uma roupa especial para meu recital especial de princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada!”

Diversas crianças que remavam gemeram. “Por favor, não!”, gritou um Escoteiro da Neve. “Esses recitais de dança duram horas!”

“Tenha piedade de nós!”, gritou outra criança.

“Carmelita Spats é a bailarina mais talentosa de todo o universo!”, rosnou Esmé, estalando o macarrão acima da cabeça dos remadores. “Vocês fedelhos deviam agradecer por ela dançar para vocês! Vai ajudá-los a remar!”

“Eca”, Sunny não pôde conter de dentro do capacete, como se a idéia do recital de dança de Carmelita a estivesse deixando ainda mais doente. Os Baudelaire mais velhos se entreolharam e tentaram imaginar um jeito de ajudar sua jovem irmã.

“Acho que temos uma capa cor-de-rosa a bordo do *Queequeg*’, disse Klaus apressadamente. “Ficaria perfeita em você, Carmelita. Vou só dar uma corrida até o submarino e...”

“Eu não quero suas roupas velhas, seu bisbórria!”, disse Carmelita com desprezo. “Uma princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada não usa roupa de brechó!”

“Ela não é preciosa?”, arrulhou Esmé. “É a criança adotada que eu nunca tive — a não ser por vocês Baudelaire, é claro. Mas eu nunca fui muito com a cara de vocês.”

“Você vai ficar para me assistir, condinho?”, perguntou Carmelita. “Esse vai ser o recital de dança mais especial de todo o grande, vasto mundo!”

“Tenho muito trabalho a fazer”, disse rápido o conde Olaf. “Tenho de pôr essas crianças a ferros, para que meu capanga possa forçá-las a revelar onde está o açucareiro.”

“Você gosta mais desse açucareiro do que de mim”, disse Carmelita, fazendo beicinho.

“É claro que não, meu bem”, disse Esmé. “Olaf, diga a ela que o açucareiro não significa nada para você! Diga que ela parece uma maravilhosa geléia de mocotó no meio de nossas vidas!”

“Você é uma geléia de mocotó, Carmelita”, disse Olaf, e empurrou as crianças para fora da sala enorme. “Vejo vocês depois.”

“Diga ao Ganchito para ser supercruel com esses fedelhos!”, berrou Esmé, estalando o *tagliatelle grande* por cima de sua falsa cabeça de polvo. “E agora sigam com o espetáculo!”

O conde Olaf conduziu as crianças para fora da sala enquanto Carmelita Spats começava a sapatear e rodopiar na frente dos remadores.

Os Baudelaire mais velhos ficaram quase agradecidos por ir para o calabouço, em vez de serem forçados a assistir ao recital de dança de uma princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada. Olaf arrastou-os por um outro corredor que se retorcia por todas as direções possíveis, curvando-se à direita e à esquerda como uma serpente que o polvo mecânico tivesse engolido, e por fim pararam diante de uma pequena porta, com um olho de metal no lugar da maçaneta.

“Esse é o calabouço!”, exclamou o conde Olaf. “Ha ha ha harpias harpejantes!”

Sunny tossiu mais uma vez de dentro do capacete — uma tosse áspera e forte que soava pior que a anterior. Claramente, o Mycelium Medusóide continuava com seu horripilante crescimento, e Violet tentou mais uma vez convencer o vilão a deixar que a ajudassem. “Por favor, deixe-nos voltar ao *Queequeg*”, disse ela. “Você não está ouvindo a tosse?”

“Sim”, disse o conde Olaf, “mas eu nem ligo.”

“*Por favor!*”, exclamou Klaus. “Essa é uma questão de vida ou morte!”

“Com certeza é”, escarneceu Olaf, girando a maçaneta. “Meu capanga fará vocês revelarem o local onde está o açucareiro, nem que para isso ele tenha de rasgá-los em pedaços!”

“Ouça os meus amigos!”, disse Fiona. “Positivo! Estamos em uma situação terrível!”

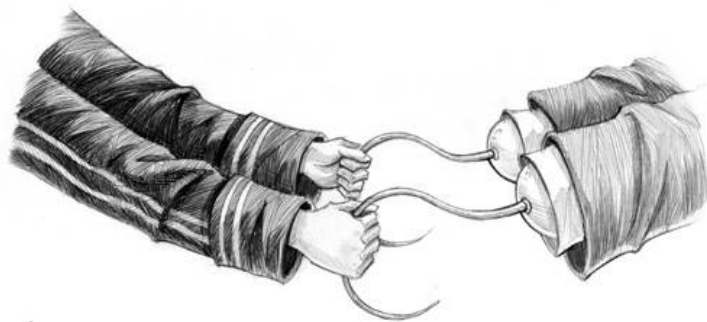
“Oh, eu não diria isso”, disse o conde Olaf com um sorriso malévolo, enquanto a porta se abria com um rangido para revelar uma sala pequena e vazia. Não havia nada lá, a não ser uma banquetta na qual estava sentado um homem que tentava com dificuldade embaralhar um maço de cartas. “Como uma reunião de família pode ser uma situação terrível?”, disse Olaf, e empurrou as crianças para dentro, batendo a porta em seguida.

Violet e Klaus encararam o capanga de Olaf e viraram na mesma direção o capacete de mergulho de Sunny, para que ela também pudesse vê-lo. Os irmãos não se surpreenderam, é claro, com o fato de que a pessoa que embaralhava cartas era o homem de mãos de gancho, tampouco se alegraram ao vê-lo, só ficaram muito apavorados com o fato de que o tempo que passariam naquele calabouço tornaria impossível salvar Sunny dos cogumelos que cresciam em seu capacete. No entanto, quando olharam para Fiona, viram que a micetologista estava muito surpresa com o que via e

muito contente ao encontrar o homem que se levantou da banquetta e acenou seus ganchos, também surpreso.

“Fiona!”, exclamou o homem de mãos de gancho.

“Fernald!”, disse Fiona, e de repente os Baudelaire acharam que seria possível salvar Sunny.



CAPÍTULO DEZ

Um dos maiores enigmas do mundo é a maneira como funciona a tristeza. Ficar muito triste pode ser parecido com ser queimado, não só por causa da dor descomunal, mas também porque a tristeza pode se espalhar por sua vida como a fumaça de um enorme incêndio. Você pode achar difícil enxergar alguma coisa além de sua própria tristeza, assim como a fumaça pode encobrir uma paisagem a tal ponto que tudo o que você pode enxergar é a escuridão. Você pode descobrir que as coisas felizes são maculadas pela tristeza, do mesmo modo que a fumaça de um incêndio deixa tudo com cor de carvão e cheiro de queimado. E pode descobrir também que, se alguém despeja água em cima de você, você fica molhado e perturbado, porém não curado da tristeza, assim como um corpo de bombeiros pode abafar o fogo, mas não recuperar o que foi destruído. Os órfãos Baudelaire, naturalmente, tinham sofrido grandes tristezas na vida desde que ouviram falar pela primeira vez da morte de seus pais, e às vezes sentiam-se como se mesmo para ver algo que os deixaria muito felizes tivessem de espantar a fumaça dos olhos. Quando Violet e Klaus viram Fiona e o homem de mãos de gancho se abraçarem, sentiram-se como se a fumaça de sua própria infelicidade tivesse preenchido o calabouço. Eles não podiam suportar a idéia de que Fiona tinha encontrado seu irmão perdido havia muito tempo, enquanto eles, com toda a probabilidade, jamais veriam seus pais de novo, e poderiam até perder sua irmã menor à medida que os esporos venenosos do Mycelium Medusóide tornavam o som de sua tosse cada vez pior dentro do capacete.

“Fiona!”, exclamou o homem de mãos de gancho. “É mesmo você?”

“Positivo”, disse a micetologista, tirando os óculos triangulares para enxugar as lágrimas. “Pensei que nunca iria vê-lo, Fernald. O que aconteceu com suas mãos?”

“Não ligue para isso”, disse depressa o homem de mãos de gancho. “Por que você está aqui? Também se juntou ao conde Olaf?”

“É óbvio que não”, disse Fiona com firmeza. “Ele capturou o *Queequeg* e nos pôs a ferros.”

“Então você se juntou aos pirralhos Baudelaire”, disse o homem de mãos de gancho. “Eu devia desconfiar que você era boazinha!”

“Eu não me juntei aos Baudelaire”, disse Fiona com a mesma firmeza. “Eles se juntaram a mim. Positivo! Agora sou o capitão do *Queequeg*.”

“Você?”, disse o comparsa de Olaf. “O que aconteceu com Andarré?”

“Ele desapareceu do submarino”, respondeu Fiona. “Não sabemos onde está.”

“Não me importa onde ele está”, disse com desprezo o homem de mãos de gancho. “Tanto faz onde está aquele idiota bigodudo! Ele é a razão por que me juntei ao conde Olaf, para começar! O capitão estava sempre gritando 'Positivo! Positivo! Positivo!' e me fazendo correr de um lado para o outro! Portanto eu fugi e me juntei à trupe de atores de Olaf!”

“Mas o conde Olaf é um vilão horrível!”, exclamou Fiona. “Ele não tem respeito pelos outros. Ele só sabe armar planos pérfidos e aliciar outras pessoas para sua trupe!”

“Esses são apenas os piores aspectos dele”, disse o homem de mãos de gancho. “Também existem muitas partes boas. Por exemplo, ele tem uma risada maravilhosa.”

“Uma risada maravilhosa não é desculpa para um comportamento vilanesco!”, disse Fiona.

“Vamos concordar em discordar”, retrucou o homem de mãos de gancho, usando uma expressão cansativa que aqui quer dizer “você deve estar com a razão, mas estou envergonhado demais para admitir isso”. Ele acenou um gancho displicentemente para sua irmã. “Saia de fininho, Fiona. Já é hora de os órfãos me dizerem onde está o açucareiro.”

O comparsa de Olaf raspou os ganchos um no outro para dar uma afiada rápida e deu um passo ameaçador na direção dos Baudelaire. Violet e Klaus se entreolharam atemorizados, depois olharam para o capacete de mergulho, onde ouviram sua irmã dar outra tossida arrepiante, e perceberam

que já era hora de pôr as cartas na mesa, uma expressão que aqui significa “revelar a verdade ao perverso comparsa de Olaf”.

“Não sabemos onde está o açucareiro”, disse Violet.

“Minha irmã está dizendo a verdade”, disse Klaus. “Faça o que quiser conosco, mas não vamos poder contar nada.”

O homem de mãos de gancho fulminou-os com o olhar e raspou um gancho no outro mais uma vez. “Vocês são mentirosos”, disse ele. “Vocês não passam de dois órfãos *mentirosos*.”

“É verdade, Fernald”, disse Fiona. “Positivo! A missão do *Queequeg* era encontrar o açucareiro, mas até agora só demos com os burros n’água.”

“Se vocês não sabem onde está o açucareiro”, disse zangado o homem de mãos de gancho, “então pôr vocês a ferros não tem o menor sentido!” Ele se voltou e chutou a banquetta, derrubando-a, para depois chutar a parede do calabouço. “O que esperam que eu faça agora?”, lamentou-se ele.

Fiona pousou a mão no gancho do irmão. “Leve-nos de volta ao *Queequeg*”, disse ela. “Sunny está dentro daquele capacete, junto com uma infestação de Mycelium Medusóide.”

“Mycelium Medusóide?”, repetiu o comparsa de Olaf, horrorizado. “É um fungo muito perigoso!”

“Ela está correndo grande perigo”, disse Violet. “Se não acharmos uma cura muito, muito depressa, ela vai morrer.”

O homem de mãos de gancho fechou a cara, mas então olhou para o capacete e deu de ombros para as crianças. “Por que eu haveria de me preocupar com a morte dela?”, perguntou. “Essa menina tornou minha vida miserável desde que a conheci. Cada vez que nossos planos de roubar a fortuna Baudelaire fracassam, o conde Olaf grita com todo mundo!”

“Foi você que tornou miserável a vida dos Baudelaire”, disse Fiona. “O conde Olaf já pôs em prática incontáveis planos traiçoeiros, e você o ajudou várias vezes seguidas. Positivo! Você devia se envergonhar!”

O homem de mãos de gancho suspirou e baixou os olhos para o chão do calabouço. “Às vezes eu me envergonho”, admitiu ele. “Parecia que a vida na trupe de Olaf seria glamurosa e divertida, mas nós acabamos cometendo mais assassinatos, incêndios criminosos, chantagens e violências diversas do que eu gostaria.”

“Essa é sua oportunidade de fazer algo nobre”, disse Fiona. “Você não precisa ficar do lado errado da cisão.”

“Oh, Fiona”, disse o homem de mãos de gancho, pousando desajeitado um gancho no ombro dela. “Você não está entendendo. Não existe um lado errado na cisão.”

“É claro que existe”, disse Klaus. “C.S.C, é uma organização nobre, e o conde Olaf não passa de um vilão terrível.”

“Uma organização nobre?”, disse o homem de mãos de gancho. “É isso? Diga isso à sua irmã-bebê, seu bobão quatro-olhos! Se não fosse pela Carreação de Supervoláteis Cogumelos, aqueles cogumelos letais nunca teriam cruzado seu caminho!”

As crianças se entreolharam, lembrando-se do que tinham lido na Gruta Gorgônea. Elas tiveram de admitir que o comparsa de Olaf estava certo. Mas Violet enfiou a mão no bolso e extraiu de lá o recorte de jornal que Sunny encontrara na caverna. Ela ergueu-o para que todos pudessem ver a matéria d'*O Pundonor Diário* que a mais velha dos Baudelaire mantivera escondida por tanto tempo.

“A DESERÇÃO DE FERNALD”, disse ela, lendo a manchete em voz alta, e depois leu a assinatura, uma palavra que aqui significa “o nome da pessoa que escreveu a matéria”. “Por Jacques Snicket. Já foi confirmado que o incêndio que destruiu a Aquáticos Anwhistle e tirou a vida do famoso icnólogo Gregor Anwhistle foi ateado por Fernald Andarré, filho do capitão do submarino *Queequeg*. A participação da família Andarré em uma recente cisão levantou diversas questões com respeito...” Violet ergueu os olhos e encontrou o olhar fulminante do comparsa de Olaf. “O resto da matéria está borrado”, disse ela, “mas a verdade está clara. Você cometeu uma traição. Você abandonou C.S.C, e aliou-se a Olaf!”

“A diferença entre os dois lados da cisão”, disse Klaus, “é que um lado apaga os incêndios que o outro lado ateia.”

O homem de mãos de gancho estendeu o braço para a frente e espetou a matéria com um de seus ganchos, e depois virou o recorte ao contrário para poder lê-lo de novo. “Você devia ter visto o fogo”, disse ele em voz baixa. “À distância, parecia uma enorme coluna de fumaça negra erguendo-se diretamente da água. Era como se o mar inteiro estivesse em chamas.”

“Você deve ter sentido orgulho de sua obra”, disse Fiona com tom amargo.

“Orgulho?”, disse o homem de mãos de gancho. “Foi o pior dia da minha vida. Aquela coluna de fumaça foi a coisa mais triste que já vi.” Ele

espetou o jornal com o outro gancho e rasgou a matéria em pedacinhos. “O *Pundonor* entendeu tudo errado”, disse ele. “O capitão Andarré não é meu pai. Andarré não é o meu sobrenome. E há muito mais coisa envolvida naquele incêndio. Vocês Baudelaire precisam saber que *O Pundonor Diário* não contou a história inteira. Assim como o veneno de um fungo letal pode ser a fonte de alguns remédios maravilhosos, alguém como Jacques Snicket pode fazer algo vilanesco, e alguém como o conde Olaf pode fazer algo nobre. Mesmo seus pais...”

“Nosso padrasto conhecia Jacques Snicket”, disse Fiona. “Ele era um bom homem, mas o conde Olaf o assassinou. Você também é um assassino? Você matou Gregor Anwhistle?”

Em soturno silêncio, o homem ergueu os ganchos diante das crianças. “Na última vez que você me viu”, disse ele a Fiona, “eu tinha duas mãos, e não ganchos. Nosso padrasto provavelmente não contou a você o que me aconteceu — ele sempre disse que havia segredos neste mundo que eram terríveis demais para que gente jovem os conhecesse. Que trouxe!”

“Nosso padrasto não é um trouxe”, disse Fiona. “Ele é um homem nobre. Positivo!”

“As pessoas não são vis nem nobres”, disse o homem de mãos de gancho. “Elas são como as saladas do chefe, com coisas boas e ruins misturadas num molho vinagrete de confusão e conflito.” Ele voltou-se para os dois Baudelaire mais velhos e apontou para eles com seus ganchos. “Vocês mesmos, Baudelaire. Vocês realmente acham que somos assim tão diferentes? Quando aquelas águias me carregaram para longe das montanhas numa rede, vi as ruínas do incêndio no sertão — um incêndio que ateamos juntos. Vocês tocaram fogo nas coisas, e eu também. Vocês se juntaram à tripulação do *Queequeg*, e eu me juntei à tripulação do *Carmelita*. Ambos os nossos capitães são pessoas voláteis, e estamos ambos tentando chegar ao Hotel Desenlace antes de quinta-feira. A única diferença entre nós são os retratos em nossos uniformes.”

“Estamos usando Herman Melville”, disse Klaus. “Ele foi um escritor de enorme talento, que dramatizou com sua prosa filosófica insólita, por vezes experimental, a dura condição das pessoas negligenciadas, tais como os marinheiros pobres ou os jovens explorados. Fico orgulhoso de expor seu retrato. Mas você está usando Edgar Guest. Ele era um escritor de talento

limitado, que escreveu uma poesia canhestra e tediosa sobre assuntos irremediavelmente sentimentais. Você devia ter vergonha.”

“Edgar Guest não é meu poeta favorito”, admitiu o homem de mãos de gancho. “Antes de me juntar ao conde Olaf, eu estudava poesia com meu padrasto. Costumávamos ler um para o outro no salão principal do *Queequeg*. Mas agora é tarde demais. Não posso voltar à minha vida anterior.”

“Talvez não”, disse Klaus. “Mas pode nos mandar de volta ao *Queequeg*, para que possamos salvar Sunny.”

“Por favor”, as crianças ouviram Sunny dizer de dentro do capacete, muito embora sua voz estivesse um tanto rouca, como se ela não fosse mais conseguir falar, e por um momento, enquanto os minutos cruciais se esgotavam, os únicos sons no calabouço eram a desesperada tosse de Sunny e os resmungos do homem de mãos de gancho andando de um lado para outro, enquanto girava os ganchos e meditava. Violet e Klaus olhavam para os ganchos e pensavam em todas as vezes em que ele os usara para ameaçar os irmãos. Uma coisa é acreditar que as pessoas têm tanto o mal quanto o bem dentro de si, misturados como os ingredientes de uma salada. Mas outra muito diferente é olhar para o parceiro de um vilão desprezível, que buscou seguidamente causar o mal, e tentar ver onde estão enterradas suas partes boas, quando tudo o que lhe vem à lembrança são a dor e o sofrimento que ele causou. Enquanto o homem de mãos de gancho andava em círculos pelo calabouço, era como se os Baudelaire estivessem revirando uma salada do chefe feita principalmente de apavorantes — e talvez até venenosos — ingredientes, para tentar achar a única torradinha nobre que poderia salvar sua irmã, assim como eu, no tempo entre um e outro parágrafo, reviro essa salada que está na minha frente, na esperança de que o meu garçom seja mais nobre do que perverso e que minha irmã, Kit, possa ser salva pelo pequeno e condimentado pedaço de torrada que espero resgatar dessa gamela. Entretanto, depois de muito andar à roda e tergiversar — uma expressão que aqui significa “resmungos e pigarreios usados para fugir de uma decisão rápida” —, o capanga do conde Olaf parou na frente das crianças, pôs os ganchos na cintura e ofereceu a elas uma escolha de Hobson.

“Vou mandar vocês de volta ao *Queequeg*”, disse ele, “se vocês me levarem junto.”



CAPÍTULO ONZE

“Positivo!”, disse Fiona. “Positivo! Positivo! Positivo! Vamos levar você conosco, Fernald! Positivo!”

Violet e Klaus se entreolharam. Estavam agradecidos, é claro, porque o homem de mãos de gancho estava permitindo que salvassem Sunny do Mycelium Medusóide, mas não podiam deixar de desejar que Fiona não tivesse dito “positivo!”. Convidar o assecla do conde Olaf para juntar-se a eles no *Queequeg*, mesmo ele sendo o irmão de Fiona há muito sumido, parecia ser uma decisão da qual eles poderiam se arrepender.

“Fico muito feliz”, disse o homem de mãos de gancho, dando aos dois irmãos um sorriso que eles acharam inescrutável, uma palavra que aqui significa “podia ser gentil ou detestável, mas era difícil saber”. “Tenho um montão de idéias sobre aonde podemos ir depois de sair do *Carmelita*.”

“Bem, eu certamente gostaria de ouvir essas idéias”, disse Fiona. “Positivo!”

“Talvez possamos discutir esse tipo de coisa mais tarde”, disse Violet. “Não acho que esse seja um bom momento para vacilar.”

“Positivo!”, disse Fiona. “Aquele que vacila está perdida!”

“Ou aquele”, lembrou Klaus. “Temos de voltar ao *Queequeg* imediatamente.”

O homem de mãos de gancho abriu a porta do calabouço e olhou para os lados no corredor. “Isso vai ser arriscado”, disse ele, acenando para as crianças com um de seus ganchos. “O único caminho de volta ao *Queequeg* é pela sala dos remadores, mas essa sala está cheia de crianças raptadas.

Esmé pegou o meu *tagliatelle grande* e está chicoteando as crianças para elas remarem mais depressa.”

Os Baudelaire mais velhos não se deram ao trabalho de ressaltar que o homem de mãos de gancho já os tinha ameaçado com aquele mesmo macarrão, quando eles trabalhavam no Parque Caligari, junto com alguns outros indivíduos que acabaram se juntando à trupe de Olaf. “Será que existe um jeito de passar por eles?”, perguntou Violet.

“Veremos”, disse o capanga de Olaf. “Sigam-me.”

O homem de mãos de gancho saiu andando pelo corredor em passos rápidos, com Fiona atrás dele carregando o capacete dentro do qual Sunny continuava tossindo. Violet e Klaus ficaram para trás de propósito, para poder trocar algumas palavras com a micetologista.

“Fiona, você tem certeza de que quer trazê-lo conosco?”, perguntou Klaus, aproximando-se ao máximo para murmurar no ouvido dela. “Ele é um homem muito perigoso e volátil.”

“Ele é meu irmão”, respondeu Fiona em um sussurro veemente, “e eu sou o capitão. Positivo! Sou responsável pelo *Queequeg*, portanto sou eu quem escolhe a tripulação.”

“Isso nós sabemos”, disse Violet, “mas apenas achamos que você poderia querer reconsiderar.”

“Nunca”, disse Fiona com firmeza. “Sem meu padrasto, Fernald pode ser a única pessoa que restou na minha família. Você me pediria para abandonar o meu próprio irmão?”

Como que em resposta, Sunny tossiu desesperadamente dentro do capacete, e os Baudelaire mais velhos sentiram que Fiona estava certa. “É claro que não”, disse Klaus.

“Parem de resmungar aí atrás!”, ordenou o homem de mãos de gancho enquanto levava as crianças por mais uma volta no corredor. “Estamos nos aproximando da sala dos remadores, e não queremos que ninguém nos ouça.”

As crianças pararam de falar, mas quando o assecla se postou diante da porta da sala dos remadores e ergueu o gancho na direção de um olho pregado à parede, o qual abriria a porta, Violet e Klaus puderam ouvir que ali não havia razão para ficar em silêncio. Mesmo através do grosso metal da entrada da sala, podia-se ouvir a voz alta e estridente de Carmelita Spats.

“Para a minha terceira contradança”, ela dizia, “vou rodopiar, e rodopiar, e rodopiar, enquanto todos vocês batem palmas o mais forte que puderem. É uma dança de celebração, em homenagem à mais adorável princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada do mundo!”

“Por favor, Carmelita”, implorou a voz de uma criança. “Estamos remando há horas. Nossas mãos estão feridas demais para bater palmas.”

Ouviu-se um ruído suave, molhado, como se alguém tivesse deixado cair um pano encharcado no chão, e os Baudelaire mais velhos perceberam que Esmé estava chicoteando as crianças com seu enorme macarrão. “Vocês vão participar do recital de Carmelita”, anunciou a pérfida namorada, “ou então vão sentir o ferrão do meu *tagliatelle grandel* Ho ho hupa upa pá!”

“Na verdade não é um ferrão”, disse uma criança corajosa. “Parece mais uma palmada leve.”

“Cale a boca, seu bisbórria!”, ordenou Carmelita, e as crianças ouviram o ruje-ruje do *tutu* cor-de-rosa quando ela começou a rodopiar. “Comecem a aplaudir!”, guinchou ela, e então as crianças ouviram um som que nunca tinham ouvido antes.

Não há propriamente perversidade no ato de cantar com uma medonha voz ululante, pelo menos não mais do que em ter uma postura medonha, primos medonhos ou calças medonhas. Muitas pessoas nobres e agradáveis têm diversas dessas coisas, e existem até um ou dois indivíduos gentis que têm todas elas. Mas se você tem alguma coisa medonha e quer impô-la à força para outra pessoa, então você realmente cometeu uma perversidade muito grande. Se você impõe sua postura medonha a alguém, por exemplo se inclinando tão para trás que a pessoa é obrigada a escorá-lo, então você arruinou perversamente o passeio de fim de tarde dessa pessoa, e se você impõe seus primos medonhos a alguém, largando-os na casa dessa pessoa para escapar de suas presenças medonhas e passar algum tempo sozinho, então você arruinou perversamente o dia inteiro dela, e somente uma pessoa muito perversa imporia um par de calças medonhas às pernas e ao tronco de outra pessoa. Mas impor uma medonha voz ululante a alguém, ou mesmo sobre uma multidão de pessoas, é um dos crimes mais perversos do mundo, e naquele momento Carmelita Spats abriu a boca e afligiu toda a tripulação do *Carmelita* com sua perversidade. A voz ululante de Carmelita era alta como uma sirene, estridente como um rangido de porta, e extremamente desafinada, como se as notas da escala musical estivessem todas se

acotovelando, tentando soar ao mesmo tempo. Sua voz ululante era gosmenta, como se alguém tivesse entupido sua boca de purê de batata antes de ela cantar, e cheia de *vibrato*, que é um termo italiano para uma voz que tremelica ao cantar, como se alguém estivesse sacudindo Carmelita muito vigorosamente quando ela começou a cantar. Até mesmo a mais medonha das vozes pode ser tolerada se estiver cantando uma boa canção, mas lamento dizer que Carmelita Spats compusera aquela canção ela mesma, e era tão medonha quanto a sua voz ululante. Violet e Klaus lembraram-se da Escola Preparatória Prufrock, onde conheceram Carmelita. O vice-diretor da escola, um homem tedioso chamado Nero, forçava seus alunos a ouvirem-no tocar violino durante horas, e perceberam que aquele administrador devia ter exercido uma poderosa influência sobre a criatividade de Carmelita.

“C é de 'coisinha fofa”, cantou Carmelita,

“A é de adorável”!

R é de 'resplandecente”!

M é de 'belíssima”!

E é de 'excelente”!

L é de 'lindinhd”!

I é de 'impossível outra melhor”!

T é de 'talentosa”! e

A é de 'A princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada”!

E agora, até o fim, vamos de novo cantar essa estupenda canção!”

A canção era tão irritante, tão mal cantada, que Violet e Klaus quase pensaram que se tratava de uma tortura, especialmente quando Carmelita começou a repeti-la sem parar.

“Não posso agüentar a voz dela”, disse Violet. “Isso me lembra o crocitar dos corvos de C.S.C.”

“Não posso agüentar a letra”, disse Klaus. “Alguém precisa dizer a ela que 'belíssima' não começa com M.”

“Não posso agüentar a fedelha”, disse amargamente o homem de mãos de gancho. “Ela é uma das razões por que eu gostaria de ir embora. E esse parece um bom momento para tentar escapulir. Existe uma porção de pilares para nos escondermos, e se andarmos bem em volta dos limites, onde cada remo atravessa a parede para dentro dos tentáculos do polvo,

deveremos chegar até a outra porta — isto é, se todos estiverem assistindo ao recital da princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada.”

“Parece um plano muito arriscado”, disse Violet.

“Não é hora para ser covarde”, rosnou o homem de mãos de gancho.

“Minha irmã não é covarde”, disse Klaus. “Ela está apenas sendo cautelosa.”

“Não é hora de ser cauteloso!”, disse Fiona. “Positivo! Aquela que vacila está perdida! Vamos embora!”

Sem mais palavra, o homem de mãos de gancho cutucou o olho na parede, e a porta se abriu, revelando uma sala enorme. Como previra o capanga de Olaf, as crianças remadoras estavam todas olhando para Carmelita, que cabriolava e cantava em um lado da sala, enquanto Esmé assistia com um sorriso orgulhoso na cara e um grande macarrão em um dos tentáculos. Logo atrás do homem de mãos de gancho e de Fiona, os três Baudelaire — Sunny ainda dentro do capacete de mergulho, é claro — avançaram cautelosamente pelo lado de fora da sala, enquanto Carmelita rodopiava cantando a sua absurda canção. Quando Carmelita anunciou o que era C, as crianças se esquivaram para trás de um dos pilares. Quando ela explicou aos seus ouvintes o significado de A e R, as crianças rastejaram para além dos remos em movimento, tomando cuidado para não tropeçar. Quando ela insistiu que “belíssima” começava com M, o assecla do conde Olaf apontou um de seus ganchos para uma porta distante, e quando Carmelita chegou ao E e ao L, as crianças se esquivaram para trás de outro pilar, esperando que a luz pálida das lanternas não as denunciasse. Quando Carmelita anunciou que era “impossível outra melhor” e se gabou de ser talentosa, Esmé Squalor fechou a cara e se voltou, piscando por baixo dos olhos falsos de sua roupa de polvo, e as crianças tiveram de se jogar no chão para que a vilanesca namorada de Olaf não as visse, e quando a princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada achou necessário lembrar ao seu público quem era ela, ou seja, uma princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada, os dois Baudelaire mais velhos viram-se à frente de Fiona e do homem de mãos de gancho, escondendo-se atrás de um pilar que estava a apenas uns poucos metros do seu destino. Eles estavam a ponto de rastejar até a porta quando Carmelita começou a vociferar o último verso de sua canção — sendo “vociferar” uma palavra que aqui significa “cantar com uma voz especialmente estridente e

particularmente irritante” — apenas para se interromper bem quando estava prestes a recomçar a estupenda canção.

“C é de... Bisbórrias!”, berrou ela. “O que vocês estão fazendo aqui?”

Violet e Klaus congelaram, e depois viram, aliviados, que a terrível menininha apontava com desprezo para Fiona e o homem de mãos de gancho, que estavam em pé, meio sem jeito, entre dois remos.

“Como você se atreve, Ganchito?”, disse Esmé, ameaçando-o com seu macarrãozão. “Você está interrompendo o recital de uma menininha indizivelmente gracinha!”

“Sinto muito, vossa Esmesice”, disse o homem de mãos de gancho, dando um passo à frente para se inclinar servilmente perante a perversa namorada. “Eu preferiria perder as duas mãos de novo a interromper a dança de Carmelita.”

“Mas você me *interrompeu*, seu bisbórria aleijado!”, gritou Carmelita, fazendo beicinho. “Agora vou ter de apresentar o recital de novo, desde o começo!”

“Não!”, gritou uma das crianças remadoras. “Tudo menos isso! É uma tortura!”

“Por falar em tortura”, disse depressa o homem de mãos de gancho, “eu parei só para ver se podia pedir emprestado o seu *tagliatelle grande*. Ele pode ser útil para obrigar os Baudelaire a revelar onde está o açucareiro.”

Esmé fechou a cara e afagou o macarrão com um tentáculo. “Na verdade, não gosto de emprestar coisas”, disse ela. “Isso em geral leva as pessoas a bagunçar os meus pertences.”

“Por favor, madame”, disse Fiona. “Estamos tão perto de descobrir onde está o açucareiro! Positivo! Só precisamos do seu macarrão emprestado para que possamos voltar ao calabouço.”

“Por que você está ajudando o Ganchito?”, disse Esmé. “Sempre pensei que você era só mais uma órfã boazinha.”

“É claro que não”, disse o homem de mãos de gancho. “Essa é minha irmã, Fiona, e ela está se juntando à tripulação do *Carmelita*.”

“Fiona não é um nome muito *in*”, disse Esmé. “Acho que vou chamá-la de Olhos de Triângulo. Você realmente quer se juntar a nós, pequena Olhos de Triângulo?”

“Positivo!”, disse Fiona. “Esses Baudelaire não passam de encrencas!”

“Por que vocês ainda estão falando?”, perguntei Carmelita. “Essa é a hora do meu recital de princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada!”

“Desculpe, meu bem”, disse Esmé. “Ganchito e Olhos de Triângulo, peguem esse macarrão e dêem o fora!”

O homem de mãos de gancho e sua irmã andaram até o meio da sala e ficaram cara a cara com Esmé e Carmelita, oferecendo uma oportunidade perfeita para os Baudelaire mais velhos darem o fora, uma expressão grosseira que aqui significa “escapular da sala sem ser notados e andar até o corredor sombrio pelo qual Olaf os tinha conduzido há pouco”.

“Você acha que Fiona vai se juntar a nós?”, perguntou Violet.

“Acho que não”, disse Klaus. “Eles disseram a Esmé que iam voltar ao calabouço, portanto terão de voltar pelo caminho que vieram.”

“Você não acha que ela está realmente se juntando à trupe de Olaf, acha?”, disse Violet.

“É claro que não”, disse Klaus. “Aquilo foi só para nos dar uma oportunidade de sair da sala. Fiona pode ser volátil, mas não é assim *tão* volátil.”

“É claro que não”, disse Violet, ainda que não estivesse tão segura disso.

“É claro que não”, repetiu Klaus, quando mais uma tossida rouca veio de dentro do capacete de mergulho. “Agüente mais um pouco, Sunny”, gritou ele para a irmã. “Você vai ser curada em instantes!” Embora ele tentasse soar confiante, o Baudelaire do meio não tinha como saber se suas palavras eram verdadeiras — apesar de, fico contente de dizer, terem sido.

“Como você vai curar Sunny”, disse Violet, “sem Fiona?”

“Teremos de pesquisar nós mesmos”, disse Klaus com firmeza.

“Nunca vamos conseguir ler toda a biblioteca micetológica dela a tempo de fazer um antídoto”, disse Violet.

“Não temos de ler a biblioteca inteira”, disse Klaus, enquanto eles chegavam à porta do calabouço do *Queequeg*. “Sei exatamente onde procurar.”

Sunny tossiu de novo, e depois começou a arquejar, uma palavra que aqui significa “produzir um som rouco e assoviante, indicando que sua

garganta estava quase fechada”. Os Baudelaire mais velhos mal podiam conter o impulso de abrir o capacete e consolar a irmã, mas não queriam se arriscar e ser envenenados eles mesmos. “Espero que você tenha razão”, disse Violet, apertando o olho metálico na parede. A porta se abriu deslizando e as crianças correram para a vigia quebrada do submarino. “O tempo de Sunny está quase esgotado.”

Contrito, Klaus assentiu e pulou pela vigia para cima da grande mesa de madeira. Embora pouco tempo tivesse se passado desde que as crianças saíram do *Queequeg*, o salão principal parecia ter sido abandonado há anos. Os três balões amarrados às pernas da mesa estavam começando a murchar, as cartas náuticas que Klaus estivera estudando haviam caído no chão, assim como o círculo de vidro que o conde Olaf cortara da vigia, que ainda jazia ali. Mas o Baudelaire do meio ignorou todos esses objetos e catou no chão o *Cogumelos e suas minúcias*.

“Esse livro deve conter as informações sobre o antídoto”, e abriu o tomo imediatamente no sumário, enquanto Violet carregava Sunny para dentro do submarino. “Capítulo trinta e seis, 'A levedura das feras'. Capítulo trinta e sete, 'Comportamento dos cogumelos Morei em uma sociedade livre'. Capítulo trinta e oito, 'Mofos fungíveis, fungos mofadores'. Capítulo trinta e nove, 'Valas fúngicas abertas à visitação'. Capítulo quarenta, 'A Gruta Gorgônea'.”

“  isso!”, disse Violet. “Capítulo quarenta.”

Klaus folheou as páginas enquanto Sunny arquejava de novo, desesperadamente, mas eu gostaria que o Baudelaire do meio tivesse tido tempo de retornar a algumas das páginas que folheava com pressa. “‘A Gruta Gorgônea’”, leu ele, “‘localizada na propinq idade da Aquáticos Anwhistle, possui apropriadamente uma denominação sombria que, com raízes na mitologia grega...’”

“Já sabemos tudo isso”, disse Violet. “Pule para a parte sobre o micélio.”

Os olhos de Klaus esquadriharam a página com facilidade, pois ele já tinha muita prática em pular as partes dos livros que achava menos úteis. “‘O Mycelium Medusóide possui uma estratégia conducente singular de alternar as fases crescente...’”

“‘E minguan te’”, interrompeu Violet, enquanto a tosse de Sunny continuava a crescer. “Pule para a parte que fala do veneno.”

“Como diz o poeta“, leu Klaus:

“De um único esporo é tão cruel o poder Que em menos de uma hora tu podes morrer. Seria então possível deixá-lo mais ralo? Sim, basta uma dose de raiz de cavalo!”

“Raiz de cavalo?”, repetiu Violet. “Como é possível um cavalo com raiz?”

“Não sei”, disse Klaus. “Em geral, os antídotos contêm certas extrações botânicas, como o pólen de uma flor ou o caule de uma planta.”

“Deixá-lo mais ralo' seria a mesma coisa que 'criar um antídoto'?”, perguntou Violet, mas antes que seu irmão pudesse responder, Sunny ofegou de novo, e o capacete de mergulho oscilou para cá e para lá, enquanto ela lutava contra o fungo. Klaus olhou para o volume que tinha nas mãos e então para a irmã, e depois enfiou a mão no bolso à prova d'água de seu uniforme.

“O que você está fazendo?”, perguntou Violet.

“Pegando o meu livro de lugar-comum”, respondeu Klaus. “Eu anotei todas as informações sobre a história da Aquáticos Anwhistle que encontramos na gruta.”

“Não temos tempo para conferir sua pesquisa!”, disse Violet. “Precisamos encontrar um antídoto já! Fiona tem razão: aquele ou aquela que vacila está perdido!”

Klaus sacudiu a cabeça. “Não necessariamente”, disse ele, e virou uma página no seu caderno azul. “Se pararmos um momento para pensar, poderemos salvar nossa irmã. E agora, o que Kit Snicket escreveu naquela carta? Aqui está: 'O fungo venenoso que você insiste em cultivar na gruta vai trazer severas conseqüências para todos nós. Nossa fábrica no Mau Caminho pode prover uma certa diluição da capacidade destrutiva do micélio sobre a respiração, deixando-o menos nocivo...'. É isso! C.S.C, estava fazendo alguma coisa em uma fábrica perto do Mau Caminho que podia diluir os efeitos do micélio.”

“Mau Caminho?”, disse Violet. “Esse era o nome da estrada para a casa do tio Monty. Tinha um cheiro horrível, está lembrado? Tinha cheiro de pimenta-preta. Não, pimenta-preta, não...”

Klaus deu uma olhada no seu livro de lugar-comum, e depois no *Cogumelos e suas minúcias*. “*Raiz de cavalo*”, disse ele baixinho. “A

estrada tinha cheiro de raiz de cavalo, também conhecida como 'raiz-forte'! É esse o antídoto!”

Violet já estava andando firme na direção da cozinha. “Tomara que Phil goste de cozinhar com raiz-forte”, disse ela, e abriu a porta com um empurrão. Klaus pegou o capacete arquejante e acompanhou-a para dentro da minúscula cozinha. Mal havia espaço suficiente para as crianças ficarem em pé no pequeno vão entre o fogão, a geladeira e dois armários de madeira.

“Os armários devem servir de despensa”, disse Klaus, usando uma palavra que aqui significa “lugar onde se espera que os antídotos estejam guardados”. “Se ele tiver 'raiz de cavalo' deve estar guardada lá.”

Os Baudelaire mais velhos estremeceram, pois não queriam pensar no que poderia acontecer a Sunny se não encontrassem raiz-forte nas prateleiras. Em momentos, contudo, Violet e Klaus tiveram de levar em consideração exatamente isso. Violet abriu um armário e Klaus abriu outro, mas as crianças viram imediatamente que não havia lá nenhuma raiz-forte. “Chiclete”, disse Violet numa voz fraquinha. “Caixas e mais caixas de chiclete, que Phil trouxe da serraria, e mais nada. Você achou alguma coisa, Klaus?”

Klaus apontou para um par de latinhas em um canto do armário, e ergueu um pequeno saco de papel. “Duas latas de castanhas”, disse ele, “e um saquinho de sementes de gergelim.” Seu punho se fechou apertado sobre o saquinho, e ele piscou para conter as lágrimas atrás dos óculos. “O que vamos fazer?”

Sunny arquejou mais uma vez, soltando um silvo agudo frenético que lembrou os irmãos do som solitário de um trem ao desaparecer dentro de um túnel. “Vamos olhar na geladeira”, disse Violet. “Talvez haja raiz-forte lá dentro.”

Klaus assentiu e abriu a porta do refrigerador da cozinha, que estava quase tão vazio quanto a despensa. Na prateleira de cima havia seis garrafinhas de refrigerante de lima limão, que Phil oferecera às crianças em sua primeira noite a bordo do *Queequeg*. Na prateleira do meio havia um pequeno pedaço de queijo, branco e mole, enrolado em uma tira de papel-manteiga. E na prateleira de baixo havia um grande prato, sobre o qual havia algo que fez os dois irmãos começarem a chorar.

“Eu tinha esquecido”, disse Violet, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

“Eu também, irmãzinha”, disse Klaus, tirando o prato da geladeira.

Phil usara as últimas provisões — uma palavra que aqui significa “ingredientes para cozinhar” — para fazer um bolo. Parecia um bolo de coco, como o dr. Montgomery costumava fazer, e os dois irmãos se perguntaram se Sunny, mesmo sendo um bebê, aprendera o suficiente sobre cozinha para ajudar Phil a preparar uma sobremesa assim. O bolo era todo glacado, com pedaços de coco misturados na cobertura espessa e cremosa e, escritas em glacê azul por cima de tudo, na caligrafia jovial e otimista de Phil, havia três palavras.

“Violet quinze anos“, disse Klaus em tom apagado. “Por isso os balões.”

“Eu fiz quinze anos”, disse Violet. “Fiz quinze anos quando estávamos na gruta, e nem me dei conta.”

“Sunny não se esqueceu”, disse Klaus. “Ela disse que estava planejando uma surpresa, está lembrada? íamos voltar de nossa missão na caverna e comemorar o seu aniversário.”

Violet se deixou afundar no chão e pousou a cabeça no capacete de mergulho de Sunny. “O que vamos fazer?”, soluçou ela. “Não podemos perder Sunny. Não podemos!”

“Deve haver alguma coisa que possamos usar”, disse Klaus, “para substituir a raiz-forte. O que poderia ser?”

“Não sei!”, gritou Violet. “Não entendo nada de cozinha!”

“Nem eu!”, exclamou Klaus, quase tão alto quanto a irmã. “Sunny é a única que sabe!”

Os dois Baudelaire se entreolharam em prantos, e depois endureceram, uma palavra que aqui significa “reuniram o máximo de força que podiam”. Então, sem mais palavra, abriram a portinhola do capacete de Sunny e rápido arrastaram a irmã para fora, fechando imediatamente a porta atrás dela para que o fungo não se disseminasse. De início, a irmã pareceu não ter mudado, mas quando a arque-jante menininha abriu a boca, eles puderam ver vários talos e píleos cinzentos daquele horroroso cogumelo, salpicados em pontos pretos como se alguém tivesse derramado tinta na boca de Sunny. Ofegando terrivelmente, Sunny estendeu os bracinhos para os dois irmãos e agarrou suas mãos. Ela não precisou pronunciar nem uma

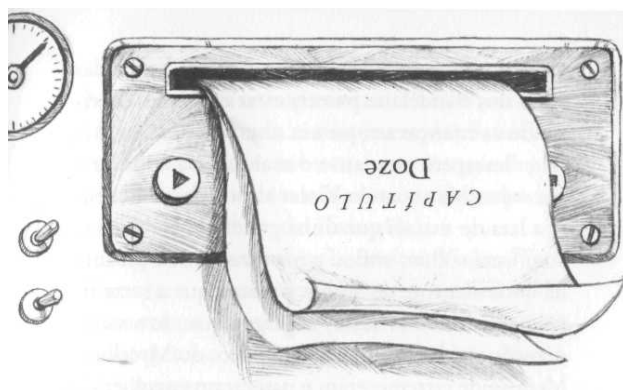
só palavra. Violet e Klaus sabiam que ela estava implorando ajuda, mas não havia nada que pudessem fazer, a não ser uma pergunta desesperada.

“Sunny”, disse Violet, “nós pesquisamos um antídoto. Só a 'raiz de cavalo', ou raiz-forte, pode salvá-la. Mas nós não temos raiz-forte na cozinha.”

“Sunny”, disse Klaus, “existe algum equivalente culinário de raiz-forte?”

Sunny abriu a boca como se estivesse tentando dizer alguma coisa, mas os Baudelaire mais velhos só ouviram o som rouco e sibilante do ar tentando passar pelos cogumelos. Suas mãozinhas se encurvaram em punhos fechados, e seu corpo se contorceu de um lado para outro em dores e medo. Por fim, ela conseguiu pronunciar uma palavra — uma palavra que muitos poderiam não ter entendido. Alguns poderiam ter pensado que era parte do vocabulário pessoal de Sunny — talvez seu jeito de dizer “eu amo vocês”, ou mesmo “adeus, irmãos”. Alguns poderiam ter pensado que era puro disparate, apenas os ruídos que uma pessoa é capaz de produzir quando um fungo letal a derrotou. Mas existem muitos outros que teriam entendido imediatamente. Uma pessoa do Japão teria entendido que ela estava falando de um condimento muitas vezes servido com peixe cru e gengibre condimentado. Um chefe de cozinha saberia que Sunny estava se referindo a uma raiz verde de sabor pungente, considerada por muitos o equivalente culinário da raiz-forte. E Violet e Klaus sabiam que sua irmã estava lutando pela vida, uma expressão que aqui significa “tentando fazer alguma coisa que salvasse sua vida”, ou “alguma coisa que a salvasse do Mycelium Medusóide”, ou, ainda mais importante, que estava se referindo a “um item que os Baudelaire mais velhos ainda tinham no bolso à prova d'água do uniforme, selado em uma lata que Sunny encontrara em uma caverna subterrânea”.

“Wasabi”, disse Sunny, em um sussurro rouco, abafado pelos cogumelos, e não precisou dizer mais nada.



CAPÍTULO DOZE

Os Baudelaire nunca tiveram muita oportunidade de usar a expressão “a sorte virou”, pois ela se refere a uma situação que foi subitamente revertida, portanto os que antes estavam em uma situação de fraqueza se viram de repente em uma situação de força, ou vice-versa. Para os Baudelaire, a sorte tinha virado na Praia de Sal, onde receberam a notícia do terrível incêndio, e o conde Olaf subitamente se tornou uma poderosa e terrível figura em suas vidas. Com o passar do tempo, os irmãos aguardaram e aguardaram que a sorte virasse de novo, para que Olaf fosse derrotado de uma vez por todas e eles pudessem se ver livres das forças sinistras e misteriosas que ameaçavam engolfá-los, mas a sorte das vidas dos Baudelaire parecia estar emperrada, deixando as crianças sempre em uma posição de miséria e desespero enquanto o mal parecia triunfar à sua volta. Mas quando Violet abriu apressadamente a lata de *wasabi* que tinha guardada no bolso e, com uma colher, enfiou a mistura verde e picante na boca ofegante de Sunny, pareceu que a sorte finalmente iria virar. Sunny engasgou quando o *wasabi* tocou sua língua, e os talos e píleos do Mycelium Medusóide estremeceram e pareceram encolher de medo do poderoso condimento japonês. Em pouco tempo, o fungo murchou e diminuiu, e o arquejar de Sunny foi se transformando em tosse, e a tosse em respirações profundas, e assim a mais jovem dos Baudelaire começou a recobrar o alento, uma expressão que aqui significa “recuperar as forças e a capacidade de respirar”. A mais jovem dos Baudelaire segurou-se com firmeza nas mãos dos irmãos, seus olhos se encheram de lágrimas, mas Violet e Klaus puderam ver que o Mycelium Medusóide não iria triunfar.

“Está funcionando”, disse Violet. “A respiração de Sunny está voltando ao normal.”

“Sim”, disse Klaus. “A sorte virou contra o fungo horroroso.”

“Água”, disse Sunny, e seu irmão ergueu-se do chão da cozinha e se apressou em buscar um copo d'água. Enfraquecida, a mais jovem dos Baudelaire endireitou o corpo, bebeu sofregamente, e depois abraçou os dois irmãos o mais apertado que pôde.

“Obrigada”, disse ela. “Salvação.”

“Você mesma se salvou”, ressaltou Violet. “Estávamos com o *wasabi* o tempo todo, mas nem pensamos em usá-lo, até que você nos contou.”

Sunny tossiu de novo e deitou no chão. “Exaurida”, murmurou ela.

“Não fico surpresa por você estar exausta”, disse Violet. “Passou por uma provação e tanto. Quer que a carreguemos até o alojamento para descansar?”

“Descansar aqui”, disse Sunny, enroscando-se ao pé do fogão.

“Você vai mesmo se sentir confortável no chão da cozinha?”, perguntou Klaus.

Sunny abriu um olho exausto e sorriu para os irmãos. “Perto de vocês”, disse ela.

“Tudo bem, Sunny”, disse Violet, pegando um pano de prato no balcão da cozinha e dobrando-o para servir de travesseiro para a irmã. “Estaremos no salão principal, se você precisar de nós.”

“E agora?”, murmurou ela.

“Shhh...”, fez Klaus, cobrindo-a com mais um pano de prato. “Não se preocupe, Sunny. Vamos pensar no que fazer.”

Os Baudelaire saíram pé ante pé da cozinha, levando a lata de *wasabi*. “Você acha que ela vai ficar bem?”, perguntou Violet.

“Tenho certeza que sim”, disse Klaus. “Depois de uma soneca, ela vai ficar nova. Mas nós também precisamos comer um pouco de *wasabi*. Quando abrimos o capacete de mergulho, ficamos expostos ao Mycelium Medusóide, e precisamos de todas as nossas forças para escapar do conde Olaf.”

Violet assentiu e enfiou uma colher de *wasabi* na boca, estremecendo violentamente quando o condimento tocou sua língua. “Sobrou uma última colherada”, disse ela, passando a lata para o irmão. “Até que arranjemos

mais um pouco de raiz-forte para acabar de vez com aquele fungo, é melhor mantermos o capacete fechado.”

Klaus concordou com a cabeça, fechou os olhos e comeu o que restou do condimento japonês. “Se algum dia inventarmos aquele código alimentar de que falamos com Fiona”, disse ele, “a palavra 'wasabi' vai significar 'poderoso'. Não é à toa que isso curou nossa irmã.”

“Agora que a curamos”, disse Violet, lembrando-se da pergunta que Sunny tinha feito antes de cair no sono, “e agora?”

“Agora vem o Olaf”, disse Klaus com firmeza. “Ele disse que tinha tudo o que precisava para derrotar C.S.C, para sempre — com exceção do açucareiro.”

“Você tem razão”, disse Violet. “A sorte tem que virar contra ele e nos fazer achar o açucareiro antes.”

“Mas não sabemos onde está o açucareiro”, disse Klaus. “Alguém deve tê-lo tirado da Gruta Gorgônea”.

“Eu fico pensando...”, começou Violet, mas ela nunca chegou a dizer o que ficava pensando, porque um barulho estranho a interrompeu. Era um zumbido, seguido por uma espécie de “bip” e outros ruídos que pareciam vir bem do fundo das máquinas do *Queequeg*. Por fim, uma luz verde se acendeu no painel e um objeto branco e fino começou a ser cuspidor para fora de uma pequena fenda no painel.

“É um papel”, disse Klaus.

“É mais que isso”, disse Violet, e avançou na direção do painel. A tira de papel se enrolou na mão dela logo que emergiu da fenda, como se a máquina estivesse impaciente para que a mais velha dos Baudelaire lesse a mensagem. “Esse é o dispositivo telegráfico. E esse papel deve ser um...”

“Boletim do Correio Sub-reptício Cooperativo”, completou Klaus.

Violet assentiu e deu uma olhada rápida no papel. De fato, as palavras “Correio Sub-reptício Cooperativo” estavam impressas no topo e, assim que a máquina cuspiu mais papel, a mais velha dos Baudelaire pôde ler a quem a mensagem era endereçada: “Ao *Queequeg*!”. Logo abaixo, estavam impressos o nome da pessoa que enviara o telegrama, alguém em terra seca, a quilômetros de distância dali, e a data. Era um nome que Violet quase não se atrevia a pronunciar em voz alta, apesar de sentir que vinha sussurrando-o para si mesma havia dias, desde que as águas geladas do Arroio Enamorado arrastaram para longe o jovem que significava tanto para ela.

“É de Quigley Quagmire”, disse ela baixinho.

Os olhos de Klaus se arregalaram de perplexidade. “O que está escrito?”, perguntou.

Violet sorriu enquanto o telegrama acabava de ser impresso, e seu dedo tocou o Q do nome do amigo. Era como se saber que Quigley estava vivo já fosse o suficiente. “E de meu conhecimento que vocês têm três voluntários adicionais a bordo do *Queequeg* PONTO”, leu ela, lembrando-se de que “PONTO” indicava o fim de uma sentença em um telegrama. “Estamos desesperadamente necessitados dos serviços deles para uma questão da mais absoluta urgência PONTO. Favor levá-los na terça-feira ao local indicado nos versos abaixo PONTO.” Ela correu os olhos pelo papel e franziu o cenho, pensativa. “Depois vêm dois poemas”, disse ela. “Um de Lewis Carroll e o outro de T. S. Eliot.”

Klaus tirou seu livro de lugar-comum do bolso e folheou até encontrar o que estava procurando. “Comunicação por Semiflutuações em Cânticos”, disse ele. “Esse é o código que aprendemos na gruta. Quigley deve ter mudado algumas palavras dos poemas para que mais ninguém soubesse onde devemos encontrá-lo. Vamos ver se reconhecemos as mudanças.”

Violet assentiu e leu o primeiro poema em voz alta:

*“Ó, Ostras, venham, passem conosco! Seu Morsa pediu e implorou.
Um passeio gostoso, um papo legal, Ao longo do cinema.”*

“A última parte me parece errada”, disse Violet.

“Não existiam cinemas quando Lewis Carroll estava vivo”, disse Klaus. “Mas quais são as verdadeiras palavras do poema?”

“Não sei”, disse Violet. “Sempre achei Lewis Carroll esdrúxulo demais para o meu gosto.”

“Eu gosto dele”, disse Klaus, “mas não sei seus poemas de cor. Leia o outro. Talvez ajude.”

Violet assentiu e leu em voz alta:

“A hora rosada, quando os olhos e as costas Da mesa voltam-se para cima, quando fã máquina humana aguarda Qual festa pulsante de pônei...”

A voz da mais velha dos Baudelaire foi sumindo enquanto ela olhava confusa para o irmão. “Isso é tudo”, disse ela. “O poema pára aqui.”

Klaus franziu o cenho. “O telegrama não diz mais nada?”

“Só algumas letras bem no fim”, disse ela. “CC: J.S.'. O que significa isso?”

“‘CC’ significa que Quigley mandou uma cópia da mensagem para mais alguém”, disse Klaus, “e ‘J.S.’ são as iniciais do nome da tal pessoa.”

“Aqueles misteriosas iniciais outra vez”, disse Violet. “Não pode ser Jacques Snicket, porque ele está morto. Mas quem mais poderia ser?”

“Não podemos nos preocupar com isso agora”, disse Klaus. “Temos de descobrir quais foram as palavras substituídas nesses poemas.”

“Como vamos fazer isso?”, perguntou Violet.

“Não sei”, disse Klaus. “Por que Quigley haveria de achar que nós memorizamos esses poemas?”

“Ele não acharia isso”, disse Violet. “Ele nos conhece. Mas o telegrama foi endereçado ao *Queequeg*. Ele sabia que alguém a bordo poderia decodificar a poesia.”

“Mas quem?”, perguntou Klaus. “Não é Fiona — ela é uma micetologista. Um otimista como Phil provavelmente não está familiarizado com T. S. Eliot. E é difícil imaginar o capitão Andarré muito interessado em poesia.”

“Hoje em dia não”, disse Violet pensativa. “Mas o irmão de Fiona disse que costumava estudar poesia com o capitão.”

“É verdade”, disse Klaus. “Ele disse que costumavam ler um para o outro no salão principal.” Klaus caminhou até o guarda-louça e abriu o armário, examinando os livros que Fiona guardava lá dentro. “Mas não há poesia aqui — apenas a biblioteca micetológica de Fiona.”

“O capitão Andarré não iria expor seus livros de poesia assim”, disse Violet. “Com certeza ele os manteria em segredo.”

“Exatamente como ele mantinha em segredo o que aconteceu com o irmão de Fiona”, disse Klaus.

“Ele achava que certos segredos são terríveis demais para que gente jovem os conheça”, disse Violet, “mas agora precisamos conhecê-los.”

Klaus ficou um momento em silêncio e depois se voltou para a irmã. “Há uma coisa que nunca contei”, disse ele. “Lembra-se de quando nossos pais ficaram muito zangados por causa do atlas estragado?”

“Nós falamos sobre isso na gruta”, disse Violet. “A chuva o estragou quando deixamos a janela da biblioteca aberta.”

“Não acho que essa tenha sido a única razão por que eles ficaram zangados”, disse Klaus. “Peguei aquele atlas na estante do alto — que só

dava para alcançar pondo a escadinha em cima da cadeira. Eles não achavam que eu conseguiria chegar até lá.”

“Por que isso os deixaria zangados?”, perguntou Violet.

Klaus baixou os olhos. “É lá que eles deixavam os livros que não queriam que encontrássemos”, disse ele. “Eu estava interessado no atlas, mas quando o tirei da estante, havia lá toda uma fileira de outros livros.”

“Que espécie de livros?”, perguntou Violet.

“Não cheguei a dar uma boa olhada neles”, disse Klaus. “Havia uns poucos livros sobre guerra e acho que alguns romances. Eu também estava interessado no atlas para pesquisar mais um pouco, mas lembro-me de ter pensado que era estranho nossos pais terem escondido aqueles livros. É por isso que ficaram tão zangados, penso eu, quando viram o atlas na poltrona perto da janela. Naquele momento eu soube que tinha descoberto o segredo deles.”

“Você chegou a examiná-los de novo?” perguntou Violet.

“Não tive oportunidade”, disse Klaus. “Eles mudaram os livros para outro esconderijo, e nunca mais os vi.”

“Talvez nossos pais pretendessem nos contar o que havia naqueles livros quando fôssemos mais velhos”, disse Violet.

“Talvez”, concordou Klaus. “Mas jamais saberemos. Nós os perdemos no incêndio.”

Os dois Baudelaire ficaram sentados em silêncio por um momento, olhando para o guarda-louça, e então, sem mais palavra, os dois irmãos subiram na mesa de madeira para abrir o armário do alto. Dentro havia uma pequena pilha de livros sobre assuntos enfadonhos, como educação de crianças, alimentação adequada e inadequada, e o ciclo das águas, mas quando as crianças empurraram aqueles livros para o lado, deram com o que estavam procurando.

“Elizabeth Bishop”, disse Violet. “Charles Simic, Samuel Taylor Coleridge, Franz Wright, Daphne Gottlieb — aqui há todos os tipos de poesia.”

“Por que você não lê T. S. Eliot”, sugeriu Klaus, estendendo para ela um volume grosso e empoeirado, “enquanto eu dou uma olhada no Lewis Carroll? Se lermos depressa, talvez possamos encontrar os poemas como realmente são e decodificar a mensagem.”

“Eu encontrei mais uma coisa”, disse Violet, entregando ao irmão um pedaço quadrado de papel todo amarrotado. “Veja.”

Klaus olhou para o que a irmã lhe dera. Era uma fotografia, fora de foco e apagada com o tempo, de quatro pessoas agrupadas como uma família. No centro da imagem estava um homem grande, com um bigode muito comprido e de pontas viradas, que lembrava dois parênteses — era o capitão Andarré, muito embora parecesse bem mais jovem e um bocado mais feliz do que aquele sujeito que as crianças tinham conhecido. Estava rindo, e seu braço estava em volta de alguém que os dois Baudelaire reconheceram como o homem de mãos de gancho, muito embora na foto ele não tivesse ganchos — ambas as mãos estavam perfeitamente intactas, uma pousada no ombro do capitão e a outra apontando para quem estava tirando a fotografia — e ele era suficientemente jovem para ser ainda chamado de adolescente. Do outro lado do capitão estava uma mulher, que também sorria, e em seus braços havia um bebê usando um pequenino par de óculos triangulares.

“Essa deve ser a mãe de Fiona”, disse Klaus, indicando a mulher sorridente.

“Olhe”, disse Violet, apontando para a parede atrás da família. “A foto foi tirada a bordo do *Queequeg*. Ali está a ponta da placa com a filosofia de vida do capitão — 'Aquele que vacila está perdido'.”

“A família inteira está perdida, quase”, disse Klaus mansamente. “A mãe de Fiona está morta. O irmão juntou-se à trupe do conde Olaf. E quem sabe quem é o seu padrasto realmente?” Ele pôs a fotografia de lado, abriu seu livro de lugar-comum e o folheou até o começo, onde tinha colado outra fotografia. Essa fotografia, tirada havia muito tempo, também tinha quatro pessoas, embora uma delas estivesse virada de costas para a câmera, sendo portanto impossível dizer quem era. Klaus guardava a foto desde que as crianças a encontraram no Hospital Heimlich, e olhava para ela todos os dias, contemplava os rostos de seus pais e lia e relia a única frase, escrita a máquina acima da imagem. “Devido às evidências discutidas na página nove”, dizia a frase, “os peritos agora suspeitam que possa haver de fato um sobrevivente do incêndio, mas seu paradeiro é desconhecido.” Por um bom tempo, os Baudelaire acharam que isso significava que um de seus pais ainda estava vivo, afinal; mas agora tinham quase certeza de que não era isso. Violet e Klaus olharam de uma foto para a outra, imaginando uma

época em que ninguém que aparecia nas fotos estava perdido, e todos eram felizes.

Klaus suspirou e olhou para a irmã. “Talvez não devêssemos ficar vacilando aqui”, disse Klaus. “Talvez devêssemos salvar o nosso capitão, em vez de ficar lendo livros de poesia e olhando velhas fotografias. Não quero perder Fiona.”

“Fiona está segura com o irmão dela”, disse Violet, “e tenho certeza de que vai juntar-se a nós assim que puder. Precisamos decodificar essa mensagem, ou então perderemos tudo. Nesse caso, aquele ou aquela que vacila está perdido.”

“E se decodificarmos a mensagem antes de Fiona chegar?”, perguntou Klaus. “Devemos esperar que ela se junte a nós?”

“Não vai ser preciso”, disse Violet. “Nós três podemos perfeitamente operar este submarino sem ela. Se consertarmos a vigia, provavelmente poderemos manobrar o *Queequeg* para fora do *Carmelita*.”

“Não podemos abandoná-la aqui”, disse Klaus. “Ela não nos abandonaria.”

“Você tem certeza?”, perguntou Violet.

Klaus suspirou e olhou de novo para a foto. “Não”, disse ele. “Vamos pôr mãos à obra.”

Violet balançou a cabeça concordando, e os dois Baudelaire arquivaram a discussão — uma expressão que aqui significa “interromperam temporariamente a conversa” — e desarquivaram os livros de poesia, a fim de pôr mãos à obra na decodificação da Comunicação por Semiflutuações em Cânticos de Quigley. Já se passara algum tempo desde a época em que os Baudelaire conseguiam ler em um lugar confortável, e as crianças ficaram contentes por estar folheando livros em silêncio, procurando certas palavras e até fazendo algumas anotações. Ler poesia, mesmo quando seu objetivo é encontrar uma mensagem secreta escondida nele, pode muitas vezes dar uma sensação de poder, assim como você se sente poderoso quando é o único que trouxe um guarda-chuva em um dia de chuva ou o único que sabe como desatar nós quando é feito refém. A cada poema, as crianças se sentiam mais e mais poderosas — ou, como elas poderiam ter dito no seu código alimentar, mais e mais *wasabi*—, e até o momento em que os dois voluntários foram interrompidos, a sensação era de que a sorte estava prestes, apenas prestes a virar a seu favor.

“Lanche!”, anunciou uma voz alegre abaixo deles, e Violet e Klaus ficaram contentes ao ver a irmã emergindo da cozinha com um pequeno prato na mão.

“Sunny!”, exclamou Violet. “Pensamos que você estivesse dormindo.”

“Recobrei”, disse a mais jovem dos Baudelaire, o que queria dizer qualquer coisa na linha de: “Tirei uma soneca rápida e, quando acordei, me senti disposta para preparar algo de comer”.

“Estou com um pouco de fome”, admitiu Klaus. “O que você fez para nós?”

“Amuse bouche”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “Pequenos sanduíches de castanhas, com patê de queijo e sementes de gergelim”.

“São muito gostosos”, disse Violet, e as três crianças dividiram o prato de *amuse bouche*, enquanto os Baudelaire mais velhos puseram Sunny ao corrente da situação, uma expressão que aqui significa “contaram à irmã tudo o que aconteceu enquanto ela sofria dentro do capacete de mergulho”. Contaram a ela sobre o terrível submarino que engolira o *Queequeg*, e o terrível vilão que encontraram lá dentro. Descreveram as circunstâncias hediondas em que se encontravam os Escoteiros da Neve, e sobre as roupas hediondas usadas por Esmé Squalor e Carmelita Spats. Contaram a ela sobre o Correio Sub-reptício Cooperativo e a Comunicação por Semi-flutuações em Cânticos, que estavam tentando decodificar. E, finalmente, contaram a ela sobre o homem de mãos de gancho, o irmão perdido havia muito tempo de Fiona, que possivelmente se juntaria a eles a bordo do *Queequeg*.

“Perifido”, disse Sunny, o que queria dizer: “Seria insensato confiar em um dos asseclas de Olaf”.

“Nós não confiamos nele”, disse Klaus. “Não de verdade. Mas Fiona confia, e nós confiamos em Fiona.”

“Volátil”, disse Sunny.

“Sim”, admitiu Violet, “mas não temos muita escolha. Estamos no meio do oceano...”

“E precisamos chegar até a praia”, disse Klaus, e ergueu o livro de poesias de Lewis Carroll. “Acho que resolvemos uma parte de Comunicação por Semiflutuações em Cânticos. Lewis Carroll tem um poema chamado 'A morsa e o carpinteiro'.”

“Havia alguma coisa sobre uma morsa no telegrama”, disse Violet.

“Sim”, disse Klaus. “Levei algum tempo para encontrar a estrofe específica, mas aqui está. Quigley escreveu:

*“Ó, Ostras, venham, passem conosco! Seu Morsa pediu e implorou.
Um passeio gostoso, um papo legal, Ao longo do cinema.”*

“Sim”, disse Violet. “Mas o que diz o verdadeiro Klaus leu: poema?”

*“Ó, Ostras, venham, passem conosco! Seu Morsa pediu e implorou.
Um passeio gostoso, um papo legal, Ao longo da Praia de Sal.”*

Klaus fechou o livro e ergueu os olhos para as irmãs. “Quigley quer que nos encontremos com ele”, disse, “amanhã, na Praia de Sal.”

“Praia de Sal”, repetiu Violet baixinho. A mais velha dos Baudelaire, é claro, não precisava nem lembrar aos irmãos a última vez em que estiveram na Praia de Sal, ouvindo da boca do sr. Poe que a sorte de suas vidas tinha virado. Os três irmãos sentaram-se e pensaram naquele dia terrível, que dava a sensação de estar fora de foco e apagado, como a fotografia da família de Fiona — ou a fotografia de seus próprios pais, colada no livro de lugar-comum de Klaus. Voltar à Praia de Sal, depois de todo esse tempo, era para os Baudelaire como um enorme passo atrás, como se fossem perder os pais e o lar mais uma vez, e mais uma vez ser levados pelo sr. Poe para a casa do conde Olaf, era como se todas as desventuras fossem desabar em série sobre eles mais uma vez, como as ondas do oceano desabavam sobre as minúsculas e passivas criaturas que viviam dentro das poças d'água na Praia de Sal.

“Como vamos chegar lá?”, perguntou Klaus.

“No *Queequeg*”, disse Violet. “Este submarino deve ter algum dispositivo de localização, e quando soubermos onde estamos, acho que poderemos traçar um curso para a Praia de Sal.”

“Distância?”, perguntou Sunny.

“Não deve estar longe”, disse Klaus. “Vou ter de conferir nas cartas náuticas. Mas o que faremos quando chegarmos lá?”

“Acho que tenho a resposta para isso”, disse Violet, voltando-se para o livro de poemas de T. S. Eliot.

“Quigley usou versos de um poema muito longo desse livro, chamado 'A terra desolada'.”

“Tentei ler”, disse Klaus, “mas achei T. S. Eliot muito obscuro. Não entendi quase nada.”

“Talvez esteja em código”, disse Violet. “Ouça isso que Quigley escreveu”:

“A hora rosada, quando os olhos e as costas Da mesa voltam-se para cima, quando a máquina humana aguarda Qual festa pulsante de pônei..?”

“Mas o verdadeiro poema diz”:

“A hora violeta, quando os olhos e as costas Da mesa voltam-se para cima, quando a máquina humana aguarda Qual..”

“Blá blá blá ha ha ha!”, interrompeu uma voz cruel e zombeteira. “Ha blá ha blá ha blá! Qui qui quac ri ti hi hi! Oba oba gui gui di di desenlace!”

Os Baudelaire ergueram os olhos de seus livros para encarar o conde Olaf, que já avançava pela vigia para cima da mesa de madeira. Atrás dele estava Esmé Squalor, com um sorriso escarninho por trás do capuz de polvo, e as crianças ouviram os desagradáveis passos chapinhantes dos horrorosos sapatos cor-de-rosa de Carmelita Spats, que enfiou a cara ornamentada de corações no submarino e deu uma risadinha asquerosa.

“Estou mais feliz que um porco comendo toucinho!”, exclamou o conde Olaf. “Estou me coçando que nem um caucasiano queimado de sol! Estou me sentindo mais alegre que uma cova recém-aberta! Estou tão despreocupado que as pessoas preocupadas vão me bater com cacetetes da mais pura e desenfreada inveja! Rá rá rá rabanete! Quando passei pelo calabouço para ver como ia o meu capanga e descobri que vocês órfãos tinham fugido da raia, fiquei com medo de que tivessem escapulido, ou que estivessem sabotando o meu submarino, ou até enviando um telegrama de socorro! Mas eu devia saber que vocês são bobocas demais para fazer algo de útil! Olhem para vocês, órfãos, lanchando e lendo poesias, enquanto as pessoas poderosas e bonitas do mundo gargalham em triunfo! Garga garga garganta na faca!”

“Em apenas alguns minutos”, jactou-se Esmé, “vamos chegar ao Hotel Desenlace, graças à nossa fedelhíssima tripulação. Re re re regozijo triunfal!”

O santuário de C.S.C, logo se transformará em cinzas — assim como a sua casa, órfãos Baudelaire!”

“Vou apresentar um recital especial da princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada”, bravateou Carmelita, “em cima dos túmulos de todos aqueles voluntários!” Carmelita pulou pela vigia, seu *tutu* rosado

esvoaçando como se tentasse fugir, e juntou-se a Olaf em cima da mesa para dar início a uma dança triunfal.

“C é de 'coisinha fofa’”, cantou Carmelita, “A é de 'adorável’! Ré de 'resplandecente’! M é de 'belis...!’”

“Vamos, vamos, Carmelita”, disse o conde Olaf, com um sorriso tenso para a princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada. “Que tal deixar o recital de dança para mais tarde? Vou comprar para você todas as fantasias de dança do mundo. Com C.S.C. fora do caminho, todas as fortunas do mundo serão minhas — a fortuna Baudelaire, a fortuna Quagmire, a fortuna Andarré, a...”

“Onde está Fiona?”, perguntou Klaus, interrompendo o vilão. “O que você fez com ela? Se você a machucou...”

“Se eu a machuquei?”, perguntou o conde Olaf, os olhos brilhando muito forte embaixo da única sobancelha arripiada. “Se machuquei a Olhos de Triângulo? Por que eu haveria de machucar uma menina esperta como aquela? Qui qui membro da equipe!”

Com um de seus exaustivos gestos dramáticos, o conde Olaf apontou para trás, e Esmé bateu os tentáculos em aplauso quando duas pessoas apareceram na vigia. Uma era o homem de mãos de gancho, que parecia tão malvado como sempre. E a outra era Fiona, que parecia ligeiramente diferente. Uma diferença era a expressão no seu rosto, que parecia resignada, uma palavra que aqui significa “como se a micetologista tivesse desistido de derrotar o conde Olaf”. Mas outra diferença estava impressa bem no meio do uniforme escorregadio que ela usava.

“Não”, disse Klaus, manso, olhando para a amiga.

“Não”, disse Violet com firmeza, e olhou para Klaus.

“Não!”, disse Sunny, furiosa, e arreganhou os dentes quando Fiona passou pela vigia e se postou ao lado do conde Olaf sobre a mesa de madeira. Sua bota esbarrou nos livros de poesia que Violet e Klaus tinham tirado do armário, inclusive os livros de Lewis Carroll e T. S. Eliot. Alguns diriam que a poesia de Lewis Carroll era esdrúxula demais, uma palavra que aqui significa “cheia de absurdos engraçados”, e outros se queixariam de que a poesia de T. S. Eliot é obscura demais, que é o mesmo que dizer que “complica as coisas sem necessidade”. Mas se por um lado não há consenso sobre os poetas cujos livros repousavam sobre a mesa de madeira, por outro lado todos os leitores nobres do mundo concordam que o poeta

representado no uniforme de Fiona era um escritor de talento limitado, que escreveu poesias canhestras e tediosas sobre assuntos irremediavelmente sentimentais.

“Sim”, disse Fiona mansamente, e os órfãos Baudelaire ergueram os olhos para o retrato de Edgar Guest, sorrindo no uniforme dela, e sentiram que a sorte estava virando mais uma vez.



CAPÍTULO TREZE

O ciclo das águas consiste em três fenômenos — evaporação, precipitação e acumulação —, e a acumulação, o terceiro dos três fenômenos, é o terceiro fenômeno que forma aquilo que geralmente se conhece como “o ciclo das águas”. Esse fenômeno, conhecido como “acumulação”^ o processo de reunião das águas nos oceanos, lagos, rios, lagoas, reservatórios e poças do mundo, para que passe pelos processos de evaporação e precipitação, recomeçando assim o ciclo das águas. Trata-se de algo tedioso de ler, é claro, e espero que essas descrições do ciclo das águas já o tenham feito largar este livro há muito tempo, para que você não leia mais do capítulo treze de *A Gruta Gorgônea* do que os órfãos Baudelaire leram do capítulo trinta e nove de *Cogumelos e suas minúcias*, por mais crucial que fosse esse capítulo. Mas por mais tedioso que seja o ciclo das águas para os leitores, ele deve ser muito mais tedioso para as gotas d'água, que têm de participar do ciclo vezes e vezes seguidas. Ocasionalmente, quando faço uma pausa ao escrever minha crônica dos órfãos Baudelaire, e meus olhos e costas se erguem da escrivaninha e olho para o céu do entardecer lá fora — cuja cor púrpura explica a expressão “a hora violeta” —, imagino a mim mesmo como uma gota d'água, ainda mais se estiver chovendo ou se minha escrivaninha estiver flutuando em um reservatório. Penso em como deve ser horrível a sensação de ser arrancado dos meus camaradas, quando estamos todos reunidos em um lago ou poça, e ser forçado a ir para o céu cumprir a etapa da evaporação. Penso em como deve ser terrível a sensação de ser expulso de uma nuvem pelo processo da precipitação e despencar na terra

como um açucareiro. E penso em como eu ficaria de coração partido ao me ver acumulado em um corpo d'água, sabendo que seria só chegar ao último santuário para que a sorte virasse e eu evaporasse para o céu mais uma vez, recomeçando o tedioso ciclo das águas. É horrível contemplar esse tipo de vida, em que a pessoa é sempre forçada ao movimento por uma variedade de forças misteriosas e poderosas, sem jamais poder permanecer por muito tempo em um lugar, sem jamais encontrar um santuário, um lugar seguro que se possa chamar de lar, sem jamais conseguir virar a sorte por muito tempo, exatamente como os Baudelaire acharam horrível contemplar suas próprias vidas quando Fiona os traiu ou quando tantos de seus companheiros os traíram bem quando parecia que eles poderiam quebrar o tedioso ciclo de desventuras em que estavam aprisionados.

“Conte a eles, Olhos de Triângulo”, disse o conde Olaf com um sorriso maldoso. “Conte aos Baudelaire que você se uniu a mim.”

“É verdade”, disse Fiona, mas atrás dos óculos triangulares ela se mantinha de olhos baixos, uma expressão que aqui significa “olhava com tristeza para o chão”. “O conde Olaf disse que se eu o ajudasse a destruir o último santuário, ele me ajudaria a encontrar o meu padrasto.”

“Mas o conde Olaf e o seu padrasto são inimigos!”, exclamou Violet. “Estão em lados opostos da cisão.”

“Eu não estaria tão certa disso”, disse Esmé Squalor, arrastando suas ventosas pelo chão enquanto entrava pela vigia quebrada. “Afinal, o capitão Andarré abandonou vocês. Talvez ele tenha decidido que os voluntários estão *out* — e nós estamos *in*.”

“Meu irmão, meu padrasto e eu poderemos ficar juntos de novo”, disse Fiona baixinho. “Vocês não entendem, irmãos Baudelaire?”

“É claro que eles não entendem!”, exclamou o conde Olaf. “Re re retardados! Esses fedelhos passam a vida enfiados nos livros, em vez de correr atrás de fortunas! Agora, vamos remover todos os objetos de valor do *Queequeg* e pôr os órfãos a ferros!”

“Dessa vez vocês não vão escapar!”, disse o homem de mãos de gancho, pegando o *tagliatelle grande* atrás das costas e girando o macarrão no ar.

“Da última vez, nós não escapamos”, disse Klaus. “Você nos ajudou a entrar aqui sorrateiramente para salvar Sunny. Você disse que queria vir

conosco quando escapássemos no *Queequeg* e nos juntássemos a C.S.C, no último santuário.”

“C.S.C.”, disse o homem de mãos de gancho com escárnio. Com um piparote desdenhoso do gancho, ele estourou um dos balões que Phil usara para decorar o salão principal para o aniversário de Violet. “Todos aqueles patetas voluntários, com suas bibliotecas bobas e códigos complicados, são uns idiotas, todos. Não quero ficar sentado pelos cantos lendo livros cretinos! Aquele que vacila está perdido!”

“Ou aquela”, disse Fiona. “Positivo!”

“Sim”, disse o conde Olaf, “não vamos vacilar nem mais um momento, Ganchito. Vamos dar uma volta por este submarino e roubar tudo aquilo que quisermos!”

“Eu também quero ir!”, disse Esmé. “Preciso de uma nova roupa estilosa!”

“É claro, patroa”, disse o homem de mãos de gancho, caminhando na direção da porta do salão principal. “Siga-me.”

“Não, *you me* segue!”, disse o conde Olaf, forçando passagem à frente dele. “Eu estou no comando!”

“Mas condinho”, lamuriou-se Carmelita, pulando da mesa de madeira com um rodopio desajeitado. “Eu quero ir na frente porque sou uma princesa bailarina sapateadora e veterinária encantada!”

“É claro que você vai na frente, preciosa”, disse Esmé. “Tudo o que o seu adorável coraçãozinho desejar, certo, Olaf?”

“Acho que sim”, resmungou Olaf.

“E diga à Olhos de Triângulo para ficar aqui e vigiar os órfãos”, disse Carmelita. “Não quero que ela pegue para ela todas as coisas boas.”

“Vigie os órfãos, Olhos de Triângulo”, disse o conde Olaf. “Embora eu não ache que vocês órfãos realmente precisem ser vigiados. Afinal, vocês não têm para onde ir! Ré ré ré tração!”

“Ri ri ridícula”, berrou Carmelita, saindo do salão principal na frente dos outros.

“Ra ra rabo preso!”, bramiu Esmé, e foi atrás dela.

“Ru ru uvulectomia!”, uivou o conde Olaf, atrás da namorada.

“Eu também acho tudo isso divertido!”, urrou o homem de mãos de gancho, e bateu a porta atrás dele, deixando os Baudelaire sozinhos com Fiona.

“Traidora”, disse Sunny.

“Sunny tem razão”, disse Violet. “Não faça isso, Fiona. Ainda dá tempo de mudar de idéia e ficar do lado nobre da cisão.”

“Nós recebemos um boletim do Correio Sub-reptício Cooperativo”, disse Klaus, mostrando o telegrama. “C.S.C. precisa desesperadamente dos nossos serviços para um assunto da maior urgência. Vamos encontrar os voluntários na Praia de Sal. Você podia vir conosco, Fiona.”

“Greenhut!”, exclamou Sunny. Ela queria dizer algo como: “Você pode ser de enorme ajuda”, mas Fiona nem aguardou pela tradução.

“Vocês não abandonariam sua irmã”, disse a micetologista. “Positivo! Vocês arriscaram suas vidas para salvar Sunny. Como podem me pedir para abandonar o meu irmão?”

“O seu irmão é uma pessoa vil”, disse Violet.

“As pessoas não são nem vis nem nobres”, disse Fiona. “Elas são como saladas do chefe.”

Klaus pegou a fotografia em cima da mesa e entregou a Fiona. “Isso não me parece uma salada do chefe”, disse ele. “Parece mais uma família. É isso que a sua família gostaria que você fizesse, Fiona? Mandar pôr três crianças a ferros, enquanto você ajuda um vilão em seus perversos planos?”

Fiona olhou para a foto e piscou, contendo as lágrimas atrás dos óculos triangulares. “Minha família está perdida”, disse ela. “Minha mãe está morta. Positivo! Meu padrasto me abandonou. Positivo! Meu irmão pode não ser tão maravilhoso como vocês, irmãos Baudelaire, mas ele é a única família que tenho. Positivo! Vou ficar com ele. Positivo!”

“Fique com ele, se você precisa”, disse Violet, “mas deixe-nos ir.”

“Rendezvous”, disse Sunny.

“Leve-nos para a Praia de Sal”, traduziu Klaus. “Podemos estar em lados opostos da cisão, Fiona, mas isso não significa que não podemos ajudar uns aos outros.”

Fiona suspirou e olhou primeiro para os Baudelaire e depois para a fotografia de sua família. “Eu poderia virar as costas”, disse ela, “em vez de vigiar vocês”.

“E nós poderíamos tomar o *Queequeg*”, disse Violet, “e escapar”.

Fiona franziu o cenho e pôs a fotografia de volta na mesa. “Se eu deixar vocês irem para a Praia de Sal”, disse ela, “o que vocês farão por mim?”

“Ensinarei a você como consertar submarinos”, disse Violet com um gesto na direção do dispositivo telegráfico. “Você poderia devolver ao *Queequeg* sua antiga glória.”

“Eu não preciso mais do *Queequeg*”, disse Fiona. “Positivo! Faço parte da tripulação do *Carmelita*. ”

“Darei a você o meu livro de lugar-comum”, disse Klaus, estendendo o caderno azul-escuro. “Está cheio de segredos importantes.”

“O conde Olaf sabe mais segredos do que vocês jamais conhecerão”, respondeu Fiona.

“Mmpff!” As crianças olharam para baixo e viram Sunny, que escapulira enquanto os outros falavam e estava agora passando de volta, vacilante, pela porta identificada como COZINHA, arrastando o seu capacete de mergulho.

“Não toque nisso, Sunny!”, gritou Violet. “Há um fungo muito perigoso aí dentro, e não temos mais o antídoto!”

“Micetolo”, disse Sunny, e depôs o capacete aos pés de Fiona.

“Sunny tem razão”, disse Klaus, olhando para o capacete com medo. “Dentro desse capacete está o bicho-papão de todo o panteão micetológico — o Mycelium Medusóide.”

“Pensei que vocês o tivessem destruído”, disse Fiona.

“Não”, disse Violet. “O Mycelium Medusóide cresce melhor em um espaço fechado. Você disse que o veneno de um fungo letal pode ser a fonte de alguns remédios milagrosos. Esse é um espécime muito valioso para uma micetologista como você.”

“É verdade”, admitiu Fiona em voz baixa, e olhou para dentro do capacete. Os Baudelaire também olharam para baixo, lembrando-se da terrível jornada dentro da gruta. Eles se lembraram de como estava frio e escuro quando deixaram o *Queequeg* para flutuar pela caverna e de como era horripilante assistir ao Mycelium Medusóide aprisioná-los dentro da caverna fantasmagórica, enquanto seus talos e píleos não minguavam. Eles se lembraram da gélida jornada de regresso ao submarino, quando descobriram que a tripulação tinha desaparecido, que os cogumelos terríveis estavam brotando no capacete de Sunny, que a imagem do submarino-polvo estava aparente na tela do sonar e que um vilão os aguardava quando tombaram para dentro.

“Estamos de volta!”, anunciou o conde Olaf, irrompendo no salão principal seguido de seus camaradas. Esmé e Carmelita espiavam uma caixinha brilhante, e o homem de mãos de gancho cambaleava embaixo do peso dos uniformes e capacetes de mergulho que carregava. “Receio que não haja muito o que roubar — este submarino não está mais à altura de sua antiga glória. Ainda assim, encontrei uma caixinha de jóias escondida nos alojamentos, e alguns itens de valor.”

“Acho que o anel de rubi é muito *in*”, ronronou Esmé. “Vai ficar maravilhoso com meu vestido de imitação de chamas.”

“Isso era da minha mãe”, disse Fiona pausada-mente.

“Ela teria desejado que pertencesse a mim”, disse rápido Esmé. “Éramos amigas íntimas na escola.”

“Eu quero o colar!”, exigiu Carmelita. “Combina com o meu estetoscópio veterinário! Dê para mim, condinho!”

“Eu gostaria que ainda tivéssemos conosco todas aquelas aberrações do parque”, disse o homem de mãos de gancho. “Poderiam me ajudar a carregar alguns uniformes.”

“Nós os veremos no Hotel Desenlace”, disse o conde Olaf, “junto com o resto dos meus camaradas. Bem, vamos dar o fora daqui! Temos montes de coisas a fazer antes de chegar lá! Olhos de Triângulo, leve os órfãos para o calabouço! Ha ha ha hu-la hula!”

Cantarolando uma melodia ridícula, o vilão executou passos de uma dança de triunfo e tropeçou no capacete de mergulho que estava no chão. Carmelita deu uma risadinha maldosa quando Olaf se abaixou para esfregar o tornozelo tatuado.

“Cá cá cá condinho!”, gritou Carmelita. “Meu recital de dança foi melhor que o seu!”

“Tire esse chapéu daqui, Olhos de Triângulo”, rosnou o conde Olaf. Ele se abaixou, pegou o capacete e fez menção de entregá-lo a Fiona, mas o homem de mãos de gancho o impediu.

“Acho que você vai querer esse capacete para seu próprio uso, patrão”, disse o homem de mãos de gancho.

“Prefiro um chapéu menor e mais leve”, disse Olaf, “mas agradeço o gesto de generosidade.”

“O que meu irmão está querendo dizer”, explicou Fiona, “é que dentro desse capacete está o Mycelium Medusóide.”

Os Baudelaire engasgaram e se entreolharam horrorizados, enquanto o conde Olaf espiava através da minúscula janela do capacete, os olhos arregalados embaixo da sobancelha. “O Mycelium Medusóide”, murmurou ele, e passou a língua pelos dentes, pensativo. “Será mesmo?”

“Impossível”, disse Esmé Squalor. “Aquele fungo foi destruído muito tempo atrás.”

“Eles o trouxeram de volta”, disse o homem de mãos de gancho. “É por isso que a bebê estava doente.”

“Mas isso é maravilhoso”, disse Olaf, a voz rascante e sibilante como se tivesse sido envenenado. “Assim que vocês Baudelaire estiverem a ferros, vou abrir esse capacete e jogá-lo no calabouço! Vocês vão sofrer como eu sempre quis que sofressem.”

“Não é isso o que devemos fazer!”, exclamou Fiona. “Esse é um espécime muito valioso!”

Esmé deu um passo à frente e enrolou dois tentáculos em volta do pescoço de Olaf. “Olhos de Triângulo está certa”, disse ela. “Você não vai querer desperdiçar o fungo nesses órfãos. Além disso, precisa de um deles vivo para conseguir a fortuna.”

“É verdade”, concordou Olaf, “mas a idéia de esses órfãos não conseguirem respirar é bastante atraente.”

“Mas pense nas fortunas que poderemos roubar!”, disse Esmé. “Pense nas pessoas em que poderemos mandar! Com o Mycelium Medusóide em nossas mãos, quem poderá nos deter?”

“Ninguém!”, grasnou o conde Olaf, triunfante. “Hu hu hu hunos de Hunan! Ho ho ho homentas-chen! Ho hoho hors-d'oeuvres! Ha ha ha...”

Mas as crianças Baudelaire nunca souberam que palavra ridícula Olaf ia pronunciar, pois ele se interrompeu e apontou para uma tela na parede do outro lado do salão principal. A tela parecia um pedaço de papel milimetrado, iluminado com luz verde, e no centro havia uma letra Q luminescente, representando o *Queequeg*, e também um olho luminescente, representando o terrível submarino-polvo que os devorara. Mas no topo da tela havia mais uma forma — uma que elas tinham quase esquecido. Era um enorme tubo recurvo com um pequeno círculo na ponta, resvalando lentamente pela abaixo como uma serpente, ou um enorme ponto de interrogação, ou alguma malevolência terrível que as crianças não podiam nem imaginar.

“O que é aquela bisbórria daquela forma?”, perguntou Carmelita Spats. “Parece uma vírgula.”

“Shhhh!”, sibilou o conde Olaf, cobrindo a boca de Carmelita com sua mão imunda. “Silêncio, todo mundo!”

“Temos de dar o fora daqui”, murmurou Esmé. “O polvo não é páreo para aquela coisa.”

“Você está certa”, resmungou Olaf. “Esmé, vá açoitar os nossos remadores, precisamos andar mais depressa! Ganchito, vá guardar esses uniformes! Olhos de Triângulo, ponha os órfãos a ferros!”

“E eu?”, perguntou Carmelita. “Sou a mais engraçadinha, portanto eu devia fazer alguma coisa.”

“Acho que é melhor você vir comigo”, disse o conde, enfasiado. “Mas nada de sapatear! Não queremos aparecer no sonar deles!”

“Tchau tchau, bisbórrias!”, disse Carmelita, acenando sua vara de condão rosada para os três irmãos Baudelaire.

“Você é tão estilosa, querida”, disse Esmé. “É como eu sempre digo: você não pode ser rica demais, nem *in* demais!”

As duas fêmeas perversas pularam a vigia quebrada e saíram do *Queequeg* seguidas pelo homem de mãos de gancho, que acenou desajeitadamente para os Baudelaire. Mas antes que o conde Olaf saísse, ele ficou em pé em cima da mesa de madeira e sacou a comprida e afiada espada, que apontou para as crianças. “A sorte de vocês finalmente acabou”, disse ele com um tom horrível. “Já faz tempo que vocês vêm derrotando meus planos e escapando das minhas garras — um ciclo feliz para vocês órfãos, e nada lucrativo para mim. Mas agora a sorte virou, fedelhos Baudelaire. Vocês não têm mais para onde fugir. E assim que escaparmos *daquilo*’, ele apontou para a tela do sonar com um movimento rápido de espada e então ergueu ameaçadoramente a sobrancelha, “vocês verão que esse ciclo foi enfim quebrado. Vocês deviam ter desistido muito tempo atrás, órfãos. Eu triunfei no momento em que vocês perderam a sua família.”

“Nós não perdemos a nossa família”, disse Violet. “Só os nossos pais.”

“Vocês perderão tudo, órfãos”, retrucou o conde Olaf. “Aguardem e verão.”

Sem mais palavra, ele saltou para fora da vigia e desapareceu dentro do horrendo polvo mecânico, deixando os Baudelaire sozinhos com Fiona.

“Você vai nos pôr a ferros?”, perguntou Klaus.

“Não”, disse Fiona. “Vou deixar vocês escaparem — positivo! — se puderem. É melhor se apressarem. Não temos tempo!”

“Posso traçar o curso”, disse Violet, “e Klaus pode ler as cartas náuticas.”

“Servebolo”, disse Sunny.

Fiona sorriu e correu tristemente os olhos pelo salão principal. “Cuidem bem do *Queequeg*”, disse ela. “Vou sentir saudades dele. Positivo!”

“Vou sentir saudades *de você*”, disse Klaus. “Não quer vir conosco, Fiona? Agora que Olaf tem o Mycelium Medusóide, vamos precisar de toda a ajuda que pudermos conseguir. Você não quer terminar a missão do submarino? Ainda não encontramos o açucareiro. Não encontramos o seu padrasto. Nem sequer terminamos o código que íamos inventar.”

Fiona assentiu com tristeza e caminhou para a mesa de madeira. Pegou o *Cogumelos e suas minúcias* e depois agiu contrariamente a sua filosofia de vida, uma expressão que aqui significa “vacilou por um momento, depois encarou o Baudelaire do meio”. “Quando você pensar em mim”, disse ela, “pense em uma comida de que você gosta muito.”

Ela se inclinou para a frente, beijou Klaus delicadamente na boca e desapareceu pela vigia sem sequer um “positivo!”. Os três Baudelaire ouviram os passos da micetologista quando ela foi se juntar ao conde Olaf e seus camaradas, deixando-os para trás.

“Ela se foi”, disse Klaus, como se não pudesse acreditar. Ele levou ao rosto a mão trêmula, como se Fiona tivesse lhe dado um tabefe em vez de um beijo. “Como ela pôde ir embora?”, perguntou ele. “Ela me traiu. Ela traiu a todos nós. Como uma pessoa tão maravilhosa pôde fazer uma coisa tão horrível?”

“Acho que o irmão dela estava certo”, disse Violet, passando o braço em volta do irmão. “As pessoas não são vis nem nobres.”

“Correcionando”, disse Sunny, o que queria dizer: “Fiona também tinha razão — é melhor nos apressarmos se quisermos escapar do *Carmelita*, antes que Olaf perceba que não estamos a ferros”.

“Vou marcar um curso para a Praia de Sal”, disse Violet.

Klaus deu uma última olhada para a vigia por onde Fiona desaparecera e balançou a cabeça. “Vou examinar as cartas náuticas”, disse ele.

“Amenesi!”, exclamou Sunny. Ela queria dizer algo como: “Você está esquecendo uma coisa!”, e apontou um dedinho para o círculo de vidro caído no chão.

“Sunny tem razão”, disse Klaus. “Não podemos submergir o submarino sem consertar a vigia, ou nos afogaremos.”

Mas Violet já estava a meio caminho, escalando a escada de corda que levava aos controles do *Queequeg*. “Você vai ter de consertar aquilo você mesma, Sunny”, gritou ela para baixo.

“Cozinha”, disse Sunny. “Cozinha e dentes.”

“Não temos tempo para discutir”, disse Klaus, implacável, apontando para a tela do sonar. O ponto de interrogação se aproximava aos poucos do Q luminescente.

“Positivo”, disse Sunny, e correu para o círculo de vidro no chão. Ele ainda estava intacto, mas a mais jovem dos Baudelaire não conseguia pensar em nada que pudesse reincorporá-lo à parede do submarino.

“Acho que encontrei o dispositivo localizador”, gritou Violet de cima dos controles do *Queequeg*. Rapidamente, ela acionou um interruptor e aguardou impaciente que a tela se acendesse. “Parece que estamos a catorze milhas náuticas a sudoeste da Gruta Gorgônea. Isto ajuda?”

“Positivo”, disse Klaus, correndo o dedo sobre uma das cartas. “Precisamos seguir diretamente para o Norte, até a Praia de Sal. Não deve estar longe. Mas como vamos sair do *Carmelita*?”

“Vou simplesmente acionar os motores”, disse Violet, “e tentar nos conduzir para o túnel.”

“Você já manobrou um submarino antes?”, perguntou Klaus, nervoso.

“É claro que não”, disse Violet. “Estamos em águas não cartografadas, positivo?”

“Positivo”, disse Klaus, e ergueu os olhos orgulhosamente para a irmã. Os dois Baudelaire não puderam deixar de sorrir por um momento antes de Violet puxar uma grande alavanca, e o som sussurrante do *Queequeg* invadir o salão principal.

“Abrealas!”, bradou Sunny, espremendo-se para passar por Klaus e chegar até a cozinha. Violet e Klaus ouviram a irmã remexer alguma coisa

por um momento, até que a mais jovem dos Baudelaire retornou, trazendo duas caixas que os irmãos reconheceram de sua primeira vez na cidadezinha de Paltryville. “Chiclete!”, gritou ela, triunfante, já rasgando as embalagens em diversos pedaços e enfiando os chicletes na boca.

“Boa idéia, Sunny!”, exclamou Violet. “O chiclete pode funcionar como adesivo e grudar o vidro da vigia de volta no lugar.”

“Aquela coisa está chegando mais perto”, disse Klaus, apontando para a tela do sonar. “É melhor a gente pôr o submarino em movimento. Sunny pode fazer o conserto enquanto nos movemos através do túnel.”

“Vou precisar da sua ajuda, Klaus”, disse Violet. “Fique junto à vigia e me avise para que lado virar. Positivo?”

“Positivo!”, respondeu Klaus.

“Positivo!”, gritou Sunny, com a boca cheia de chicletes. Os Baudelaire mais velhos se lembraram de que sua irmã era jovem demais para mascar chiclete quando as crianças trabalhavam na serraria, e mal podiam acreditar que ela crescera o suficiente para enfiar mancheias daquela substância grudenta na boca.

“Para que lado eu vou?”, gritou Violet da plataforma de controle.

Klaus espiou pela vigia. “Direita!”, gritou de volta, e o *Queequeg* guinou para a direita, progredindo com dificuldade na exígua camada de água no fundo do túnel. Houve um violento ruído de atrito, e os Baudelaire ouviram um barulho forte de água dentro de uma das tubulações. “Eu queria dizer, esquerda!”, disse Klaus rapidamente. “Você e eu estamos de frente para direções opostas! Esquerda!”

“Positivo!”, gritou Violet, e o submarino guinou para a direção oposta. Através da vigia, os Baudelaire viram que estavam se afastando da plataforma onde Olaf os recebera de início. Sunny cuspiu um grande bolo de chiclete em cima do círculo de vidro e espalhou-o com as mãos pelas beiradas ao redor do círculo.

“Direita!”, gritou Klaus, e Violet virou de novo o *Queequeg*, quase perdendo a curva do corredor. A mais velha dos Baudelaire olhou nervosa para a tela do sonar, onde a forma sinistra se aproximava cada vez mais.

“Esquerda!”, gritou Klaus. “Esquerda e para baixo!” O submarino guinou e afundou, e através da vigia o Baudelaire do meio viu de relance a sala dos remadores, onde Esmé segurava ameaçadoramente o *tagliatelle grande* com um tentáculo falso. Sunny enfiou rapidamente mais chiclete na

boca, apertando com força os dentes enormes para amaciar a goma de mascar.

“Esquerda de novo!”, gritou Klaus. “E depois, uma curva muito fechada para a direita quando eu disser já!”

“Já?”, gritou de volta Violet.

“Não”, disse Klaus, e ergueu uma das mãos enquanto Sunny cuspiu mais chiclete no círculo de vidro. “*Já!*”

O submarino guinou violentamente para a direita, fazendo diversos objetos rolares da mesa de madeira. Sunny se esquivou para evitar ser atingida na cabeça pelos poemas de T. S. Eliot. “Desculpem os trancos”, gritou Violet do topo da escada de corda. “Ainda estou tentando entender esses controles. E agora?”

Klaus espiou pela vigia. “Continue em frente”, disse ele, “e deveremos sair do polvo.”

“Socorro!”, gritou Sunny, espalhando o que restava do chiclete pela beirada do círculo. Klaus correu para o lado dela, e Violet desceu a escada de corda às pressas para ajudar, abandonando os controles do submarino, que seguia em linha reta. Juntos, os três Baudelaire pegaram o círculo de vidro e subiram na mesa de madeira, para que pudessem colocar o vidro da vigia de volta no lugar.

“Espero que segure”, disse Violet.

“Se não segurar”, disse Klaus, “logo saberemos.”

“No três”, disse Sunny, o que queria dizer algo como: “Depois de eu dizer um e dois”. “Uno! Due!”

“*Três!*”, disseram em uníssono os órfãos Baudelaire, e pressionaram o círculo de vidro contra o buraco que Olaf cortara, alisando a goma em cima da fresta para ficar firme, no momento exato em que o *Queequeg* deixava para trás o polvo mecânico e se lançava nas águas gélidas do oceano. Os Baudelaire empurraram juntos a vigia, os braços esticados contra o vidro como se tentassem impedir alguém de entrar por uma porta. Alguns fios d'água — uma expressão que aqui significa “minúsculos cursos de água” — escorriam através da goma, mas Sunny apressadamente esfregou a substância grudenta no vazamento. Suas mãozinhas alisaram a goma sobre as bordas do círculo, garantindo o resultado firme da vedação que impediria as crianças de se afogarem, mas quando ouviu os irmãos engasgando,

ergueu os olhos do trabalho e olhou através da vigia consertada. Espantada, cravou os olhos no que viu.

Em última análise — uma expressão que aqui significa “depois de muito pensar e debater com meus colegas” —, o capitão Andarré estava errado quanto a uma grande quantidade de coisas. Ele estava errado quanto à sua filosofia de vida, porque existem muitas situações em que uma pessoa deve vacilar. Estava errado quanto à morte de sua esposa, porque, como suspeitava Fiona, a sra. Andarré não morrera em um acidente com um manati. Estava errado também em chamar Phil de Cuque, já que é mais educado chamar uma pessoa pelo seu nome próprio, e estava errado em abandonar o *Queequeg*, não importa o que tivesse ouvido da mulher que veio buscá-lo. O capitão Andarré estava errado em confiar no seu enteado durante tantos anos, e errado em participar da destruição da Aquáticos Anwhistle, e estava errado em insistir, como fez tantos anos atrás, em que a matéria d'*O Pundonor Diário* era verdadeira, e em mostrar essa matéria para tantos voluntários, inclusive os pais dos Baudelaire, os irmãos Snicket e a mulher pela qual, coincidentemente, eu estava apaixonado. Mas o capitão Andarré estava certo em relação a uma coisa. Em dizer que existem segredos neste mundo que são terríveis demais para que gente jovem os conheça, pela simples razão de que existem segredos neste mundo que são terríveis demais para que qualquer um os conheça, seja jovem como Sunny Baudelaire seja velho como Gregor Anwhistle — segredos tão terríveis que deveriam ser mantidos em segredo, que provavelmente é como os segredos se tornam segredos, e um desses segredos é a comprida e estranha forma que os órfãos Baudelaire viram, primeiro no sonar do *Queequeg*, e depois quando estavam segurando a vigia no lugar e olhando para as águas do mar. A noite caíra — noite de segunda-feira —, portanto a visibilidade estava obscurecida, e os Baudelaire mal podiam distinguir aquela forma enorme e sinistra. Eles não conseguiam nem dizer, assim como eu nunca vou dizer, se aquilo era um horrendo dispositivo mecânico, como um submarino, ou alguma apavorante criatura do mar. Eles apenas viram uma sombra enorme que se enrolava e desenrolava na água, como se a única sobrelha do conde Olaf tivesse crescido e se transformado em uma besta enorme que circulava pelo mar, uma sombra tão enregelante quanto o olhar penetrante do vilão, e tão soturna quanto a própria vilania. Os órfãos Baudelaire nunca tinham visto algo tão absolutamente sinistro, e ficaram paralisados como

estátuas, pressionando a vigia em silêncio absoluto. Foi talvez esse silêncio que os salvou, pois a forma sinistra se enrodilhou mais uma vez e começou a desaparecer no negrume da água.

“Shhhh”, disse Violet, muito embora ninguém tivesse falado. Era o doce, suave pedido de silêncio que alguém poderia fazer para tranquilizar um bebê chorando no meio da noite por causa de alguma dessas tragédias que mantêm os bebês acordados em seus berços, e os outros membros da família em guarda, uma expressão que aqui significa “ficar por perto para ter certeza de que todos estão a salvo”. Na verdade, esse pedido de silêncio não significa nada, e no entanto os Baudelaire mais jovens não perguntaram à irmã o que ela queria dizer, simplesmente ficaram em vigília com ela, enquanto a forma desaparecia no oceano da noite e deixava as crianças em segurança mais uma vez. Sem palavras, Violet afastou as mãos do vidro, desceu da mesa e retomou seu lugar nos controles do *Queequeg*. Durante o resto da jornada, nenhuma das crianças falou, como se o encanto sobrenatural daquela terrível forma secreta ainda pairasse sobre elas. Durante toda a noite e o começo da manhã, Violet operou as alavancas e comandos do submarino, para se certificar de que ele mantinha o curso, e Klaus traçou a rota nas cartas náuticas, para se certificar de que se dirigiam para o lugar certo, e Sunny serviu fatias do bolo de aniversário de Violet para seus companheiros voluntários, mas nenhum dos três Baudelaire falou, até que um delicado *bump!* fez o *Queequeg* oscilar, e o submarino parou suavemente. Violet desceu a escada de corda e se esquivou para baixo de uma tubulação para espiar através do periscópio, assim como o capitão Andarré deve ter espiado os Baudelaire no topo das Montanhas de Mão-Morta. “Estamos aqui”, disse ela, e os três Baudelaire saíram do salão principal e caminharam pelo corredor cheio de vazamentos até a sala onde, pela primeira vez, tinham descido a bordo do submarino.

“Válvula?”, perguntou Sunny.

“Não vamos precisar ativar a válvula”, disse Violet. “Quando olhei através do periscópio, vi a Praia de Sal, portanto é só subir a escada...”

“E voltar para onde estávamos”, completou Klaus, “muito tempo atrás.”

Sem mais conversa, as crianças Baudelaire subiram a escada, seus passos ecoando pela estreita passagem, até que chegaram à escotilha. Violet agarrou a alavanca para abri-la e descobriu que seus irmãos também faziam

o mesmo, todos ao mesmo tempo, assim como tinham virado a alavanca juntos, aberto a escotilha juntos e, juntos, tinham subido para fora da passagem, descido do submarino e pulado na areia da Praia de Sal. Era de manhã — a mesma hora da manhã em que as crianças Baudelaire estiveram lá na última vez, quando receberam as assustadoras notícias sobre o incêndio, e estava tão cinzento e enevoadado como naquele dia terrível. Violet chegou até a pegar do chão uma pedra delgada e lisa, exatamente como fizera tanto tempo atrás, e a jogou sobre a água, sem imaginar que a pedra logo estaria explorando as terríveis profundezas do mar. Os irmãos piscaram, ofuscados pelo sol da manhã, e sentiram-se como se algum ciclo estivesse para recomeçar — mais uma vez receberiam notícias terríveis, mais uma vez seriam levados para um novo lar, e mais uma vez seriam rodeados pela vilania, como vinha ocorrendo desde a última vez em que estiveram na Praia de Sal —, da mesma forma que você também sentiria isso, se a história desgraçada dos Baudelaire fosse contada novamente, e novamente você fosse advertido por mim de que, caso estivesse procurando finais felizes, seria melhor ler outro livro. Não é uma sensação agradável imaginar que a sorte nunca vai virar e que um ciclo tedioso vai começar de novo, e isso fez os Baudelaire sentirem-se passivos enquanto corriam os olhos pela praia inalterada, como se sentiram nas águas do Arroio Enamorado, quando aceitaram o que estava acontecendo sem fazer nada a respeito.

“Argh!”, disse Sunny, o que queria dizer: “Olhem só a figura misteriosa que está emergindo da névoa!”, e os Baudelaire olharam para a forma familiar, parada diante deles, que tirava a cartola alta e tossia num lenço branco.

“Irmãos Baudelaire!”, disse o sr. Poe, depois que parou de tossir. “Cáspite! Mal posso acreditar! Mal posso acreditar que vocês estão aqui!”

“Você?”, perguntou Klaus, fitando atônito o banqueiro. “*É você a* pessoa com quem devíamos nos encontrar?”

“Acho que sim”, disse o sr. Poe, franzindo a testa e tirando do bolso um pedaço de papel amarrotado. “Recebi uma mensagem dizendo que vocês estariam hoje aqui na Praia de Sal.”

“Quem mandou a mensagem?”, perguntou Klaus.

O sr. Poe tossiu mais uma vez e depois encolheu os ombros com um ar cansado. As crianças notaram que ele parecia um pouco mais velho do

que na última vez, e se perguntaram o quanto elas mesmas pareciam mais velhas. “A assinatura na mensagem era J.S.”, disse o sr. Poe. “Presumo que seja aquela repórter d' *O Pundonor Diário*, Geraldine Julienne. Como diabo vocês vieram parar aqui? Onde diabo estiveram? Tenho de admitir, jovens Baudelaire, que já tinha perdido toda a esperança de um dia encontrar vocês de novo! Foi lamentável pensar que a fortuna Baudelaire iria simplesmente ficar no banco, acumulando poeira e juro! Bem, isso agora não importa. É melhor vocês virem comigo — meu carro está estacionado aqui perto. Vocês têm muita coisa que explicar.”

“Não”, disse Violet.

“Não?”, disse o sr. Poe, perplexo, e tossiu com força no lenço. “É claro que sim! Vocês desapareceram há um bocado de tempo, crianças! Foi muita falta de consideração fugir sem me contar onde estavam, especialmente depois que foram acusadas de assassinato, incêndio criminoso, seqüestro e mais algumas contravenções sortidas! Vocês vão entrar direto no meu carro, e eu vou levá-los para a delegacia de polícia e...”

“Não!”, disse novamente Violet, e enfiou a mão no bolso do uniforme. Ela mostrou o telegrama aos irmãos e leu:

“À hora rosada, quando os olhos e as costas Da mesa voltam-se para cima, quando a máquina humana aguarda Qual festa pulsante de pônei...”

“Isso é o que estava no telegrama.” Ela fez uma pausa e correu os olhos pelo horizonte da praia. Alguma coisa lhe chamou a atenção, e ela sorriu de leve para os irmãos. “O verdadeiro poema”, disse ela, e assim :

“A hora violeta, quando os olhos e as costas Da mesa voltam-se para cima, quando a máquina humana aguarda Qual táxi pulsante aguardando”

“Comunicação por Semiflutuações em Cânticos”, disse Klaus.

“Código”, disse Sunny.

“Do que vocês estão falando?”, perguntou o sr. Poe. “O que está acontecendo?”

“As palavras que faltam”, disse Violet para os irmãos, como se o banqueiro com tosse não tivesse falado, “são 'violeta', 'táxi' e 'aguardando'. Nós não devemos ir com o sr. Poe. Devemos ir de táxi.” Ela apontou para o outro lado da praia, e as crianças conseguiram enxergar, quase invisível no meio da névoa, um carro amarelo estacionado junto ao meio-fio. Os Baudelaire assentiram, e Violet afinal voltou-se para o banqueiro.

“Não podemos ir com o senhor”, disse Violet. “Há uma outra coisa que precisamos fazer.”

“Não diga absurdos!”, disse o sr. Poe entre perdigotos. “Não sei onde vocês andaram, nem como chegaram aqui, nem por que estão usando camisas com um retrato de Papai Noel, mas...”

“É Herman Melville”, disse Klaus. “Adeus, senhor Poe.”

“Você vem comigo, rapazinho!”, ordenou o sr. Poe.

“Saionara”, disse Sunny, e os três Baudelaire saíram rapidamente para o outro lado da praia, deixando o banqueiro tossindo de perplexidade.

“Esperem!”, ordenou ele, depois de guardar o lenço. “Voltem aqui, irmãos Baudelaire! Vocês são crianças! São menores! São órfãos!”

A voz do sr. Poe foi ficando cada vez mais fraca enquanto as crianças seguiam pela areia. “O que você acha que significa a palavra 'violeta'?”, murmurou Klaus para a irmã. “O táxi não é roxo.”

“Mais código”, adivinhou Sunny.

“Talvez”, disse Violet. “Ou então, quem sabe, Quigley quis apenas escrever meu nome.”

“Órfãos Baudelaire!” A voz do sr. Poe estava quase inaudível, como se aquele encontro tivesse sido um sonho.

“Você acha que ele está no táxi, aguardando por nós?”, perguntou Klaus.

“Espero que sim”, disse Violet, e saiu correndo. Seus irmãos apertaram o passo atrás dela, que espalhava areia com suas botas. “Quigley”, disse ela baixinho, quase consigo mesma, e depois mais alto: “Quigley! Quigley!”.

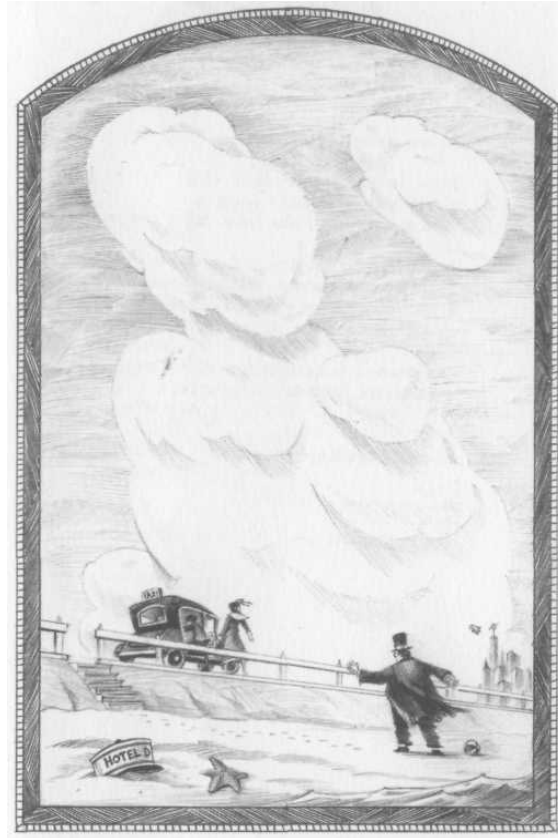
Por fim os Baudelaire chegaram ao táxi, mas os vidros do carro tinham sido tingidos, uma palavra que aqui significa “escurecidos para que as crianças não pudessem ver quem estava dentro”. “Quigley?”, perguntou Violet, e abriu a porta de repente, mas seu amigo não estava dentro do táxi. No assento do motorista, havia uma mulher que os Baudelaire nunca tinham visto, vestida com um casaco preto e comprido, abotoado até o queixo. Ela usava luvas brancas de algodão e levava no colo dois livros finos, provavelmente para se distrair enquanto aguardava. A mulher se assustou um pouco quando Violet abriu a porta, mas ao avistar as crianças inclinou a cabeça educadamente e sorriu de leve, como se não fosse uma estranha — mas também sem parecer uma amiga. Seu sorriso era daqueles que se

podem oferecer a um associado, ou a um outro membro de uma organização à qual você pertence. “Olá, irmãos Baudelaire”, disse ela, e fez um pequeno aceno para as crianças. “Subam a bordo.”

Os Baudelaire se entreolharam. Sabiam, é claro, que nunca se deve entrar no carro de um estranho, mas sabiam também que tais regras não se aplicam necessariamente a táxis, já que o motorista é quase sempre um estranho. Além disso, quando a mulher ergueu a mão para acenar, as crianças viram de relance os nomes dos livros que ela estava lendo para se distrair. Eram dois livros de poemas: *A morsa e o carpinteiro e outros poemas*, de Lewis Carroll, e *A terra desolada*, de T. S. Eliot. Talvez se um dos livros tivesse sido escrito por Edgar Guest, as crianças tivessem virado as costas e corrido de volta para o sr. Poe, mas é raro encontrar neste mundo alguém que aprecie a boa poesia, e nesse caso as crianças se permitiram vacilar.

“Quem é você?”, perguntou Violet por fim.

A mulher piscou e depois sorriu o discreto sorriso para as crianças mais uma vez, como se estivesse esperando que os Baudelaire respondessem a essa pergunta por eles mesmos. “Sou Kit Snicket”, disse ela, e os órfãos Baudelaire subiram a bordo, virando a sorte de suas vidas e rompendo o ciclo de desventuras pela primeiríssima vez.



Hotel Desenhos

8 0 0 6 3 2

Ao meu amável editor,

Meus inimigos, receio, têm
dedos extremamente compridos
para que o senhor não possa já

O Meu Caminho termina em um be-
frentista do posto de gasolina
o manuscrito completo,
chegar perto de um iósforo!

Lembre-se, o senhor é a minha
finalmente contadas ao grande

Respeitosamente,

Lemony Snicket

Lemony Snicket





Ao meu amável

Devo me desculpar
completamente im-
mas eu duvido que

Ao invés de seguir
campo de margari-
se o senhor cavar
livro décimo segun-

Lembre-se, o senhor é
finalmente contadas a

Respeitosamente

Lemony Snicket

Lemony Snicket





Ao meu amável editor

Devo mais uma vez
"terceira vez que
sem ninguém

O beco que fica atrás
um excelente esconder
a assustadora históri
cuidado de não usar o

Lembre-se, o senhor é
finalmente contadas ao gr

Respeitosamente,

Lemony Snicket

Lemony Snicket





Ao meu amável edi

Quantas desculpas
"quarta vez que
contínuas traigõ

Das mais cheias de
uma xícara de muito
O décimo segundo li

Lembre-se, o senhor é
finalmente contadas ao

Respeitosamente,

Lemony Snicket

Lemony Snicket





Ao meu amável edi

Por favor contin
Desta vez eu tenho
totalmente impos

O Canil Galway
late mais alto
capítulo neste

Lembre-se, o senh
finalmente contad

Respeitosamente,

Lemony Snicket

Lemony Snicket





S O O

Ao meu amável e

O último san
lavanderia d
título des

Seu nome,

Lembre-

Com um

LEMONY SNICKET recebeu diversas citações por bravura em face do mal, e diversas outras por cautela quando a bravura poderia ter se mostrado causa de aborrecimentos. Foi visto pela última vez por testemunhas pouco confiáveis e/ou de natureza particularmente suspeita. Usa o tempo livre para esconder todos os vestígios de suas ações.

Saiba mais sobre o autor no site: www.lemonysnicket.com (em inglês).

BRETT HELQUIST nasceu no Arizona, cresceu em Utah, e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Para retratar as vidas trágicas dos órfãos Baudelaire, usa lápis quebrados, tinta seca e caixas e mais caixas de lenços de papel.